UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO

FACULDADE DE FILOSOFIA, LETRAS E CIÊNCIAS HUMANAS

DEPARTAMENTO DE LETRAS CLÁSSICAS E VERNÁCULAS

PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LETRAS CLÁSSICAS

RODRIGO GARCIA MANOEL

TEORIA E PRÁTICA: ESTUDO E TRADUÇÃO DAS *EPÍSTOLAS* E *INVECTIVAS* DE
PSEUDO-SALÚSTIO E PSEUDO-CÍCERO À LUZ DOS *PROGYMNÁSMATA*

João Angelo Oliva Neto

São Paulo
2014

VERSÃO REVISADA

UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
FACULDADE DE FILOSOFIA, LETRAS E CIÊNCIAS HUMANAS
DEPARTAMENTO DE LETRAS CLÁSSICAS E VERNÁCULAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LETRAS CLÁSSICAS

**TEORIA E PRÁTICA: ESTUDO E TRADUÇÃO DAS *EPÍSTOLAS* E *INVECTIVAS* DE
PSEUDO-SALÚSTIO E PSEUDO-CÍCERO À LUZ DOS *PROGYMNÁSMATA***

Rodrigo Garcia Manoel

Dissertação apresentada ao programa de
Pós-Graduação em Letras Clássicas do
Departamento de Letras Clássicas e
Vernáculos da Faculdade de Filosofia,
Letras e Ciências Humanas da Universidade
de São Paulo, para obtenção do título de
Mestre em Letras Clássicas.

Orientador: Prof. Dr. João Angelo Oliva Neto

São Paulo

2014

VERSÃO REVISADA

AGRADEÇO

A meus pais, sem cujos exemplos e amores não teria chegado até aqui.

A meu grande amigo Douglas Galhardo Passatuto, o Ursão, sem cuja insistência não teria chegado à universidade onde concluí minha pesquisa.

A João Angelo Oliva Neto, o voto de fé dado à ovelha desgarrada, a dedicação, a orientação, a paciência, os comentários, as broncas, enfim, toda a atenção antes, durante e após esta pesquisa.

A João Batista Toledo Prado, Adriano Machado Ribeiro e Paulo Martins, os comentários, os apontamentos, as questões e observações que me desafiaram e enriqueceram a pesquisa e minha pessoa.

À CAPES, a bolsa de pesquisa, fundamental para que pudesse realizar esta dissertação.

A todos os professores do Programa de Pós-Graduação em Letras Clássicas, os cursos, os cafés com cultura, as produções acadêmicas e o profissionalismo.

A meu Mestre, Pai Rivas, o sentido que deu a minha vida. Axé, Babá mi!

E a minha melhor amiga, minha cúmplice, minha amante, minha companheira, minha cuidadora, minha parceira, minha esposa, minha mulher, Alice Quaresma Garcia, Ayobolaya, o amor, a paciência e compreensão, por suportar minhas angústias, minha tensão, meus maus humores, e o apoio sempre nos momentos mais difíceis e quando estive à beira de desistir desta pesquisa, dona da retórica mais eficaz e mais verdadeira, retórica que prescinde de palavras: a retórica do amor.

A Ayobolaya, felicidade da minha vida.

SUMÁRIO

AGRADEÇO	III
RESUMOS	IX
PARTE I: TEORIA	
1. Introdução	3
2. Contextos	5
a) Das <i>causae</i> às <i>suasoriae</i> e <i>controversiae</i>	8
b) <i>Declamação</i> e o ensino de retórica após Cícero	19
c) Os exercícios de Teão	24
d) Algumas palavras sobre autenticidade	31
e) Conclusões	37
3. Da tradução	
a) <i>Invectiva contra Cícero</i>	39
b) <i>Invectiva contra Salústio</i>	44
c) Epístolas I e II	45
PARTE II: PRÁTICA	
a) <i>Invectiva contra Cícero</i>	49
b) <i>Invectiva contra Salústio</i>	53
c) <i>Primeira epístola a César</i>	63
d) <i>Segunda epístola a César</i>	71
ANEXOS	
a) Petrônio e Tácito sobre a declamação	85
b) Kurfess e a autoria salustiana	88
c) Parágrafos I e II do discurso <i>contra Pisão</i>	107
SÍNTESE BIBLIOGRÁFICA	111

RESUMOS

Resumo: com a pesquisa busca-se descobrir quão estreita é a relação entre a teoria das prescrições retóricas feitas pelos *progymnasmata* de Élio Teão, Hermógenes, Aftônio e Nicolau e as produções escritas que nos restaram de alunos na iminência de praticar a oratória a partir do primeiro século d.C. Deste modo, pela análise dos documentos espera-se, primeiro, produzir mais informações sobre como se dava o ensino de tal disciplina entre os romanos, a) indentificando os temas de que se serviam os professores, a relevância de tais produções escritas para a aprendizagem de gêneros textuais, os lugares-comuns e os autores que eram modelo a imitar ou evitar e o modo como tal ação se dava por meio das palavras; b) fornecendo tradução da invectiva de (Pseudo-)Cícero e da invectiva e das epístolas a César de (Pseudo-)Salústio.

Palavras-chave: *Progymnasmata*; (Pseudo-)Cícero, (Pseudo-)Salústio; história da educação; retórica.

Abstract: this research aims to find out how close is the relationship between the theory of rhetorical prescriptions of Aelius Theon, Hermogenes, Aphtonius the Sophist, and Nicolaus the Sophist and remaining texts of students who were about to go on public speaking on first century A.D. Thus, the analysis of such documents is expected to give more information about rhetorical teaching among the Romans: identifying themes that served teachers, the relevance of such written productions for learning text genres, the common places and authors that were model to imitate or avoid and how such action took form through words. At last, there is a translation of the invective by (Pseudo -)Cicero and the invective and the epistles to Caesar by (Pseudo-)Sallust.

Keywords: *Progymnasmata*; (Pseudo-)Cicero ,(Pseudo-)Sallust; history of education; rhetoric.

PARTE I:

TEORIA

1. Introdução

Este trabalho busca descobrir quão estreita é a relação entre a teoria das prescrições retóricas encontradas nos *progymnasmata* e as produções escritas que nos restaram de alunos de oratória a partir do primeiro século d.C. Destarte, a análise dos documentos tem como objetivo angariar mais informações sobre como se davam o ensino e a aprendizagem de tal disciplina entre os romanos, isto é, de que temas se serviam os professores, qual o grau de dificuldade dos exercícios, de que forma eram estruturados, qual a relevância de tais produções escritas para o domínio de gêneros discursivos, quais os lugares-comuns e quais autores eram modelo a seguir ou evitar e como tal ação se dava por meio das palavras.

Para tanto, são as duas suasórias a César sobre a República, a invectiva contra Cícero e outra contra Salústio que compõem o *corpus* de minha pesquisa. Embora desprezados por alguns estudiosos, como mostrarei adiante, esses textos são importantes por revelar a relação entre teoria retórica e prática discursiva, ou, em outras palavras, as perspectivas docente e discente. E mais: trata-se de assunto pouco abordado aqui, de modo que a tradução, ainda incipiente, dos textos em português há de permitir ampliar o acesso à teoria e prática retórica por parte de estudiosos não versados em latim e grego.

Ademais, a pesquisa se realizará à luz da teoria antiga sobre a questão do ensino e da aprendizagem oratória segundo os autores de *progymnasmata* contemplados, adotando por parâmetro e baliza os próprios pressupostos, modos, meios e finalidades antigos. Não se trata de “julgar” juízos, procedimentos e postura ética dos antigos sob o olhar de nossos valores, mas de analisar a inter-relação de teoria e prática na coerência que apresentem segundo seus próprios valores.

Quanto ao material, para todas as fontes serão usadas prioritariamente edições filológicas, a saber, as edições críticas com aparato, os comentários e eventuais traduções. Por “comentários” entendo as publicações filológicas que discutem linha a linha o texto de determinado autor, desde a lição adotada na crítica textual até a interpretação de cada passagem. Secundariamente, edições e traduções de divulgação que aproveitarem aos fins da pesquisa.

Estrutura-se a pesquisa em duas partes. Na primeira parte, farei sintética apresentação do *corpus*, demonstrando como os textos que o compõem ora estiveram em voga e ora foram desprezados e, em seguida, refutarei este último pensamento, por meio de exemplificação de quão enriquecedores são para o estudo da retórica, sua teoria e

prática. Além disso, serão consideradas algumas teorias genéricas antigas e análises modernas concernentes ao objeto da pesquisa. Assim, para contextualizar os textos, demonstrar-se-á como mudou historicamente a terminologia retórica de Cícero até Tácito, em seguida, será brevemente tratado o gênero epistolar com relação ao *corpus*; investiga-se o papel da declamação no ensino de retórica; analisam-se as produções à luz dos manuais de Élio Teão, Hermógenes, Aftônio e Nicolau; discorre-se sobre a autenticidade, que foi muito debatida; ao fim e ao cabo, as conclusões a que cheguei.

Eminentemente prática, a segunda parte traz a tradução dos textos que motivaram o estudo, cujas conclusões nortearam, por sua vez, a própria tradução, e os critérios que segui.

2. Contextos

A *Suda*, léxico alfabético de autores e obras escrito no século X, menciona na letra “theta” certo Élio Teão, como autor de *progymnasmata*, “exercícios”, além de tratados retóricos e comentários sobre Demóstenes, Isócrates e Xenofonte¹. Os estudiosos assentem em que seja de fato ele o autor do tratado intitulado *Progymnasmata*, cuja datação, porém, é quase tão incerta quanto a autoria: pode ter sido escrito em qualquer década do primeiro século depois de Cristo. O que é certo, todavia, é que é o tratado mais antigo que nos restou a respeito das composições preliminares dos aspirantes a oradores, ou seja, *progymnasmata*.

Por ser o mais antigo, embora não tenha sido o primeiro (logo no início da obra diz “*não que outros não tenham escrito sobre isso, mas eu mesmo espero contribuir não pouco com os que estão começando a discursar*”²), deve refletir a tradição que lhe era anterior, porque temporalmente é próximo dos períodos em que se compuseram os escritos apócrifos que compõem o *corpus* da pesquisa. Com efeito, Teão, ao que parece, além de estar no horizonte de Quintiliano em algumas passagens³ – o que mostra como influenciou o estudo e a prática oratória na Roma da época – serviu também de modelo para outros tratados gregos sobre o mesmo tema, como o de Hermógenes (que viria a ser aquele cujo trabalho foi mais difundido), o de Libânio e o de Nicolau. Por isso, são os tratados-base utilizados para analisar as produções discentes de (Pseudo-)Salústio a César

¹ Cf. Kennedy, George A. *Progymnasmata: Greek textbooks of prose composition and rhetoric*, 2003, p. 1. No sítio <http://www.stoa.org> é possível acessar essa informação:

Θέων, Ἀλεξανδρεὺς, σοφιστὴς, ὃς ἐχρημάτισεν Ἀἴλιος. ἔγραψε Τέχνην, Περὶ προγυμνασμάτων, ὑπόμνημα εἰς Ξενοφῶντα, εἰς τὸν Ἰσοκράτην, εἰς Δημοσθένην, Ῥητορικὰς ὑποθέσεις· καὶ Ζητήματα περὶ συντάξεως λόγου, καὶ ἄλλα πλείονα.

Teão, de Alexandria, um sofista, chamado Élio. Escreveu um manual sobre introdução à retórica, comentários sobre Xenofonte, Isócrates, Dionísio e hipóteses retóricas, bem como investigações sobre a ordem do discurso e muitas outras coisas.

Tradução minha. Todas as traduções de textos latinos e gregos são de minha autoria, salvo quando houver indicação de autoria diferente.

² KENNEDY, G. *Op. cit.*, p. 59. No original: “οὐχ ὥς οὐχὶ καὶ ἄλλων τινῶν συγγεγραφότων περὶ οὕτων, ἀλλ’ οὐ μικρόν τι καὶ αὐτὸς ἐλπίζων συλλήψεσθαι τοῖς λέγειν προαιρουμένοις”.

³ Na *Institutio Oratoria*, III,6,49 e IX,3,76, respectivamente:

Fecerunt alii totidem status, sed alios, an sit, quid sit, quale sit, quantum sit, ut Caecilius et Theon [...] Hoc est πάρισον, ut plerisque placuit; Theon Stoicus πάρισον existimat quod sit e membris non dissimilibus [...].

Uns mantiveram o mesmo número de estados, além de outros, como “se é”, “qual seja”, “de que tipo seja”, “de que tamanho”, como Cecílio e Teão [...] isto é o *párisson*, como foi do parecer de muitos; Teão, o Estoico chama *párisson* o que apresenta partes não diferentes [...].

e Cícero, duas epístolas sobre a República ao primeiro imperador de Roma e uma invectiva contra o segundo, além de uma epístola de invectiva contra Salústio produzida por (Pseudo-)Cícero.

Mas qual a relevância desses textos? Ronald Syme diz que

As Epistulae ad Caesarem senem, como são chamadas, são claramente um par de missivas de aconselhamento a Júlio César. Essas *Suasoriae* foram um modismo e um credo por certo tempo, com grandes nomes apoiando-as, entre os mais importantes e ilustres, seja no estudo histórico, estilístico ou linguístico. Ceticismo e argumentos contrários costumavam ser ignorados ou esquecidos. A confiança, contudo, era prematura. A maré agora favorece o outro lado. Por vários motivos, será mais seguro e inteligente descartar tais produções.⁴

Pouco adiante, na mesma obra: “produziu-se uma *Invectiva contra Salústio* ao estilo ciceroniano. Opúsculo completamente inútil.”⁵

Para dar mais um exemplo, Hugh Last, no primeiro ensaio sobre as suasórias, traz:

As suasórias salustianas estão longe de ser trabalhos cuja origem e autenticidade possam ser consideradas questão de extrema importância. Como gênero de escrita, seu interesse é moderado; linguisticamente, são menos importantes que estranhas; e como registro histórico sofrem do defeito da maioria das suasórias: o autor não pode aconselhar sobre o passado e é impelido a lidar principalmente com as possibilidades do futuro.⁶

Ambos os autores supracitados distam no tempo e na argumentação: ao longo de seu texto, Hugh Last diz que a segunda epístola é cópia mal feita da primeira; Syme crê que a segunda epístola é desenvolvimento da primeira. Porém, conformam no pensar ambas como sem valor, porque espúrias, visto que passam em branco pelos autores da Antiguidade.

---

⁴ Cf. SYME (2002), p. 3: “The *Epistulae ad Caesarem senem*, as they are entitled, are ostensibly a pair of missives giving advice to Julius Caesar. These *Suasoriae* became a fashion for a time, and a creed, with weighty names in support, among the most authoritative and illustrious, whether in the study of history or of style and language. Distrust and the contrary arguments tended to be ignored or overridden. Confidence, however, was premature. The tide now sets the other way. For various reasons, it will be safe and wiser to discard these productions”.

⁵ Ibidem, “The Fame of Sallust”, p. 298-9: “...there was produced a Ciceronian Invektive against Sallust. Not a useful piece of work in any respect”.

⁶ Cf. On the Sallustian *Suasoriae* I, *The Classical Quarterly*, jul. – out. 1923, p. 151-62: “The Sallustian *Suasoriae* are far from being works whose origin and authenticity can be claimed as matters of earth-shaking importance. As forms of composition their interest is mild; linguistically they are less valuable than bizarre; and as historical records they suffer from the defect of most *Suasoriae*, that the author cannot advise about the past and is compelled to deal chiefly with the potentialities of the future”.

No entanto, a crítica de Hugh Last sobre o foco no passado, daí não servir à história, poderia ser respondida se se ponderar que o gênero deliberativo importa mesmo ao futuro, sem, todavia, desconsiderar a situação presente, não raro de crise ou necessidade em virtude de ações e ocorrência precedentes, ou seja, como uma engenharia reversa: pelos pontos deliberados do futuro podem-se aventar causas, estados e condições passadas que conduziram a este ou aquele aconselhamento.

Há ainda outro ponto em que as suasórias convêm à história: ao estudo histórico do ensino de retórica, e a argumentação futura pretende mostrá-lo.

Quanto às invectivas, a atribuída a Cícero nunca foi considerada autêntica pelos antigos, porém a contra Cícero gera controvérsias, visto que Quintiliano na *Institutio Oratoria* (IV,1,68) e (IX,3,89) refere passagens do primeiro e sétimo parágrafos:

Quid? Non Sallustius directo ad Ciceronem, in quem ipsum dicebat, usus est principio, et quidem protinus: “grauiter et iniquo animo maledicta tua paterer, M. Tulli”, sicut Cicero fecerat in Catilinam: “quo usque tandem abutere?”
ut... apud Sallustium in Ciceronem “o Romule Arpinas”...

E então? Salústio não se valeu do início direto dirigindo-se a Cícero, contra o qual ele discursava, e, logo de saída, não disse: “Suportaria com pesar e desassossego seus insultos, Marco Túlio”, tal como Cícero fizera contra Catilina: “até quando abusará?”
como... em Salústio contra Cícero, “ó, Rômulo Arpinate”...

Assim, como nas palavras de Syme suprarreferidas, dividiram-se as opiniões, uns a favor, outros contra a autenticidade desses textos.

Ainda que a autoria permaneça obscura, importam as produções por si mesmas. Ora, se é comum os estudiosos lamentarem o quanto se perdeu de textos e obras, cujos títulos ou palavras soltas pelo tempo nos foram legados, por que, então, desconsiderar esses aqui estudados? Trata-se de documentos, são autênticos textos latinos, quer sejam da época de Cícero, quer sejam até da época de Trajano, merecem atenção, sim, pois ali encontram-se técnicas retóricas de determinada época.

E aqui se abre a oportunidade para deixar meu pensamento: se conseguir aproximar tais produções de época mais definida, tornar-se-á possível aventar mais argumentos para a questão da autenticidade, embora julgue que, sejam de Cícero e Salústio ou não, por si sós esses textos têm muito a ensinar sobre prática retórica, adequação genérica e informações históricas, senão reais, ao menos plausíveis na mente dos autores, sejam quem forem.

Destarte, encerro a introdução para passar agora à classificação, ou antes, às classificações genéricas em que o *corpus* se insere: e aqui vale atentar à confluência genérica, como prevista já em Aristóteles:

Para o que delibera, o fim é o conveniente ou o prejudicial; pois o que aconselha recomenda-o como o melhor, e o que desaconselha dissuade-o como o pior, e todo o resto – como o justo ou o injusto, o belo ou o feio – o acrescenta como complemento. Para os que falam em tribunal, o fim é o justo e o injusto, e o resto também estes o acrescentam como acessório. Para os que elogiam e censuram, o fim é o belo e o feio, acrescentando, eles também, outros raciocínios acessórios.⁷ (1358b. 21-29)

a) *Das causae às suasoriae e controversiae*

Cícero, nas *Discussões Tuscianas*, no fim do prefácio do livro primeiro, quando diz que se iniciará nas *scholae*, ao modo dos gregos, compara tal atividade filosófica da velhice com a atuação passada, do seguinte modo:

ut enim antea **declamitabam causas**, quod nemo me diutius fecit, sic haec mihi nunc senilis est **declamatio**.⁸

Pois, assim como antigamente eu me **exercitava sempre declamando** causas forenses, coisa que ninguém fez por mais tempo do que eu, essa é agora a **declamação** da minha velhice.

Escrita por volta de 45, é uma das últimas obras filosóficas de Cícero, que nos anos finais da vida a tal assunto se dedicou. Assim, dista cerca de um ano do *Orator*, do *Brutus* e dez anos dos livros *De oratore*. Então, o que Marco Túlio queria dizer com *declamitabam causas* e *declamatio*? Bonner⁹, tomando Cícero, em obras como *De oratore* e *De inuentione*, além da *Retórica* de Aristóteles, da *Retórica a Alexandre* e da *Retórica a Herênio*, demonstra que *declamare*, e os possíveis correlativos gregos ἀναφανεῖν e κατῆχειν, compreendem exercícios de voz realizados por alunos e estudiosos de retórica não em âmbito público, isto é, apenas privado. É o que sugere a

⁷ Tradução de Manuel Alexandre Júnior, Paulo Farmhouse Alberto e Abel do Nascimento Pena, *Retórica*, Casa da Moeda, 1998, p. 56-7. (Série universitária – Clássicos de filosofia)

⁸ Em I, 7, negrito meu. A tradução seguinte é a do professor Sidney Calheiros de Lima, que foi utilizada em curso da Pós no primeiro semestre de 2012, ligeiramente adaptada por mim.

⁹ BONNER, S. F. *Roman declamation in the late Republic and early Empire*, University Press of Liverpool, 1949, p. 16-26.

ocorrência em *a Herênio*, possivelmente¹⁰ o tratado latino de retórica mais antigo, na seção sobre *pronuntiatio*.

No passo temos Cícero na quinta tusculana prestes a realizar *scholae*, ensaios filosóficos, na presença de amigos. Não se trata, então, de um contexto público, como do fórum, mas doméstico. E a comparação põe em relevo também o termo *causas*, que, ainda seguindo Bonner, e Lausberg¹¹, é como jargão mesmo da linguagem forense: a causa sobre a qual incide determinado litígio. Trata-se de exercício de composição em que os alunos das escolas retóricas compõem discursos sobre dado caso assumindo o papel da defesa ou da acusação, muita vez ensaiado nas horas de estudo privado, fora da escola, ou nela mesmo, diante do professor.

Logo, a comparação feita pelo Arpinate demonstra que, assim como Cícero, incipiente orador, muito treinou e exercitou *causas*, assim agora, na velhice, está se exercitando em gênero filosófico: fica subentendido que tanto ele se exercitou, que alcançou o primeiro lugar na eloquência romana, *quod nemo me diutius fecit* (“coisa que ninguém fez por mais tempo do que eu”), de modo que, se o treino valeu para a oratória, deve valer agora para a filosofia. Além disso, para Cícero, retórica e filosofia se complementam, de sorte que, como diz no *De oratore*¹², antigamente eram uma coisa só. O excerto funciona para captar a benevolência do leitor, já que se trata do lugar-comum da pretensa modéstia, tipicamente utilizado nos proêmios.

Contudo, *senilis est declamatio* pode ser traduzido como “esta minha declamação agora está velha”, porque se trata de um contexto em que a República romana chegava ao fim, e com ela o discurso de Cícero, pois agora já não teria a mesma força que antes, à época de seu consulado, por exemplo. Ou, considerando a oposição entre *antea* e *haec*, antes e agora, bem como o dativo de posse ligado a *declamatio*, ou seja, *mihi*, a tradução seria “agora só me resta a declamação”. Logo, a República envelheceu, então Cícero lança mão do discurso filosófico em vez do discurso consular ou senatorial, convenientes a funções administrativas que já tinham um sentido bem diferente. É uma oposição, pois, entre a situação atual e a anterior, evidenciada pela diferença na forma linguística adotada em sua obra. Logo, segundo essa ideia¹³, então, *declamatio* não se refere necessariamente a exercícios de declamação. Mas podem-se conciliar as duas ideias apresentadas: Cícero

---

¹⁰ Cf. SEABRA, Adriana; FARIA, A. P. C. *Retórica a Herênio*, Hedra, 2005, na introdução.

¹¹ LAUSBERG, H. *Handbook of literary Rhetoric*, Brill, 1998, primeira parte.

¹² Cf. Livro III, 142 et seq.

¹³ Cumpre notar que essa argumentação se deve a observação realizada pelo professor Adriano Machado Ribeiro quando da qualificação deste projeto, a 23 de novembro de 2012.

pode estar fazendo a oposição entre esses dois cenários políticos, e, consequentemente, ao dizer que sua *declamatio* é velha, ele o faz porque: a) sua retórica, cultivada na prática forense permitida pela República (obviamente resultante do exercício contínuo, de sua educação retórica desde a juventude), já não tem lugar no novo regime em questão; e b) a retórica, isto é, a *declamatio* apropriada ao novo regime será outra. A própria palavra *declamatio* permite entrever sentido de ensaio, estudo reservado, doméstico, em oposição à ação pública. Por fim, os tempos mudaram, a política mudou e, necessariamente, os modos de alcançá-la e exercê-la, incluindo-se aí a retórica.

Então, se *causas* são os exercícios realizados com a ação de *declamare* e são o que ocorre nessa obra tardia de Cícero, logo se pode supor que ele não chegou a conhecer ou, se conheceu (ao apontar a oposição entre os cenários políticos e o declínio de sua *declamatio*), não empregou a nova terminologia utilizada para tais práticas: *controversiae* e *suasoriae*.

É o que diz Sêneca, o Velho (Contr. I pr. 12):

Declamabat autem Cicero non quales nunc controversias dicimus, ne tales quidem, quales ante Ciceronem dicebantur, quas thesis vocabant. hoc enim genus materiae quo nos exercemur adeo novum est, ut nomen quoque eius novum sit. controversias nos dicimus; Cicero causas vocabat. hoc vero alterum nomen Graecum quidem, sed in Latinum ita translatum, ut pro Latino sit, “scholastica”, controversia multo recentius est, sicut ipsa “declamatio” apud nullum antiquum auctorem ante Ciceronem et Calvum invenire potest, qui declamationem a dictione distinguit; ait enim declamare iam se non mediocriter, dicere bene; alterum putat domesticae exercitationis esse, alterum verae actionis. Modo nomen hoc prodiit; nam et studium ipsum nuper celebrari coepit; ideo facile est mihi ab incunabilis nosse rem post me natam.

No entanto, Cícero declamava não aquilo que nós chamamos “controvérsias”. Pois esse gênero de matéria no qual nós nos exercitamos é de tal modo novo que também o nome dele é novo. Nós dizemos “controvérsias”; Cícero chamava de “causas”. Em verdade, este outro nome, certamente grego, mas traduzido do latim como se fosse latino, “escolásticas”; “controvérsia” é muito mais recente, assim como a própria “declamação” não pode ser encontrada em nenhum autor antigo antes de Cícero e Calvo, que distingue “declamação” de “dicção”, pois diz que ele ainda não declama aceitavelmente, mas fala bem. O primeiro julga que se trata de um exercício doméstico; o segundo, de uma ação verdadeira. Há pouco o nome apareceu, pois também o próprio estudo começou a ser apreciado recentemente. Assim é fácil para mim conhecer esta matéria, que nasceu depois de mim, desde o berço.¹⁴

Tem-se aí as *theseis*, as *causas*, as *controversiae* e até as *scholasticae*. Dando crédito a Sêneca, Cícero, na juventude, teria realizado seu treinamento com a *declamatio* doméstica, por assim dizer, por meio de *theseis* e *causae*.

¹⁴ Tradução de Artur Costrino ligeiramente adaptada por mim. Cf. *A lição dos declamadores: Sêneca, o rétor, e as suasórias*. Dissertação de mestrado, 2010, p. 10.

As *theseis* lidam com problemas gerais, universais, sem particularidades como tempo, espaço e pessoa, que, por sua vez, compõem as *causae*. Logo, considerando a proposição “Catão deve se casar?”, vê-se aí uma *causa* com uma *thesis* implícita: “deve-se casar?”. Quanto à questão terminológica, por vezes há diferenciação entre *causa infinita* (de ideia geral, sem situação, pessoa, tempo e local determinados) e *causa finita*¹⁵ (com situação, pessoa, tempo e local determinados), aquela sob os mesmos moldes da *thesis*, esta como a *causa* particular, ou *hypóthesis*. Ademais, a *causa* se estabelece por meio do estado da questão, que se define a partir de uma *controversia*, isto é – e aqui citando os mais comuns –, se se trata de *coniecturalis*, *legitima*, e *iuridicalis*. Desse modo, a *controversia* implica uma *causa* particular, de modo que *causa* e *controversia* podem até mesmo ser sinônimos, porém, como termos técnicos, estão ligadas a etapas diferentes do ensino retórico.

Assim, tomo a dissertação de Artur Costrino, que diz:

Com efeito, Cícero menciona a declamação como um exercício escolar, mas sugere também a inovação de sua prática entre adultos, como uma forma de relaxamento intelectual ou divertimento. Enquanto a primeira prática estava associada a escolas e professores, a declamação entre adultos, ao contrário, restringia-se ao âmbito privado da casa e aos amigos mais próximos.¹⁶

Em seguida cita Pablo Schwartz Frydman:

Nos tempos de Sêneca, a escola do retor centralizava já as duas práticas. Por conseguinte, a elas assistiam ocasionalmente pessoas adultas, que não eram retores, mas gostavam de ouvir e até pronunciar declamações.¹⁷

Costrino percorre ainda a arqueologia desse tipo de exercício retórico, remontando à primeira sofística para, da Grécia, chegar até a Roma de Sêneca, o Velho. Conclui que cada termo representa uma etapa do desenvolvimento histórico da retórica e dá tradução das *suasoriae* de Sêneca, considerando-as exercícios do gênero deliberativo e diferentes das *prosopopoeiae*, que alguns autores, como os por ele referidos Clark e Shank, veem como sinônimos. Sobre as *suasoriae* discorrerei após falar sobre as *invectivae* e como se encaixam nessa classificação.

---

¹⁵ Cf. Quintiliano, Inst. Or., III, 5, 5, em que descreve a diferença entre ambas.

¹⁶ Op. cit., p. 19.

¹⁷ Apud COSTRINO, Artur, op. cit., p. 19.

Anna A. Novokhatko¹⁸, que considera tais textos produção de alunos de retórica, isto é, exercícios, nas escolas de declamação, afirma que:

As formas escolhidas pelo professor para os exercícios de declamação eram conhecidas como *suasoriae*, exercícios declamatórios sobre um tema deliberativo fictício, ou como *controuersiae*, exercícios declamatórios sobre um tema legal imaginário. As *suasoriae* eram praticadas, nas escolas, antes das *controuersiae*, por serem mais fáceis. As invectivas contra Cícero e Salústio pertencem ao segundo tipo, às *controuersiae*, o que significa que eram declamações que imitavam um discurso proferido no senado.

Ora, as invectivas tratadas nada têm de causa legal, pois não versam nem sobre a ocorrência de um crime, nem sobre sua definição, nem sobre haver ou não justiça etc. São somente insultos. Logo, requerem classificação mais apurada.

Em seguida, ela vincula a origem das *controuersiae* a Ésquines, que teria praticado tais exercícios judiciais com os alunos na escola, em Rodes, em 330 a.C. Aponta também a visão de Quintiliano, que vincula a origem do exercício a Demétrio de Faleros. Por fim, cita George Kennedy (1994) para falar sobre as *prosopopoeia*:

Como G. A. Kennedy demonstra, os exercícios retóricos podiam tomar a forma de *prosopopoeia*. Na *prosopopoeia*, o falante imitava um indivíduo específico seja para dar algum tipo de conselho a outrem, seja para se engajar em um debate a fim de determinar qual a ação necessária à situação abordada. A *prosopopoeia* frequentemente se endereçava a algum indivíduo na segunda pessoa. Os oradores muita vez negligenciavam a argumentação e se fiavam em *ethos*, *pathos* e na *hyperbole* em vez de se utilizar da lógica e de provas. Essa definição serve para as invectivas aqui estudadas. Ambas as invectivas, contra Cícero e contra Salústio, representam exemplos de *prosopopoeiae*.¹⁹

---

¹⁸ Cf. Chapter 1, In *The Invectives of Sallust and Cicero*. Critical Edition with Introduction, Translation, and Commentary, 2009, p. 6: “The subject matter chosen by the teacher for declamatory exercises was known either as *suasoriae*, these being declamatory exercises on an imaginary deliberative theme, or as *controuersiae*, these being declamatory exercises on an imaginary legal theme. The *suasoriae* were practiced in school before the *controuersiae*, as they were considered the easier of the two forms. The invectives against Cicero and against Sallust belong to the second type, the *controuersiae*, which means that they were declamations in imitations of speech in the Senate.”

¹⁹ Cf. Op. cit., p. 6: “As G. A. Kennedy shows, the rhetorical exercises could take the form of *prosopopoeia*. In the *prosopopoeia* the speaker impersonated a specific individual and either provided some form of advice to another individual or engaged in a debate with himself in order to determine the required action for any given situation. The *prosopopoeia* frequently addressed a given individual in the second person. Orators often neglected argumentation and relied on *ethos*, *pathos* and *hyperbole* in the place of logic and proof. This definition suits the invectives studied here. Both the invective against Cicero and that against Sallust represent examples of *prosopopoeiae*.”

Nas linhas seguintes, a autora refere-se a Suetônio, que afirma que a matéria para a *prosopopoeia* é, segundo ele, extraída *ex historiis* (“da história”) ou *ex veritate ac re* (“da verdade e dos fatos”).²⁰

Portanto, as invectivas são *prosopopoeiae*, porque os autores se passam por Salústio e Cícero, respectivamente, e os discursos versam sobre tema retirado de episódios que, para os latinos de então, seriam verdadeiros, isto é, com personagens reais e sobre um tema real: a inimizade entre Cícero e Salústio. Logo, as invectivas são espécie do gênero demonstrativo chamada *prosopopoeia*, e não *controversia*, pois apresentam os autores Cícero e Salústio, um se dirigindo ao outro com insultos, de modo que importam as interpretações de quais seriam as palavras utilizadas por um e outro de acordo com seu caráter, ou de acordo com o que se imaginava sobre o caráter deles.

Contudo, a *prosopopoeia* não é só espécie, senão também característica muitas vezes necessária e presente em outras espécies do gênero, como no *panegírico*, em discursos de personagens nas monografias históricas, como nos discursos de César e Catão na *Conjuração de Catilina*, de Salústio, ou seja, sempre que houver caracterização ética. Por isso, conclui-se que se trata de exercício comum nas escolas retóricas e que seus rudimentos vinham da escola dos gramáticos, nas quais os alunos tinham de decorar, recitar e parafrasear poemas e textos de célebres personagens, ao que alude Pérsio, na sátira III, 44, quando diz:

saepe oculos, memini, tangebam paruos oliuo, grandia si nollem morituri uerba Catonis discere non sano multum laudanda magistro, quae pater adductis sudans audiret amicus.	Meus olhos, lembro, sempre eu irritava, com azeite se as palavras não quisesse altivas de Catão aos pés da morte aprender, tão novinho, pelo mestre endoidecido muito celebradas, que o pai, suando, ouvisse com os amigos.

Já as *suasoriae* são um tipo de exercício retórico que visa à declamação e cujo fim é demonstrar a capacidade de persuadir o interlocutor, ou a audiência, a respeito do

²⁰ Cf. NOVOKHATKO, op. cit., p. 7: “According to Suetonius, these original *controversiae* were drawn from two types of subject matter, *ex historiis*, by which he means from fantastic, mythological or romantic tales, and *ex veritate ac re*, which were based on real facts with the names of the localities also added.” (De acordo com Suetônio, essas *controversiae* originais são oriundas de dois tipos de matéria, *ex historiis*, ou seja, de contos fantásticos, mitológicos ou romanceados, e *ex veritate ac re*, com base em fatos reais, com o nome das localidades expressamente citados.).

caminho a seguir sobre algum assunto. Pode-se dizer, assim, que se trata de espécie do gênero deliberativo.

Em Quintiliano são muito citadas, como nas passagens seguintes:

Sunt et illae [theses] paene totae ad deliberatium pertinentes genus: 'ducendane uxor', 'petendine sint magistratus'; namque et hae personis modo adiectis suasoriae erunt.²¹

Existem, também, aquelas questões pertinentes quase que por completo ao gênero deliberativo: “deve-se casar?”, “deve-se tentar a magistratura?”, pois essas suasórias serão aplicadas somente a pessoas.

Quattuor fecit Athenaeus, προτρεπτικὴν στάσιν uel ορμητικὴν, id est exhortatium, qui suasoriae est proprius...²²

Ateneu dispôs quatro estados, προτρεπτικὴν στάσιν ou ορμητικὴν, isto é, o exortativo, que é próprio das suasórias...

...causae aut faciendi (ut 'deliberant patres conscripti an Fabios dedant Gallis bellum minitantibus') aut non faciendi: 'deliberat C. Caesar an perseueret in Germaniam ire cum milites passim testamenta facerent'. Hae suasoriae duplices sunt. Nam et illic causa deliberandi est quod bellum Galli minitentur, esse tamen potest quaestio [...]. Partes suadendi quidam putauerunt honestum utile necessarium. Ego non inuenio huic tertiam locum.²³

...causas sobre algo que se deve fazer (como “deliberam os pais conscritos se os Fábios devem responder com guerra às ameaças dos gauleses”) ou não (Caio Júlio César delibera se insistiria em ir à Germânia visto que os soldados fizeram testamentos aleatoriamente). Essas suasórias são duplas, porque na primeira a causa de deliberação é que os gauleses ameaçam com guerra, mas também pode ser essa dúvida [...]. Alguns julgaram as funções da persuasão como o honesto, o útil e o necessário. Eu não vejo lugar para este último.

Ideoque longe mihi difficillimae uidentur prosopopeiae, in quibus ad relicum suasoriae laborem accedit etiam personae difficultas: namque idem illud aliter Caesar, aliter Cicero, aliter Cato suadere debebit.²⁴

Por isso as prosopopeias me parecem, de longe, as mais difíceis, nas quais, ao trabalho adicional da suasória, soma-se ainda a dificuldade da personagem: pois a mesma peça deverá tentar convencer de um modo César, de outro Cícero, de outro Catão.

Neque ego negauerim saepius subsidere in controuersiis impetum dicendi prohoemio narratione argumentis, quae si detrahas id fere supererit quo suasoriae constant, uerum id quoque aequalius erit, non tumultuosius atque turbidius. Verborum autem magnificentia non ualidius est adfectanda suasorias declamantibus, sed contingit magis. Nam et

Eu não nego que, nas controvérsias, o ímpeto do discurso muita vez se abrande no proêmio, na narração, na argumentação, e, se retiras essas partes, quase que sobrar só o que consta nas suasórias, só que será mais uniforme, e não tão tumultuoso e violento. Os que recitam suasórias não devem, pois, se preocupar em afetar a magnificência das palavras com mais

²¹ *Int. Or.*, II, 4, 22, 5, em que fala sobre as *quaestiones* concernentes a cada gênero.

²² *idem*, III, 6, 45, 5.

²³ *idem*, III, 8, 20.

²⁴ *idem*, III, 8, 49.

personae fere magnae fingentibus placent, regum principum senatus populi, et res ampliores: ita cum uerba rebus aptentur, ipso materiae nitore clarescunt.²⁵

força, mas antes contê-la. É que agradam aos que simulam quase que somente as personagens grandiosas dos reis, dos príncipes, do senado, do povo e assuntos mais importantes: assim, porque as palavras devem se adequar às matérias, bem por isso elas resplandecem com mais brilho.

Ergo pars deliberatiua, quae eadem suasoria dicitur, de tempore futuro consultans quaerit etiam de praeterito.²⁶

Portanto, a parte deliberativa, igualmente chamada suasória, ao consultar sobre o futuro também pergunta sobre o passado.

Ita fere omnis suasoria nihil est aliud quam comparatio, uidendumque quid consecuturi simus et per quid, ut aestimari possit plus in eo quod petimus sit commodi, an uero in eo per quod petimus incommodi. Est utilitatis et in tempore quaestio: 'expedit, sed non nunc', et in loco: 'non hic', et in persona: 'non nobis', 'non contra hos', et in genere agendi: 'non sic', et in modo: 'non in tantum'. 27

Assim, quase toda suasoria nada é senão uma comparação, em que se deve observar o que poderíamos conseguir e de que modo, para que seja possível estimar se há mais ganho naquilo que buscamos ou, pelo contrário, se mais prejuízo nos meios pelos quais buscamos. Há também uma questão de utilidade a respeito do tempo: “convém, mas não agora”, do lugar: “não aqui”, da pessoa: “não a nós”, “não contra esses”, do modo de ação: “não assim”, e da medida: “não tanto”. na suasória, ainda que usemos do proêmio...

in suasoria etiam cum prooemio utemur...

Também em Tácito:

Nempe enim duo genera materiarum apud rhetoras tractantur, suasoriae et controversiae. Ex his suasoriae quidem etsi tamquam plane leviores et minus prudentiae exigentes pueris delegantur, controversiae robustioribus adsignantur, — quales, per fidem, et quam incredibiliter compositae!²⁸

Com efeito, dois tipos de matéria são tratados pelos rétores: suasórias e controversias. Dessas, as suasórias, de um lado, são delegadas aos meninos tanto por serem muito fáceis como por exigirem menos prudência; as controversias, de outro, são endereçadas aos mais treinados e, pela Boa-Fé! Como são incrivelmente compostas!

Esses são alguns exemplos. Neles, pode-se perceber que a palavra *suasoria* ora se refere a uma espécie oratória, ora ao gênero deliberativo, ou ainda como adjetivo indicando “persuasivo, convincente”. No *Oxford Latin Dictionary* consta que se trata de “um exercício retórico que se baseia no aconselhamento em reuniões públicas, sendo os

²⁵ *Int. Or.*, III, 8, 60.

²⁶ *Idem*, III, 8, 6.

²⁷ *Idem*, III, 8, 34.

²⁸ *Dia. Ora.* 35, 4.

temas tomados de situações históricas reais”²⁹, seguida de alguns poucos exemplos, como o passo citado em Tácito. No entanto, essa definição não parece por completo apropriada, porque, como em alguns exemplos vistos, pode-se referir esse vocábulo ao próprio gênero deliberativo, não apenas à espécie homônima; aliás cada vez mais situações irreais, consideradas já pelos antigos absurdas (ver no ANEXO excertos de Petrônio e Tácito) passaram a dominar a matéria das *suasoriae*.

Buscando mais informações sobre o gênero deliberativo nos manuais retóricos, encontram-se na *Retórica a Alexandre* os três gêneros, os quais H. Rackham traduz como “*parliamentary, ceremonial and forensic*”³⁰. Seguindo o grego, “*ceremonial*” é o epidíctico (ou demonstrativo), traduzido como “cerimonial” nessa edição da Loeb por seu caráter laudatório, como nas orações fúnebres (aqui vale lembrar de Platão o *Menexeno*, e os discursos fúnebres de Péricles); o discurso “forense” é aquele voltado às disputas legais, a respeito do justo e do injusto (Τὸν δίκον καὶ τὸν ἀδίκον); e o “parlamentar”, próprio das assembleias.

Na *Retórica a Herênio*³¹, o autor traz, no segundo parágrafo, concisamente o número dos gêneros e suas definições, em que é possível interpretar que, do gênero deliberativo, as espécies são duas e acordes com as funções desse tipo, persuadir e dissuadir:

Tria genera sunt causarum quae recipere debet orator: demonstrativum, deliberativum, iudiciale. Demonstrativum est quod tribuitur in alicuius certae personae laudem uel vituperationem. Deliberativum est in consultatione, quod habet in se suasionem et dissuasionem. Iudicale est quod positum est in controversia, et quod habet accusationem aut petitionem cum defensione.

Três são os gêneros de causas a que o orador deve atentar: demonstrativo, deliberativo e judiciário. O demonstrativo é aquele em que se imputa elogio ou vitupério a determinada pessoa. O deliberativo se dá na assembleia e nele se encontram a persuasão e a dissuasão. O judiciário é aquele que depende da controvérsia e onde se encontram a acusação ou uma petição de defesa.

²⁹ Cf. Suasoria ~ae, f. [next]: A rhetorical exercise based on the giving of advice at public meetings, the themes being taken from actual historical situations.

³⁰ In ARISTOTLE, *Problems II: Books 22-38*. Cambridge: Harvard University Press, 1942, p. 275: “Speeches are of three kinds: parliamentary, ceremonial and forensic. Of these there are seven species, exhortation, dissuasion, eulogy, vituperation, accusation, defense, and investigation – either by itself or in relation to another species” (Os discursos são de três tripas: parlamentares, cerimoniais e forenses. Destes há sete espécies: a exortação, a dissuasão, o elogio, a vituperação, a acusação, a defesa e a investigação, quer estejam em sua forma pura ou relacionados a outras espécies.) e p. 274: Τρία γένη τῶν πολιτικῶν εἰσι λόγων, τὸ μὲν δημηγορικόν, τὸ δὲ ἐπιδεικτικόν, τὸ δὲ δικανικόν. εἶδη δὲ τούτων ἑπτὰ, προτρεπτικόν, ἀποτρεπτικόν, ἐγκωμιαστικόν, ψεκτικόν, κατηγορικόν, ἀπολογικόν, καὶ ἐξεταστικόν ἢ αὐτὸ καθ' αὐτὸ ἢ πρὸς ἄλλο. (1421b)

³¹ I,2. [CÍCERO]. *Ad. C. Herennium de ratione dicendi*. Trad. Harry Caplan. London: Loeb classical Library, 1942, p. 4.

No *De inv.* I, 7, Cícero segue Aristóteles:

Aristoteles autem, qui huic arti plurima adiumenta atque ornamenta subministravit, tribus in generibus rerum versari rhetoris officium putavit, demonstrativo, deliberativo, iudiciali. demonstrativum est, quod tribuitur in alicuius certae personae laudem aut vituperationem; deliberativum, quod positum in disceptatione civili habet in se sententiae dictionem; iudiciale, quod positum in iudicio habet in se accusationem et defensionem aut petitionem et recusationem. et, quemadmodum nostra quidem fert opinio, oratoris ars et facultas in hac materia tripartita versari existimanda est.

Aristóteles, contudo, que colaborou com muitas informações e ornamentos para esta arte, pensava que o ofício do orador residia em três gêneros de ações: demonstrativo, deliberativo e judiciário. O demonstrativo é aquele em que se imputam louvor e vitupério a determinada pessoa; o deliberativo, aquele que é próprio de debate público e em que se profere uma avaliação; o judiciário, aquele que é próprio de disputa legal e em que se encontram a acusação e a defesa ou a denúncia e a apelação. E, como é de nosso parecer, a arte e capacidade do orador deve se concentrar nesta matéria tripartida.

Seguindo agora o texto das epístolas a César, há na Ep.I, ainda no proêmio:

Ergo omnes magna, mediocri sapientia res huc vocat, quae quisque optuma potest, uti dicant. Ac mihi sic videtur: qualecumque modo tu victoriam composueris, ita alia omnia futura.

Sed iam, quo melius faciliusque constituas, paucis, quae me animus monet, accipe.

Por isso, o assunto invoca todos, de grande ou média sabedoria, para que aconselhem, cada um, o melhor que puderem. Quanto a mim, parece-me que, pelo modo, seja qual for, que obtiveres a vitória, assim será tudo o mais.

Agora, para que o consigas melhor e mais facilmente, aceita em poucas palavras o que a mente me instrui.

E na Ep. II, logo na primeira linha: *Scio ego, quam difficile, atque asperum factu sit, consilium dare regi aut imperatori* (“Sei quão difícil e árduo é o feito de aconselhar um rei ou soberano”).

E ambas tratam disso: conselhos a César sobre administração da República.

Logo, *suasoriae*, ou seja, discursos do gênero deliberativo. Assim, a suasória convém ao gênero deliberativo porque, como se trata de gênero centrado na audiência e voltado ao futuro para convencer sobre o útil, quando se tenta convencer um destinatário que esteja à frente do emissor em termos de *dignitas* ou posição política, os conselhos constituem uma forma decorosa para atingir esse fim persuasivo. Aliás, em ambas o emissor, *Sallustius personatus*, nas palavras de Kurfess³², dá-se o papel de conselheiro a

³² Cf. “De invectivis quae tamquam Salustii et Ciceronis traditae sunt”, in *Mnemosyne*, v. 40, 1912, 364-380, cuja tradução consta ao fim desta pesquisa.

César. Desse modo, ele precisa adequar suas palavras e ideias tanto à pessoa do historiador quanto à pessoa do general romano.

Contudo, ambas diferem.

A Ep.I se encerra do seguinte modo:

Nam sive hac seu meliore alia via perges, a me quidem pro virili parte dictum et adiutum fuerit. Relicuum est optare uti quae tibi placuerint ea di immortales adprobent beneque evenire sinant.

Afinal, se seguires por este ou melhor caminho, terei ao menos falado e ajudado do melhor modo possível, de acordo com minhas forças. Agora é rezar para que os deuses imortais aprovem o que te agradar e permitam que tudo te seja favorável.

Ao passo que, na Ep.II, o final é:

Quae mihi utilia factu visa sunt, quaeque tibi usui fore credidi, quam paucissimis potui, perscripsi. Ceterum deos immortalis obtestor, uti, quocumque modo ages, ea res tibi reique publicae prospere eveniat.

O que me pareceu mais útil de fazer e que a ti fosse o mais proveitoso, escrevi em quantas poucas palavras pude. Por fim, tomo os deuses imortais por testemunhas para que, de qualquer forma que agires, todas as ações procedam afortunadamente a ti e à República.

Assim, quanto à forma, simula um discurso a primeira, como se vê pelo passo apontado, em que o autor utiliza *dictum* (“disse”) para se referir à própria ação de aconselhamento; a segunda, uma epístola, pois ali encontramos *perscripsi*, forma enfática de *scripsi* (“escrevi”). Então por que ambas são conhecidas, como *epistulae ad Caesarem*? Talvez porque, como Syme aponta³³, esses textos foram transmitidos sem o nome do autor, numa “miscelânea”, em suas palavras, que incluía discursos e epístolas apartados das obras autênticas de Salústio, cujo manuscrito mais antigo remonta ao século X, no Cod. Vat. Lat. 3864.

Para concluir, então, considerar-se-á, a partir da exposição feita até aqui, que as invectivas são espécies do gênero demonstrativo, em forma de discurso com lugar no fórum ou senado, que podem ainda ser chamadas exercícios de *prosopopoeia*. As *suasórias* apresentam confluência genérica, e assim a Ep. I é um discurso deliberativo suasório, ou simplesmente uma *suasoria*, ao passo que a segunda é uma epístola suasória.

³³ Cf. Cf. APPENDIX II: THE FALSE SALLUST, in *Sallust*, p. 318: “They are transmitted (without name of author) by Cod.Vat.Lat. 3864 in a miscellany which includes the speeches and letters culled from the authentic works of Sallust” (Nota de rodapé.).

Agora, antes de dialogar com os *progymnasmata*, importa, primeiro e brevemente, discorrer sobre o ensino de retórica com relação às *controversiae* e *suasoriae*.

b) Declamação e o ensino de retórica após Cícero

Até meados do segundo século a.C., conforme se deduz das informações tiradas de Plutarco sobre a instrução dada por Catão, o Velho, a seu filho, segundo a qual preparava o menino para as armas e as leis (*dura educatio*/“educação rígida”), bem como pelas comédias de Plauto e Terêncio, em que aparecem representações extremas do modo *durus* (“rígido”) e o modo *lenis* (“liberal”) de criação (*Adelphos*), o pai, em cujas mãos residia o poder de vida e morte de todos os membros da casa, não só dava o exemplo, como *praecepta* (“ensinamentos”) para os filhos. Assim, a participação dos pais era constante. Mas não só do pai: há muitos exemplos de família em que, após a morte do pai, a educação dos filhos recaiu sobre a tutela da mãe, como Cornélia, mãe dos Gracos, Aurélia, mãe de Júlio César, e Ácia, mãe de Otaviano; ou, quando da morte do pai e da mãe, passou para a tutela de avós ou tios, como Plínio, o Jovem, que por seu tio foi adotado e criado; ou ainda, vivos os pais, para a tutela de outros parentes segundo a conveniência, como Cícero e seu irmão Quinto. Logo, a família representa grande parte da criação das crianças, designada pela palavra *educatio*; porém, em virtude dessas tantas possibilidades das relações humanas, salvo um estudo de caso de personagens específicas, não é fácil determinar o papel da família na instrução infantil.³⁴ Então, além dos parentes, a educação das crianças servia-se do auxílio de outras mãos: os tutores e escravos. À nutriz cabia ensinar as primeiras letras e, além disso, o idioma grego, antes do estudo com o *grammaticus*. Essa primeira infância, por assim dizer, da aprendizagem com a nutriz e os pais ia até os sete anos, quando então se iniciava outro período da educação.³⁵

Após meados do segundo século a.C., o ensino passou a contar mais e mais com tutores estrangeiros, sobretudo gregos, que traziam conhecimentos retóricos há muito

---

³⁴ Para esses apontamentos sobre a educação infantil, sigo Stanley F. Bonner, em seus capítulos iniciais do livro *Education in Ancient Rome: from the Elder cato to the younger Pliny*, 1977.

³⁵ Essas e mais informações podem ser encontradas no supracitado livro de F. Boner, principalmente no Capítulo 2: “Education within the Family: (I) parentes and relatives, p. 10-19, bem como no livro I da *Ins. Or.*, em que Quintiliano trata da educação do orador a partir do berço, preocupando-se com a educação dos pais, a fim de que possam estar preparados para auxiliar na educação dos filhos. Cita ainda o cuidado que se deve ter ao escolher a nutriz (I,5): *Ante omnia ne sit vitiosus sermo nutricibus, quas si fieri posset sapientes Chrysippus optavit* (“Antes de tudo, a fala das nutrizes não deve ser viciosa, e, se possível, que sejam inteligentes, como Crisipo preferia”).

embebidos na sofística. Já em fins da República e início do Principado, pode-se dizer que havia um sistema de ensino formal estabelecido em Roma, responsável pela educação representada pela palavra *eruditio* (“instrução”).

O sistema englobava o *grammaticus*, o gramático, e o *rhedor*, o rétor. No livro *De grammaticis* (*Sobre os gramáticos*), Suetônio diz que os gramáticos de antigamente conduziam o curso até o nível retórico, de modo que ambas as funções se confundiam, embora fossem bem distintos os cargos. O modo de ensino era diversificado, e muito variava de professor para professor; contudo havia certos exercícios de que tanto o gramático quanto o rétor se utilizavam para preparar os alunos para a declamação.³⁶

E é justamente nessa “zona cinzenta”, em que se confundem o domínio dos gramáticos e o dos rétores, que os exercícios retóricos chamados *progymnasmata* se encontram.

Já se disse (páginas 10 a 13 deste trabalho) que na época de Cícero o treinamento se dava sob o nome de *causa* e a declamação era doméstica. Marco Túlio, aliás, no *De oratore* (sobre o orador), quando relembra o edito de Crasso contra as escolas retóricas latinas e louva o *tirocinium fori* (“estágio no fórum”), deixa entrever uma visão de que o ensino retórico que ganhava terreno, isto é, cada vez mais nas escolas, com alunos sentados o dia todo, não lhe agradava.

Na época de Sêneca, *controversiae* e *suasoriae* eram empregadas nas escolas, agora mais difundidas, e possivelmente atraíam não só jovens, como adultos, interessados em assistir às performances dos declamadores, ou seja, a declamação ao mesmo tempo ensinava e entretinha. Isso se dava em virtude da mudança do regime, pois as cortes menos poder tinham de fato, e a oratória e a eloquência, embora importantes para ascensão social, tornaram-se menos políticas do que exibicionistas. A menor liberdade que o regime oferecia teria conduzido ao exagero e excessivo cuidado com a elocução, o que se observa nos já referidos temas absurdos, por exemplo (ver ANEXOS).

E os temas, como os traz Sêneca nas *controversiae* e nas *suasoriae*, bebem da história grega e latina, com frequência reinventando situações: como o caso de Cícero que hesita se deve ou não queimar seus escritos para salvar a vida. Nessa *suasória*, traduzida por Artur Costrino na referida dissertação, vê-se a hipotética situação em que Marco Antônio perdoaria a Cícero as injúrias propaladas nas *Filípicas* se o Arpinate queimasse seus escritos: assim, os oradores disputam para ver que discurso cairia no

---

³⁶ Cf. SUETÔNIO, *De grammaticis*, e BONNER, op. cit.

agrado dos ouvintes, alguns tentando convencer Cícero a queimar seus escritos para viver, outros, tentando convencê-lo a aceitar a morte, uma vez que viveria com seus escritos na posteridade.

Assim, as *invectivas* retratam uma disputa entre Cícero e Salústio, ou melhor, uma pura e simples discussão, troca de impropérios e insultos, de acordo com os preceitos mais antigos. As *suasórias* retomam um tema da guerra civil, quando Júlio César se sagrou vitorioso.

Antes de investigar como os *progymnasmata* se relacionam com esses textos, seguem breves comentários sobre:

1. A invectiva.

Aristóteles, na *Retórica*, definiu os lugares de onde tirar argumentos para o louvor, e disse que de seus contrários resultam os argumentos para o vitupério. Desse modo, utilizando como base a tradução de Manuel Alexandre Júnior, Paulo Farmhouse Alberto e Abel do Nascimento Pena, já referida, tomo a liberdade de alterar o passo seguinte, trocando os argumentos discriminados para o louvor por seus contrários, isto é, aqueles que seriam utilizados para o vitupério:

Seja, pois, a **infelicidade** o **viver mal** combinado com o **vício**, ou a **insuficiência na vida**, ou a **vida mais desagradável com perigo**, ou a **escassez de bens materiais e dos corpos** juntamente com a **incapacidade** de os conservar e usar, pois praticamente todos concordam que a infelicidade é uma ou várias destas coisas.

Ora se tal é a natureza da **infelicidade**, é necessário que as suas partes sejam a **obscuridade**, **muitos inimigos**, **maus amigos**, a **miséria**, **maus filhos**, **poucos filhos**, uma **má velhice**; também os vícios do corpo como a **doença**, a **fealdade**, a **impotência**, a **baixa estatura**, a **fraqueza para a luta**; a **má-fama**, a **vergonha**, a **má sorte** e o **vício** [ou também as suas partes: a **imprudência**, a **covardia**, a **iniquidade** e o **desregramento**].

De:

Seja, pois, a **felicidade** o **viver bem** combinado com a **virtude**, ou a **auto-suficiência na vida**, ou a **vida mais agradável com segurança**, ou a **pujança de bens materiais e dos corpos** juntamente com a **faculdade** de os conservar e usar, pois praticamente todos concordam que a felicidade é uma ou várias destas coisas.

Ora se tal é a natureza da felicidade, é necessário que as suas partes sejam a nobreza, muitos amigos, bons amigos, a riqueza, bons filhos, muitos filhos, uma boa velhice; também as virtudes do corpo como a saúde, a beleza, o vigor, a estatura, a força para a luta; a reputação, a honra, a boa sorte, e a virtude [ou também as suas partes: a prudência, a coragem, a justiça e a temperança].³⁷

Ver-se-á que ambas as invectivas muito se utilizam desses preceitos.

2. *A epístola suasória e o discurso suasório.*

Embora em forma de epístola e discurso, uma e outra, por serem suasórias, aconselham ninguém menos do que o general Júlio César sobre as ações que deveria realizar após a vitória na guerra civil. Assim, dois excertos antigos sobre teoria epistolográfica podem lhes convir:

Primeiro, Júlio Victor:

Epistolis conveniunt multa eorum, quae de sermone praecepta sunt. Epistolarum species duplex est; sunt enim aut negotiales aut familiares. Negotiales sunt argumento negotioso et graui. In hoc genere et sententiarum pondera et uerborum lumina et figurarum insignia compendii opera requiruntur atque omnia denique oratoria praecepta, una modo exceptione, ut aliquid de summis copiis detrahamus et orationem proprius sermo explicet. [...] In familiaribus litteris primo breuitas observanda: ipsarum quoque sententiarum ne diu circumferatur, quod Cato ait, ambitio, sed ita recidantur, ut numquam verbi aliquid deesse videatur. [...] Epistola, si superiori scribas, ne iocularis sit.

Às epístolas convém muitos dos preceitos próprios da conversa. São dois os tipos epistolares: são ou de negócios, ou familiares. O argumento da primeira, que é sério, são os negócios. Nesse tipo requerem-se consistência das declarações, clareza das palavras, significativos esforços para a economia de artifícios de expressão e, enfim, todos os preceitos oratórios, com apenas uma exceção: que cortemos um pouco da excessiva copiosidade e a própria conversa desenvolva o discurso.[...] Nas epístolas familiares deve-se observar em primeiro lugar a brevidade, para que as máximas não estejam espalhadas por todo lado, como diz Catão, e sim que sejam aparadas a ponto de que não pareça jamais faltar uma palavra. [...] A epístola, se escrever a um superior, não deve ser zombeteira.³⁸

³⁷ Op. cit., 1998, p. 61, negritos meus. Cf. No original (1360b, 10-24): ἔστω δὲ εὐδαιμονία εὐπραξία μετ' ἀρετῆς, ἢ αὐτάρκεια ζωῆς, ἢ ὁ βίος ὁ μετὰ ἀσφαλείας ἡδιστος, ἢ εὐθηνία κτημάτων καὶ σωμάτων μετὰ δυνάμειος φυλακτικῆς τε καὶ πρακτικῆς τούτων: σχεδὸν γὰρ τούτων ἐν ἡ πλειῶν τὴν εὐδαιμονίαν ὁμολογοῦσιν εἶναι ἅπαντες. εἰ δὲ ἐστὶν ἡ εὐδαιμονία τοιοῦτον, ἀνάγκη αὐτῆς εἶναι μέρη εὐγένειαν, πολυφιλίαν, χρηστοφιλίαν, πλοῦτον, εὐτεκνίαν, πολυτεκνίαν, εὐγηρίαν: ἔτι τὰς τοῦ σώματος ἀρετάς (οἶον ὑγίειαν, κάλλος, ἰσχύν, μέγεθος, δύναμιν ἀγωνιστικὴν), δόξαν, τιμὴν, εὐτυχίαν, ἀρετὴν ἢ καὶ τὰ μέρη αὐτῆς φρόνησιν, ἀνδρείαν, δικαιοσύνην, σωφροσύνην.

³⁸ Da obra C. Iulii Victoris, *Ars Rhetorica*, XXVII. *De epistolis. In Rhetores latini minores*. Emendabat Carolus Halm. Lipsiae: Teubneri, 1863..

Segundo, de autor anônimo em *De epistolis*:

In epistolis considerandum est, quis ad quem et qua de re scribat. In eo autem, quis ad quem scribat, personarum accidentia spectanda sunt, quae sunt decem: genus sexus aetas instructio ars officium mores affectus nomen dignitas. Plurimum enim differt, nobili an seni an magistratui an patri an amico an prospere agenti an tristi scribamus, et his similia. In re de qua scribemus uidendum est, priuata an publica, sacra an extra religionem, nostra an aliena, magna an modica: sic enim non solum sensus temperandi et adfectiones adfectandae sunt, sed etiam dignitas elocutionis ipsius moderanda.³⁹

Deve-se considerar nas epístolas quem escreve, para quem, e de que matéria. Quanto a quem escreve para quem, devem-se observar características pessoais, que são dez: estirpe, sexo, idade, instrução, inteligência, ocupação, costumes, paixões, nome e prestígio. Faz muita diferença se escrevemos a um nobre, a um velho, a um magistrado, a um pai, a um amigo, a alguém bem-sucedido ou a alguém infeliz, e daí por diante. Sobre a matéria de que escreveremos deve-se observar se é assunto privado ou público, sacro ou profano, íntimo ou alheio, grave ou humilde: assim, pois, não só se devem ajustar os pensamentos e adequar as disposições, como também moderar a dignidade da própria elocução.

Dentre os gregos, como Demétrio, Pseudo-Demétrio e Pseudo-Libânio, há, inclusive, não poucas classificações de epístolas, como “aconselhatória”, “irônica”, “consolatória”, “recomendatória”, “laudativa” e muitas outras, bem como indicações sobre vários estilos, com predominância pela brevidade e, acima de tudo, observação à adequação, a quem se escreve e sobre o que se escreve.

Assim, de acordo com Pseudo-Demétrio (*circa* II a.C – III d.C), em *Týpoi epistolikoí*, as *suasoriae* estariam mais para o tipo de aconselhamento (*symbolleutikós*) e até mesmo para o laudatório (*epainetikós*)⁴⁰; já para Pseudo-Libânio (IV-VI d.C), em

³⁹ XX. *Excerpta rhetorica e codice parisino 7530 edita*. In C. Iulii Victoris, op. cit.

⁴⁰ Como considera Gilson Charles dos Santos, cuja tese de Doutorado trata justamente das Ep. ad. Caes. Ele diz que “Nas Ep. ad. Caes., o conselho é dado a César como vencedor, o que pressupõe seu elogio.” In “Para uma descrição das Epistulae ad Caesarem de (Pseudo-) Salústio”, *Codex*, vol. 2, n. 1, 2010, p. 145-161. Interessante notar que, quanto ao fato de o conselho ser dado a César já como vencedor, Syme faz disso um argumento, dizendo que o imitador conhecia os fatos de antemão. Quanto ao elogio, Demétrio, em seu *De Elocutione*, ao falar sobre estilo epistolar, diz que “Since occasionally we write to states or royal personages, such letters must be composed in a slightly **heightened** tone. It is right to have regard to the person to whom the letters is addressed. The heightening should not, however, be carried so far that we have a treatise in place of a letter, as is the case with those of Aristotle to Alexander and with that of Plato to Dion’s friends”, In Abraham J. Malherbe, *Ancient Epistolary Theorists*, p. 19, grifo meu, pois tal palavra refere-se, no original, a ἐξημύνειν, de ἐξαίρω, que, de acordo com Lewis and Short, possui a acepção de “raise in dignity, exalt, magnify”, daí o elogio, que seria adequado às circunstâncias. (Como escrevemos vez ou outra a personagens do estado ou da realeza, essas epístolas devem ser compostas num tom suavemente elevado. Com acerto, deve-se considerar a pessoa a quem se escreve. Essa “elevação” não

Epistolimaíoi charaktēres, estariam mais para o tipo mesclada (*mikté*). A respeito ainda do tipo de aconselhamento, Cícero se utiliza do mesmo termo em epístola a Ático, 12,40: “*Sumbouleutikón saepe conor*” (“Sempre tento a epístola de conselho). Pseudo-Demétrio fala também sobre o tipo epistolar vituperativo (*psektikós*), que se aproxima das invectivas.

Sobre as epístolas, ainda vale lembrar que sua utilização era comum em Roma; há, por exemplo, as coleções de epístolas de Cícero, compostas por missivas privadas e outras com vistas à publicação; destacam-se também as *negotiales*, como as recomendatórias. Sêneca, o Filósofo, e Plínio, o Jovem, também oferecem exemplos de usos diversificados para a epístola, como tratar de filosofia ou teorizar sobre linguagem. A forma epistolar, portanto, assim como os demais gêneros, certamente era parte do repertório docente dos *grammatici*.

Não há, contudo, informações sobre como se dava tal ensino. Isso não impede, todavia, que se façam suposições: se os alunos decoravam trechos de obras de autores latinos e gregos⁴¹, se os parafraseavam e os amplificavam, enfim, se os utilizavam como base para composições diversas, é bem provável que em algum momento o professor introduzisse a forma epistolar para promover exercícios como os de *prosopopoeia*, já que os alunos haviam de ter adquirido repertório significativo que lhes permitisse desenvolver a adequação ética.

Agora, passo a Teão para investigar como seu manual dialoga com todas essas classificações e com relação ao *corpus*.

c) Os exercícios de Teão

Teão dá início a seu manual da seguinte forma:

1. Οἱ μὲν παλαιοὶ τῶν ῥητόρων, καὶ μάλιστα οἱ εὐδοκιμηκότες, οὐκ ᾔοντο δεῖν ἐφικέσθαι τρόπον τινὰ τῆς ῥητορικῆς, πρὶν ἀμωσγέπως ᾗσασθαι φιλοσοφίας, καὶ τῆς ἐκεῖθεν ἐμπλησθῆναι μεγαλονοίας· νῦν δὲ οἱ πλείους τοσοῦτον δέουσι τῶν τοιούτων λόγων ἐπαῖειν, ὥστε οὐδὲ τῶν ἐγκυκλίων καλουμένων

1. Os rétores de antigamente, especialmente aqueles que granjearam boa reputação, pensavam que não se devia chegar à retórica sem antes ter contato com a filosofia e, então, enriquecer-se com a grandiosidade de seu pensamento. Agora, entretanto, a maioria está a tal ponto distante de compreender tais

---

pode, contudo, ser levada ao extremo, de modo que façamos um tratado em vez de epístola, como é o caso daquelas de Aristóteles a Alexandre e de Platão aos amigos de Dio.)

⁴¹ Cf. A *Arte Poética* de Horácio, versos 268-269: *Vos exemplaria Graeca/ nocturna versate manu, versate diurna*, “os exemplos gregos, estudai de noite, estudai de dia”.

μαθημάτων ὅτι οὖν μεταλαμβάνοντες ἄττονουσιν ἐπὶ τὸ λέγειν, καὶ τὸ πάντων ἀγροικώτατον, ὅτι οὐδὲ οἷς προσήκόν ἐστιν ἐγγυμνάμενοι, ἐπὶ τὰς δικανικὰς καὶ δημηγορικὰς ἵενται ὑποθέσεις, τὸ δὴ λεγόμενον κατὰ τὴν παροιμίαν, ἐν πίθῳ τὴν κεραμεῖαν μανθάνοντες. περὶ μὲν οὖν τῶν ἄλλων, ἃ χρὴ μανθάνειν τὸν μέλλοντα ῥητορεύειν, ἄλλοι γραφέτωσαν, ἃ δὲ πρὸ τῆς ὑποθέσεως ἀναγκαῖόν ἐστιν εἰδέναι τε καὶ ἐπεικῶς ἐγγυμνάζεσθαι, ταῦτα νῦν πειράσομαι παραδοῦναι, οὐχ ὥς οὐχὶ καὶ ἄλλων τινῶν συγγεγραφότων περὶ τούτων, ἀλλ' οὐ μικρόν τι καὶ αὐτὸς ἐλπίζων συλλήψεσθαι τοῖς λέγειν προαιρουμένοις. οὐ γὰρ μόνον τοῖς ἤδη παραδεδομένοις γυμνάσμασιν ἕτερα ἄττα ἐπεξεύρομεν, ἀλλὰ καὶ ἐκάστου ὅρον ἐπειράθημεν ἀποδοῦναι, ὥστε ἐρωτηθέντα, τί ἐστιν ἕκαστον αὐτῶν, ἔχειν εἰπεῖν, οἷον ὅτι μῦθος ἐστὶ λόγος ψευδῆς εἰκονίζων ἀλήθειαν, ἔτι τε καὶ τὴν διαφορὰν αὐτῶν πρὸς ἄλληλα δεδηλώκαμεν, καὶ τὰς ἀφορμὰς τῶν εἰς ἕκαστον λόγων παραδεδώκαμεν, προσυπεδείξαμεν δὲ καὶ ὥς ἂν τις αὐτοῖς ἐπιμελέστατα χρήσαιο. Ὡς δὲ καὶ παντελῶς εἰσιν ὠφέλιμα τοῖς τὴν ῥητορικὴν δύναμιν ἀναλαμβάνουσιν, οὐδὲ τοῦτο ἄδηλον. ὃ τε γὰρ καλῶς καὶ πολυτρόπως διήγησιν καὶ μῦθον ἀπαγγέλλας καλῶς καὶ ἱστορίαν συνθήσει, καὶ τὸ ἰδίως ἐν ταῖς ὑποθέσεσι καλούμενον [ἴδιον] διήγημα (οὐδὲ γὰρ ἄλλο τί ἐστιν ἱστορία ἢ σύστημα διηγήσεως) [ὅταν] ὁ ἀνασκευάσαι ταῦτα καὶ κατασκευάσαι δυνάμενος, μὴ μικρόν ἀπολείπεται τῶν τὰς ὑποθέσεις λεγόντων· πάντα γὰρ ὅσα ποιοῦμεν ἐν ταῖς δικανικαῖς ὑποθέσεσι, καὶ ἐνταῦθά ἐστι· [...] τῆς γὰρ ὑποθέσεως εἶδη τρία, ἐγκωμιαστικόν, ὅπερ ἐκάλουν ἐπιδεικτικόν οἱ περὶ τὸν Ἀριστοτέλην, δικανικόν, συμβουλευτικόν· ἀλλ' ἐπεὶ καὶ τοῖς νεωτέροις προβάλλειν πολλάκις εἰώθαμεν ἐγκώμια γράφειν, διὰ τοῦτο ἐν τοῖς προγυμνάσμασιν αὐτὸ ἔταξα [...].⁴²

estudos, que se mete a discursar sem tomar parte dos chamados conhecimentos gerais e, o que é pior de tudo, entra na prática das hipóteses judiciais e deliberativas sem o devido preparo, como diz o ditado: “aprendendo a arte da cerâmica já com um grande jarro”. Sobre o que mais deve aprender quem pretende discursar, outros escrevam; eu tentarei transmitir o que é necessário saber e praticar adequadamente antes de criar hipóteses. Não que já não se tenha escrito sobre isso, mas espero eu mesmo dar não pequena contribuição a quem está começando a discursar. E não só trazemos novidades aos exercícios que nos foram transmitidos, como também nos esforçamos para dar a definição de cada um, a fim de que, ante a questão “O que é cada um deles?”, haja o que responder, como que o mito é um discurso irreal que parece verdadeiro, e também demonstramos a diferença de um para os outros e fornecemos o início de cada um dos tipos de exercícios e como alguém pode se servir deles do melhor modo possível. Que os exercícios são extremamente úteis àqueles que estão se empenhando em desenvolver a força retórica não é nenhum segredo. Quem conseguir proferir uma narração e um mito de modo belo e versátil também de modo belo comporá *histórias*, assim como o que é particularmente denominado narração nas *hipóteses* (a história não é outra coisa senão um sistema de narrações), e quem puder refutá-los ou confirmá-los não estará distante dos que declamam as hipóteses; pois tudo que fazemos nas hipóteses judiciais também está contido nos exercícios. [...] Das hipóteses são três as espécies: encomiástica, que os seguidores de Aristóteles passaram a chamar epidíctica, judiciária e aconselhatória. Mas, já que costumamos mandar com frequência os jovens comporem encômios, bem por isso eu os incluí nos exercícios preliminares [...].

Percebe-se que Teão se refere provavelmente a autores como Aristóteles, Isócrates e Platão, além de estar de acordo com a ideia de Cícero, em todas as suas obras retóricas, e com o próprio autor do *ad Herennium*, no que concerne à filosofia como necessária à

⁴² Cf. PATILLON, Michel. *Aelius Theon: Progymnasmata*, 2002, p. 1, 2 e 4.

arte do discurso⁴³, visto que, em seguida, afirma que aqueles que se prestam a discursar à época o fazem sem o devido preparo, isto é, lançam-se à prática das *hypotheses* sem antes passar pelos exercícios preliminares. De todo modo, o que Élio Teão fará é demonstrar quais exercícios são necessários para a prática das hipóteses e como utilizá-los, pois, quanto ao que devem saber os alunos que já praticam a declamação, “outros escrevam”: aqui se devem inserir as artes retóricas como *Da invenção*, *Retórica a Herênio*, *Retórica a Alexandre* etc.

Prosseguindo, o excerto apresenta o lugar-comum da novidade, artifício comum nas artes retóricas, em que os autores criticam os predecessores e dizem tratar o assunto

⁴³ Cf. na *Retórica*, por meio da dialética, logo na primeira linha do livro I (1354a): “A retórica é a outra face da dialética; pois ambas se ocupam de questões mais ou menos ligadas ao conhecimento comum e não correspondem a nenhuma ciência em particular” (Ἡ ῥητορικὴ ἐστὶν ἀντίστροφος τῇ διαλεκτικῇ· ἀμφότεραι γὰρ περὶ τοιούτων τινῶν εἰσὶν ἃ κοινὰ τρόπον τινὰ πάντων ἐστὶ γνωρίζειν καὶ οὐδεμιᾷς ἐπιστήμης ἀφορισμένης); e também em 1355b: “É, pois, evidente que a retórica não pertence a nenhum gênero particular e definido, antes se assemelha à dialética.” (ὅτι μὲν οὖν οὐκ ἔστιν οὐθενός τις γένους ἀφορισμένου ἡ ῥητορικὴ, ἀλλὰ καθάπερ ἡ διαλεκτικὴ), traduções de Manuel Alexandre Júnior et al. Op. cit., p. 43 e 47. Em Isócrates, *Contra os sofistas*, 13-11, após atacar os sofistas por sua falta de credibilidade e incompetência, inicia o passo seguinte fazendo um contraponto claro à atuação daqueles e a sua própria: ἐγὼ δὲ πρὸ πολλῶν μὲν ἂν χρημάτων ἐτιμησάμην τηλικούτων δύνασθαι τὴν φιλοσοφίαν, ὅσον οὗτοι λέγουσιν, ἴσως γὰρ οὐκ ἂν ἡμεῖς πλεῖστον ἀπελείφθημεν, οὐδ’ ἂν ἐλάχιστον μέρος ἀπελαύσαμεν αὐτῆς (“For myself, I should have preferred above great riches that philosophy had as much power as these men claim; for, possibly, I should not have been the very last in the profession nor had the least share in its profits”), tradução de George Norlin extraída do site <<http://www.perseus.tufts.edu/hopper/>>; ver ainda 13-18; no discurso intitulado *Antidosis*, em 15-48, 15-183, 15-292. No *Banquete*, em 261a, Platão faz Sócrates dizer “πάριτε δὴ, θρέμματα γενναῖα, καλλίπαιδά τε Φαῖδρον πείθετε ὥς ἐὰν μὴ ἱκανῶς φιλοσοφήσῃ, οὐδὲ ἱκανός ποτε λέγειν ἔσται περὶ οὐδενός” (Vinde já, nobres seres, convencei ao formoso Fedro de que, se não for versado em filosofia, jamais será capaz de falar sobre qualquer coisa!), e, em 278e-279b, menciona Isócrates, que deveria cultivar a filosofia, pois já havia nele um quê de filósofo; cumpre mencionar ainda o *Górgias*, em que, após fazer Górgias cair em contradição, Sócrates debate com Cálicles, fazendo oposição entre a argumentação de um sofista e um filósofo; na retórica a *Herênio*, o *auctor* começa dizendo “Etsi negotiis familiaribus inpediti vix satis otium studio suppeditare possumus, et id ipsum quod datur otii libentius in philosophia consumere consuevimus, tamen tua nos, Gai Herenni, voluntas commovit ut de ratione dicendi conscriberemus... (Ainda que, impedidos pelos negócios familiares, dificilmente possamos dedicar ócio suficiente ao estudo, e dele o que nos é dado costumemos com maior satisfação consumir na filosofia, todavia, Caio Herênio, tua vontade moveu-nos a compilar este método do discurso... Tradução de Ana Paula Celestino Faria e Adriana Seabra, in: [Cícero], op. cit., 2005. O *Auctor* diz, logo no início de seu tratado, dedicar-se com satisfação à filosofia quando possui tempo, ócio. Ora, como é ele quem transmite os ensinamentos a Herênio – como um professor –, podemos dizer que sua primeira lição, para o leitor, Herênio, se atento, é seguir o exemplo que ele mesmo dá, do estudo da filosofia, que, conforme diz ao fim do livro IV, é motivo da amizade entre ambos. Quanto a Cícero, para citar apenas um exemplo, no parágrafo 72 do terceiro livro do *De oratore* há uma espécie de resumo da polêmica entre rétores e filósofos, que se apartaram, o que, não o fizessem, permitir-lhes-ia beber “indistintamente dessa fonte, se tivessem desejado permanecer em sua antiga união.” (Tradução de Adriano Scatolin, 2009); e é essa posição de união que Cícero aponta em sua obra. Aliás, tanto para Crasso como para Antônio, personagens dessa obra, é indiferente se a retórica é arte ou não, um dos principais pontos de conflito entre retóricos e filósofos. A diferença entre orador e filósofo, inclusive, chega quase a desaparecer no fim do livro III, no parágrafo 142: “De minha parte, não há problema que se chame de orador o filósofo que nos ensina o domínio das coisas e do discurso; ou, se preferir chamar de filósofo esse orador que, segundo afirmo, tem a sabedoria unida à eloquência, eu não o impedirei, com a condição de que fique claro que não se deve louvar a dificuldade de expressão daquele que conhece um assunto mas não é capaz de explicá-lo pela fala, nem o desconhecimento daquele a quem não basta o assunto, mas faltam palavras.”

de modo novo; depois fala novamente sobre a importância dos exercícios, cujas formas se encontram nas hipóteses, e dá três exemplos: encomiástica ou epidíctica, judiciária e aconselhatória.

Aí incluem-se os textos aqui tratados: segundo a terminologia, as invectivas são hipóteses epidícticas, ao passo que as epístolas a César são hipóteses aconselhatórias.

Quanto à *hipótese*, como foi visto (p. 22), trata-se de uma *tese* com pessoa, tempo e local determinados, como o caso “Catão deve se casar?”, e, em latim, ambos os termos correspondem à *questio infinita* e *quaestio finita* no discurso judiciário. Quanto à forma dos exercícios retóricos, para Cícero, *hipóteses* são as *causas*, que contêm em si uma *quaestio infinita*, mas, para Sêneca, as *suasoriae* e *controversiae*. No entanto, no início do prefácio das *controversiae*, Sêneca refere-se a tais exercícios como *theses*: ou é equívoco quanto ao uso do termo, ou quanto à concepção dos exercícios hipotéticos como teses particulares. Sobre elas diz Teão:

A tese é uma investigação que contém uma controvérsia discursiva sem pessoa determinada nem circunstância definida, do tipo “deve-se casar?”, “deve-se ter filhos?”, “os deuses existem?”. [...] Por isso Hermágoras chamou-a “o que está sendo julgado”, e Teodoro de Gádara, “o tópico” na hipótese.⁴⁴

E, ao falar da diferença entre *thesis* e *topos*:

Diferem no processo, porque o fim da tese é persuadir, o do *topos* buscar reparação, e porque se fala o *topos* no julgamento, ao passo que ela [a tese] nas assembleias e recitais, ainda, porque, aos *topos*, quem ouve são os juizes, às teses, as audiências, e em muitas outras coisas. Da prosopopeia [sc. difere], porque na tese não há pessoa, a prosopopeia, porque importa à invenção das palavras adequadas às pessoas apresentadas no discurso.⁴⁵

E mais:

Difere da prosopopeia porque a tese não mostra uma pessoa; já a prosopopeia refere-se à invenção das palavras adequadas à *persona* apresentada; pois alguém não produz discursos do mesmo modo vendo

⁴⁴ Cf. PATILLON, Michel. Op. cit., p. 82: Θέσις ἐστὶν ἐπίσκεψις λογικὴ ἀμφισβήτησιν ἐπιδεχομένη ἄνευ προσώπων ὀρισμένων καὶ πάσης περιστάσεως, οἷον εἰ γαμητέον, εἰ παιδοποιητέον, εἰ θεοὶ εἰσι. [...] διὰ καὶ Ἑρμαγόρας μὲν αὐτὴν κρινόμενον προσηγόρευκε, Θεόδωρος δὲ ὁ Γαδάρειος κεφάλαιον ἐν ὑποθέσει.

⁴⁵ Idem, ibidem. Cf.: διαφέρει δὲ καὶ τῇ ἐκβάσει, ὅτι ἐν μὲν τῇ θέσει τέλος ἐστὶ τὸ πείσαι, ἐν δὲ τῷ τόπῳ τὸ τιμωρίαν λαβεῖν, καὶ ὅτι λέγεται ὁ μὲν τόπος ἐν δικαστηρίῳ, ἡ δὲ ἐν ἐκκλησίᾳ καὶ ἀκροάσει, ἔτι τοῦ μὲν τόπου ἀκροῶνται δικασταί, τῆς δὲ θέσεως ἀπλῶς πολῖται, καὶ κατὰ ἄλλα πολλά. τῆς δὲ προσωποποιίας, ὅτι ἡ μὲν θέσις πρόσωπον οὐκ ἐμφαίνει, ἡ δὲ προσωποποιία, ὅτι πλεῖστον ἀναφέρεται ἐν τῇ τῶν οἰκείων λόγων εὐρέσει τοῖς εἰσαγομένοις προσώποις.

apenas se se deve ter filhos ou apresentando um pai que aconselha ao filho ter filhos.⁴⁶

Sobre a prosopopeia, Hermógenes faz uma distinção entre etopeia, prosopopeia e *eidolopeia*:

Etopeia é a imitação do caráter de uma pessoa hipotética, como que palavras Andrômaca diria a Heitor. Já prosopopeia é quando conferimos a uma coisa o caráter de pessoa, como o *Elenchos* em Menandro, e como o mar, em Aristides, discursa para os atenienses. A diferença é clara: naquela, fazemos discursos como de uma pessoa existente, nesta, não fazemos como se existisse uma pessoa. *Eidolopeia*, dizem, é quando atribuímos discursos aos mortos, como Aristides no *Contra Platão em nome dos quatro*, pois fez discursar aos que estavam com Temístocles.⁴⁷

Aftônio segue essa mesma diferenciação apresentada por Hermógenes. Já o manual de Nicolau não só é o primeiro a classificar os tipos de prosopopeia, como também refere que a visão mais correta é aquela que distingue prosopopeia de etopeia, dizendo inclusive que aquela está mais para os poetas, que têm por costume dar vida a coisas, embora diga que etopeia e prosopopeia sejam quase a mesma coisa.⁴⁸

Aqui, contudo, não se adota essa distinção, uma vez que as epístolas trazem como emissores pessoas, ou seja, seriam casos, de acordo com Hermógenes, Aftônio e Nicolau, de etopeia, ou simplesmente de prosopopeia, para Teão. Assim, utiliza-se daqui em diante apenas o termo prosopopeia, e cumpre referir Teão novamente, que, em 60,23⁴⁹, fala sobre sua utilização:

⁴⁶ Cf. PATILLON, Michel. Op. cit., p. 82: τῆς δὲ προσωποποιΐας, ὅτι ἡ μὲν θέσις πρόσωπον οὐκ ἐμφαίνει, ἡ δὲ προσωποποιΐα, ὅτι πλεῖστον ἀναφέρεται ἐν τῇ τῶν οἰκείων λόγων εὐρέσει τοῖς εἰσαγομένοις προσώποις· οὐ γὰρ τῷ αὐτῷ τρόπῳ τις τοὺς λόγους διαθήσεται ἀπλῶς σκοπῶν, εἰ παιδοποιητέον, καὶ παρεισάγων πατέρα συμβουλευόντα τῷ υἱῷ παιδοποιήσασθαι.

⁴⁷ Cf. 9, 20: Ἡθοποιία ἐστὶ μίμησις ἥθους ὑποκειμένου προσώπου, οἷον τίνος ἂν εἴποι λόγους Ἀνδρομάχῃ ἐπὶ Ἑκτορί. προσωποποιΐα δέ, ὅταν πράγματι περιτιθῶμεν πρόσωπον, ὥσπερ ὁ Ἑλεγχος παρὰ Μενάνδρῳ, καὶ ὥσπερ παρὰ τῷ Ἀριστείδῃ ἡ θάλασσα ποιεῖται τοὺς λόγους πρὸς τοὺς Ἀθηναίους. ἡ δὲ διαφορὰ δήλη· ἐκεῖ μὲν γὰρ ὄντος προσώπου λόγους πλάττομεν, ἐνταῦθα δὲ οὐκ ὄν πρόσωπον πλάττομεν. εἰδωλοποιΐαν δὲ φασιν ἐκεῖνο, ὅταν τοῖς τεθνεῶσι λόγους περιάπτωμεν, ὥσπερ Ἀριστείδης ἐν τῷ Πρὸς Πλάτωνα ὑπὲρ τῶν τεσσάρων· τοῖς γὰρ ἀμφὶ τὸν Θεμιστοκλέα περιῆψε λόγους.

⁴⁸ Cf. 64-65.

⁴⁹ Trata-se de excerto do prefácio: καὶ ἡ προσωποποιΐα δὲ οὐ μόνον ἱστορικὸν γύμνασμα ἐστίν, ἀλλὰ καὶ ῥητορικὸν καὶ διαλογικὸν καὶ ποιητικὸν, κἀν τῷ καθ' ἡμέραν βίῳ, κἀν ταῖς πρὸς ἀλλήλους ὁμιλίαις πολυωφελέστατον, καὶ πρὸς τὰς ἐντεύξεις τῶν συγγραμμάτων χρησιμώτατον. Em seguida, cita Homero como exemplo a ser louvado em virtude dos discursos que dá a seus personagens, mas critica Eurípedes por fazer Hécuba filosofar por demais.

E a prosopopeia não é somente um exercício histórico, como também retórico, dialógico e poético, utilíssimo tanto na vida cotidianda como nos relacionamentos entre as pessoas, e a mais necessária ao estudo dos autores de prosa.

Além dos tipos de tese, prática e teórica, em que uma convém às discussões filosóficas, a outra, ao âmbito retórico das assembleias – embora ambas possam ser utilizadas pelo orador –, interessa aqui ver que Teão julga necessário distinguir a prosopopeia da tese.

Já foi visto que Quintiliano parece distinguir a prosopopeia da suasória, como exercícios diferentes. Na já citada dissertação de Artur Costrino, há um comentário sobre essa diferença:

Essa questão [a diferença entre prosopopeia e suasoria] foi abordada aqui pois percebemos que estudiosos como Clark e Shenk tomam como certo que prosopopeia e suasória são a mesma coisa, enquanto vimos que não só a prática, expressa pelo exemplo de suasória tirada de Sêneca, não é assim, como tampouco a teoria antiga, expressa por Quintiliano. Interessante também notar que ambos os estudiosos, em seus textos, têm uma preocupação em comparar e transpor métodos da educação antiga para os dias modernos.

E em seguida cita Michael Winterbottom, para o qual as prosopopeias seriam uma variação da suasória, e conclui: “Vemos então que, de acordo com esse estudioso, baseado em Quintiliano, a prosopopeia, além de um exercício dos *progymnasmata*, pode ser uma espécie de suasória”.

Concordo. No entanto, pode ser que tão comum fosse o exercício da prosopopeia com o fim deliberativo do aconselhamento persuasivo, que a parte, isto é, a prosopopeia, tomou o lugar do nome que definia o todo, a suasória. Ao fim e ao cabo, uma sinédoque, do mesmo tipo que demonstrei no caso das *causae* e *controversiae*, em que as últimas eram parte necessária da primeira e, com o tempo, passaram a ser utilizadas como sinônimo mesmo daquela. E mais: se as prosopopeias são espécie da suasória, qual seria o nome da espécie suasória sem prosopopeia? Tal resposta não foi encontrada na bibliografia utilizada.

As chamadas *Epístolas a César*, então, são prosopopeias, ou suasórias prosopopaicas, ou, simplesmente, suasórias.

No início do capítulo II, em que Teão fala sobre a educação dos jovens e do uso dos exercícios preliminares pelos antigos, lê-se: “Antes de tudo, o professor deve apresentar aos jovens os bons exemplos recolhidos das letras antigas para que aprendam

e guardem na memória, tal como o da *chreia* que há em Platão no primeiro livro da *República*.”⁵⁰

Interessante notar que a palavra que traduz “das letras” é “συγγραμμάτων” e tem como acepção *prose work*, como diz Kennedy⁵¹. Não seria possível entender este vocábulo apenas como “escritos”, de modo a incorporar poetas, abertura sugerida por Patillon, ao traduzir como “*de bons exemples de chaque exercice dans les ouvrages des anciens*”⁵²

A resposta pode estar no próprio Teão, neste mesmo capítulo, seis páginas adiante:

Incluí essas coisas, não julgando todas úteis a todos os iniciantes, mas para que saibamos que exercícios são muito importantes não só para os que estão prestes a discursar, como também a quem queira partilhar da faculdade dos poetas, dos historiadores e dos outros discursos.⁵³

O que leva a pensar, forçosamente, que a aprendizagem de elementos retóricos, ainda que em grande parte voltada a estudos de exercícios em prosa, propicia a feitura de poemas.

Entre as autoridades citadas por Teão como exemplos a imitar, merecem destaque, em primeiro lugar, Heródoto, por combinar todas as características de que fala Teão, a saber: história genealógica, política, mítica, gnômica, biográfica e geral (talvez etnológica); em seguida Teopompo, Xenofonte, Filisto, Éforo e Tucídides, bem como Platão, Homero e, para encerrar esta exposição e passar a alguns comentários sobre autenticidade, uma citação sobre prosopopeia e o exemplo de autores-modelos: “A respeito da prosopopeia, que exemplos há mais belos que a poesia de Homero e os diálogos de Platão e dos outros Socráticos e os dramas de Menandro?”⁵⁴

⁵⁰ Cf. PATILLON, Michel. Op. cit., p. 9: Πρῶτον μὲν πάντων χρητὴν τὸν διδάσκαλον ἐκάστου γυμνάσματος εὖ ἔχοντα παραδείγματα ἐκ τῶν παλαιῶν συγγραμμάτων ἀναλεγόμενον προστάττειν τοῖς νέοις ἐκμανθάνειν, οἷον χρεῖας μὲν ὅποια ἐστὶν ἢ παρὰ Πλάτωνι ἐν τῷ πρώτῳ τῆς πολιτείας.

⁵¹ In *Progymnasmata: greek textbooks of prose composition and rhetoric*, 2003, p. 9: “First of all, the teacher should collect good examples of each exercise from ancient **prose works**”, negrito meu.

⁵² PATILLON, Michel. Op. Cit. p. 9.

⁵³ Cf.: ταῦτα μὲν οὖν παρεθέμην, οὐ νομίζων μὲν ἅπαντα εἶναι πᾶσιν ἀρχομένοις ἐπιτήδεια, ἀλλ’ ἵνα ἡμεῖς εἰδῶμεν, ὅτι πάντῃ ἐστὶν ἀναγκαῖον ἢ τῶν γυμνασμάτων ἄσκησις οὐ μόνον τοῖς μέλλουσι ῥητορεύειν, ἀλλὰ καὶ εἴ τις ἢ ποιητῶν ἢ λογοποιῶν ἢ ἄλλων τινῶν λόγων δύναμιν ἐθέλει μεταχειρίζεσθαι.

⁵⁴ Cf. 68,22: προσωποποιίας δὲ τί ἂν εἴη παράδειγμα κάλλιον τῆς Ὀμήρου ποιήσεως καὶ τῶν Πλάτωνος καὶ τῶν ἄλλων τῶν Σωκρατικῶν διαλόγων καὶ τῶν Μενάνδρου δραμάτων; ἔχομεν δὲ καὶ Ἰσοκράτους μὲν τὰ ἐγκώμια, Πλάτωνος δὲ καὶ Θουκυδίδου καὶ Ὑπερίδου καὶ Λυσίου τοὺς ἐπιταφίους, καὶ Θεοπόμπου τοῦ Φιλίππου ἐγκώμιον καὶ Ἀλεξάνδρου, καὶ Ξενοφῶντος τὸν Ἀγησίλαον.

d) Algumas palavras sobre autenticidade

Das epístolas: de acordo com Syme⁵⁵, Salústio ter-se-ia dedicado à escrita de suas monografias históricas depois de ser pretor de Júlio César na África (46 a.C.). Assim, de volta a Roma, contaria mais ou menos quarenta anos de idade (considerando seu nascimento em 87 a.C.), e o espaço de tempo até sua morte somaria dez anos (36 a.C.). Ou seja, Salústio teria escrito suas monografias no intervalo entre 46 e 36 a.C., mais provavelmente após a morte de Júlio César (44 a.C.). Logo, a datação dessas epístolas, para dar-lhes autoria salustiana, forçosamente considera o intervalo que começa no ano 49, começo da guerra civil, até março de 44 a.C., concomitantes ou não com as obras historiográficas, porque a Ep. I teria como data dramática, ainda de acordo com Syme, o outono de 48⁵⁶, após a batalha de Farsália e o assassinato de Pompeu no Egito – *bellum tibi fuit imperator, cum homine claro, magnis opibus, avido potentiae* (“Travaste, comandante, guerra com um homem célebre, de vastos recursos, ávido de poder”). Já a Ep. II tem sido datada como de 49 ou mesmo de 50, após a expulsão de Salústio do Senado. Contudo, quanto à datação da Ep. II, em artigo sobre a questão da autenticidade, Hugh Last⁵⁷ cita estudiosos que defendem o período de 21 de fevereiro de 49 (após a queda de Corfíno) até a morte de Bíbulo em 48⁵⁸. Ou seja, difere esta datação da de Syme, em que aquele ignora este dado, qual seja, o autor escrever tendo em mente Bíbulo ainda vivo. Portanto, há a possibilidade, se forem de Salústio, que tenham sido escritas ambas em 48 a.C., após o retorno de Salústio da África e, claramente, antes da morte de Júlio César.

No entanto, Hugh Last contesta a autenticidade salustiana, respondendo com argumentos sobre a matéria e o estilo. A respeito da matéria, infere que um autor contemporâneo, e Salústio ainda menos, não cometeria engano quanto a dados históricos, como em II, 4:

Lucius Sulla, cui omnia in victoria lege belli licuerunt, tametsi supplicio hostium partes suas muniri intellegebat; tamen, paucis	Lúcio Sila, a quem a vitória – tal é a lei da guerra – tudo permitiu, embora achasse que devia defender suas tropas com a tortura dos

⁵⁵ SYME, Sir Ronald. Op. cit. Cf. “APPENDIX”.

⁵⁶ Syme reporta que K. Büchner e K. Vrestka apontam 46 como data mais provável.

⁵⁷ Cf.: On The Sallustian Suasoriae I. *The Classical Quarterly*, v. 17, n. 2, abr. 1923, p. 87-100.

⁵⁸ Cf. Ep. II,9 (Marci Bibuli fortitudo atque animi vis in consulatum erupit: hebes lingua, magis malus quam callidus ingenio/ A coragem e o vigor de espírito de Marco Bíbulo manifestaram-se no consulado: lânguida língua, engenho mais vil que perspicaz), em que, segundo Hugh Last, fala-se de Bíbulo como este ainda vivesse.

interfectis, ceteros beneficio quam metu retinere maluit. At hercule cum M. Catone, Lucio Domitio, ceterisque eiusdem factionis, quadraginta senatores, multi praeterea cum spe bona adolescentes, sicuti hostiae, mactati sunt.

inimigos, preferiu, após poucas mortes, reter os restantes mais pelas vantagens do que por medo. Ao passo que, por Hércules! quarenta senadores foram imolados com Marco Catão, Lúcio Domício e outros da mesma facção, como oferendas, muitos, aliás, jovens de futuro promissor.

em que, primeiro, causa-lhe espanto o *paucis interfectis*, porque Sila não teria matado *paucos*, e, segundo, essa informação sobre a morte de quarenta senadores não encontra respaldo histórico, senão antes da segunda guerra civil, quando Marco Catão e Lúcio Domício seriam muito jovens para que pudessem exercer esse cargo. Além disso, em II,5 o autor diz que *in duas partes ego ciuitatem diuisam arbitror, sicut a maioribus accepi, in patres et plebem* (“em duas partes julgo a cidade separada, tal como aprendi com os antepassados, em patrícios e plebe;”), o que, segundo Last, é uma “futilidade que qualquer menino de seis anos poderia perceber”⁵⁹, embora importe cogitar se se trataria de algo tão óbvio e facilmente reconhecido para um menino de seis anos; afinal, se aos seis anos os romanos já tivessem esse conhecimento, com que idade o teriam aprendido? Deve-se tratar de exagero de Last para reforçar seu argumento, exagero que deve ser questionado caso tal ensinamento fosse transmitido aos romanos por volta dos dez anos de idade, ou seja, já sob a instrução do *grammaticus*, porque os exercícios retóricos ofereceriam a oportunidade para a prática desses conhecimentos. Então, seria fútil tal informação para um adulto, ainda mais um senador, mas não para um estudante na pré-escola retórica, por assim dizer.

Quanto à Ep. I, Last⁶⁰ diz não acreditar tratar-se de obra de Salústio, porém admite que existe a possibilidade. Sobre estilo ou elocução, há o uso de palavras na Ep. II próprias do período imperial, como *multipliciter* (“de várias formas”) e a expressão *magis aut minus* (“mais ou menos”)⁶¹.

Quanto aos argumentos mais contundentes elencados por Syme, constam também elementos formais, pois há muitas semelhanças entre as epístolas, como se a segunda fosse amplificação da primeira, e a elocução de ambas é a do Salústio historiógrafo, que,

⁵⁹ Op. Cit., p. 98.

⁶⁰ Op. cit., 1923, p. 87-100.

⁶¹ Aqui cita Kurfess, que vê a possibilidade desse uso em Salústio (*praeterea hae uoces, etsi in libris historicis non leguntur, tamen uere Sallustianae mihi uidentur esse*/ “ademais, essas palavras, ainda que não se encontrem nos livros históricos, contudo parecem-me verdadeiramente salustianas”), embora dele discorde.

inovadora, não poderia ter sido desenvolvida antes de 50 a.C., porém só após a morte de Júlio César, em 44⁶². Ademais, a elocução, ou, como diz Syme, o estilo próprio da história, não estaria de acordo com o modo epistolar, embora não fosse improvável sua utilização. Ele define: “o estilo é marcado, o modo, uniforme, as opiniões, coerentes – tanto que era fácil imitar ou parodiar Salústio”.⁶³ Aí reside a maior parte de sua argumentação: no fato de o imitador – ou imitadores – exagerar na utilização de vocábulos e estruturas próprias do autor da *Conjuração de Catilina*. Aqui, Hugh Last diverge, pois acredita que a Ep. II não passa de cópia, plágio mal feito da primeira. Portanto, segue-se aqui a argumentação a respeito do conteúdo e do estilo das epístolas realizada por Hugh Last e Ronald Syme contra a autenticidade das mesmas, exceto em um e outro pontos, como quando Syme diz:

E agora, enfim, o ponto decisivo. Salústio, em sua primeira monografia, aludiu a sua carreira política: *sed ego adulescentulus initio sicuti plerique studio ad rem publicam latus sum, ibique multa mihi aduersa fuere* [“Quanto a mim, fui primeiro levado por um desejo ainda na juventude, assim como muitos, a tomar parte da política”] (Cat. 3.3). O historiador, escrevendo em 42, por volta dos quarenta anos, volta seu olhar a um passado distante, a uma fase anterior da vida, completamente diferente. O impostor lança mão inocentemente da frase e produz: *sed mihi studium fuit adulescentulo rem publicam capessere* [“Mas eu tive, desde tenra idade, vontade de entrar na política”] (II. 1.3). Se Salústio o escrevera em 50, ainda estava próximo de sua estreia, um absurdo.⁶⁴

Assim, essas chamadas “epístolas”, embora não tenham autor definido, têm gênero, o deliberativo, do qual mais se aproximam, na forma epistolar e discursiva, e espécie, a prosopopeia ou suasória, de modo que se ligam ao ensino de retórica romano e fornecem informações sobre ele.

⁶² Ver Appendix I: The evolution of Sallust’s style e Appendix II: The false Sallust, In Syme, R. Op. cit, 2002, p. 305-351.

⁶³ Op. cit., “The Problem”, Cf. p. 3: “The style is marked, the manner uniform, the opinions coherent – so much so that it was easy to imitate or parody Sallust”. Ainda, na página 328, “Appendix II: The False Sallust”, traz “For a number of typical Sallustian words, the Epistulae equal or even exceed the total of occurrences in the first monograph. Thus ‘agito’ (Epp. 12: Cat. 13); ‘asper’, metaphorically (8:5); ‘clarus’ (9: 9); ‘exerceo’ (8:8); ‘mortales’ (12: 13); ‘socordia’ (5: 3). Also ‘parentes’ in collocation with ‘patria’: twice in Cat., but three times in Ep.II alone (II. 8.4; 13.1; 13.6).”

⁶⁴ Cf. “And now, at last, the deciding point. Sallust in the first monograph made allusion to his political career – “sed ego adulescentulus initio sicuti plerique Studio ad rem publicam latus sum, ibique multa mihi aduersa fuere” (Cat. 3.3). The historian, writing in 42, in his middle forties, is looking back a long way, to an earlier and totally different phase of his existence. The impostor innocently takes over the phrase and produces ‘sed mihi studium fuit adulescentulo rem publicam capessere’ (II. 1.3). If Sallust wrote that in 50, he was still close to his début, and absurd.” Ora, tal passo deve ter passado despercebido pelos estudiosos, para usar das palavras de Syme, porque é bem possível que esse desejo de participar da República viesse mesmo da adolescência, independentemente de Salústio ter chegado ao Senado tardiamente ou não, de modo que se refira àquela época, não a esta.

Sobre as invectivas, a atribuída a Cícero – de acordo com Novokhatko mais uma vez – nunca foi considerada autêntica, e a autora cita uma passagem em que o gramático Diomedes atribui a invectiva a certo Dídio,⁶⁵ embora ela também discorde dessa atribuição.

Em seguida, apresenta excerto da invectiva contra Cícero, juntamente com o da Ep. II, para compará-los a um passo da obra sobre figuras de palavras do rétor Rutílio Lupo, em que este teria traduzido ao latim passagem, que não restou, de Licurgo:

Immo vero homo levissimus, supplex inimicis, amicis contumeliosus, modo harum, modo illarum partium, fidus nemini, levissimus senator, mercennarius patronus, cuius nulla pars corporis a turpitudine vacat, lingua vana, manus rapacissimae, gula immensa, pedes fugaces: quae honeste nominari non possunt, inhonestissima.

Muito pelo contrário, trata-se do homem mais leviano, súplice aos inimigos, aos amigos deplorável, ora entre estes, ora entre aqueles, a ninguém confiável, o senador mais salafrário, patrono mercenário, em cujo corpo não há parte que careça de torpeza, cuja língua é vã, mãos, as mais rapaces, a gula, imensa, os pés, fugazes: os mais desonrosos atributos, que não se podem mencionar honrosamente.

e

An Lucii Domitii magna vis est, cuius nullum membrum a flagitio aut facinore vacat: lingua vana, manus cruentae, pedes fugaces; quae honeste nominari nequeant, inhonestissima?

Acaso há grande virtude em Lúcio Domício, do qual membro algum carece de moléstia ou crime? Língua vã, mãos sanguinárias, pés fugazes: atributos os mais desonestos, que honestamente não podem ser nomeados.

e em *Schemata Lexeos* I, 18, Μερισμος:

Hoc schema [...] Lycurgi: ‘cuius omnes corporis partes ad nequitiam sunt appositissimae: oculi ad petulantem lasciviam, manus ad rapinam, venter ad aviditatem, membra quae non possumus honeste appellare ad omne genus corruptelae, pedes ad fugam’.

Essa figura... de Licurgo: “todas as partes de seu corpo se voltam completamente à leviandade: os olhos, à petulante lascívia, as mãos, à rapina, o estômago, à aversez, os membros, que não podemos apontar honrosamente, a todo gênero de corrupção, os pés, à fuga”.

Ou seja, Licurgo (390-320 a.C.) é modelo, ou, nas palavras de Teão, παραδειγμα, exemplo para as produções discentes ou, até, utilizadas pelo próprio Salústio.

Alphonsus Kurfess também versou não pouco sobre essa questão. Em sua primeira edição das espístolas e invectivas, acreditava que a invectiva contra Cícero fosse

⁶⁵ NOVOKHATKO, op. cit., p. 112.

realmente da autoria de Salústio. Na segunda edição, já pensava o contrário; na terceira, mudava de novo o pensamento: decorrência do debate incansável sobre o assunto.

Então, o que concluir?

Para Novokhatko, diferentemente do pensamento de Syme e Last aduzidos acima:

A questão da atribuição das invectivas é complexa; por isso, é importante de início, pois, perceber que o valor das invectivas não diminui se não forem atribuídas a Salústio e Cícero. Pelo contrário, se for possível mostrar que elas são uma forma de exercício-padrão de retórica de sua época, sua importância para o historiador e o filólogo empenhados em compreender o papel e as formas da retórica na Roma antiga pode ser ainda maior.⁶⁶

E mais, esses textos são exemplos do

enunciado de uma enunciação (viva) do passado; é a prova, ainda viva, de que houve uma enunciação e, portanto, um enunciador e um enunciatário do latim; uma prova, enfim, de que houve cultura latina e de que esta se atualizava, linguisticamente, de um modo determinado.⁶⁷

Antes de passar às conclusões, avento mais uma hipótese. A invectiva contra Salústio pode ser apenas uma, de inúmeras produções parecidas e triviais; primeiro porque a rixa entre Salústio e Cícero se tornou tema fecundo; segundo, e aqui insiro minha contribuição à matéria, porque tal modelo de prosopopeia (de invectiva de Cícero contra Salústio) pode ter surgido em razão de motivos de natureza pessoal: alguém que ao mesmo tempo guardasse mágoas contra Salústio e fosse rétor. Por sinal, há um personagem que se enquadra em tal descrição, trata-se de Leneu, citado por Suetônio⁶⁸:

O primeiro – então, é o que pensamos – a introduzir o estudo da gramática em Roma foi Crates de Malos, coevo de Aristarco, que, enviado ao senado pelo rei Átalo no período entre a segunda e a terceira guerra púnica, à época da morte de Ênio, tendo levado um tombo em uma abertura do esgoto na região do Palatino e quebrado uma perna,

---

⁶⁶ Cf. Op. cit., p. 111: “The question of the attribution of the invectives is a complicated one; it is important therefore at the outset to note that the significance of the invectives is not diminished if they are not attributed to Sallust and Cícero. On the contrary, if they can be shown to be standard rhetorical exercises from their time, their importance for the historian and philologist attempting to understand the role and forms of rhetoric in ancient Rome may be even greater.”

⁶⁷ PRADO, J. B. T. O texto documento: sugestões de trabalho, p. 35. In: LIMA, A. D. et al. *Latim: da fala à língua*. Araraquara: FCL/Departamento de Linguística/Unesp, 1992.

⁶⁸ Sobre ele o *Dictionary of Greek and Roman biography and mythology*, de William Smith, diz tratar-se de um liberto de Pompeu que teria aberto uma escola de gramática, visto que possuía grandes conhecimentos e até vertera ao latim obra de Mitridates sobre venenos.

durante a embaixada e a convalescença fez muitas palestras e discursou assiduamente, servindo-nos de modelo a imitar. Entretanto, a imitação logrou apenas que poemas pouco divulgados de amigos mortos ou de alguns outros que tivessem agradado fossem examinados com muito empenho por meio de leituras e comentários e fossem até mesmo compartilhados com outros, como Caio Otávio Lampadio, que dividiu a *Guerra Púnica* de Nêvio em sete livros, cujo texto original tinha sido escrito seguidamente em um só volume; ou depois, como Quinto Vargunteio com os *Anais* de Ênio, declamados em dias determinados em meio a grande multidão; como Lélío Arquelau e Vétias Filôcomo com as *Sátiras* de seu amigo Lucílio, de cuja leitura com Arquelau e Filôcomo se envaidecem Leneu Pompeano e Valério Catão, respectivamente.⁶⁹

E por Plínio, o Velho:

Leneu, liberto de Pompeu, o Grande, e dele companheiro em quase todas as expedições, passou a tirar seu sustento de uma escola quando Pompeu e os filhos morreram; lecionou em Carina, próximo ao templo da Mãe Terra, região em que se situava a casa de Pompeu, e tanto era o amor que tinha pela memória do patrono, que atacou Salústio, o historiador (porque ele escrevera que Pompeu tinha rosto honesto, mas falso o espírito), com uma sátira deveras implacável, chamando-o de “efeminado, esganado, canalha e ordinário, monstruoso na vida e nas palavras, além de plagiador dos antigos ditos de Catão”. Diz-se ainda que foi levado de Atenas quando menino, retornou à pátria e, instruído nas disciplinas liberais, pagou o preço da própria liberdade, tendo sido alforriado, na verdade, por conta de sua inteligência e seu conhecimento.⁷⁰

⁶⁹ Cf. Suet. *De illis. gram.* 15: Primus igitur, quantum opinamur, studium grammaticae in urbem intulit Crates Mallotes, Aristarchi aequalis, qui missus ad senatum ab Attalo rege inter secundum ac tertium Punicum bellum sub ipsam Ennii mortem, cum regione Palatii prolapsus in cloacae foramen crus fregisset, per omne legationis simul et valitudinis tempus plurimas acroasis subinde fecit assidueque disseruit, ac nostris exemplo fuit ad imitandum. Hactenus tamen imitati, ut carmina parum adhuc divulgata vel defunctorum amicorum vel si quorum aliorum probassent, diligentius retractarent ac legendo commentandoque etiam ceteris nota facerent; ut C. Octavius Lampadio Naevii Punicum bellum, quod uno volumine et continenti scriptura expositum divisit in septem libros: ut postea Q. Vargunteius annales Ennii, quos certis diebus in magna frequentia pronuntiabat; ut Laelius Archelaus Vettiasque Philocomus Lucilii satyras familiaris sui, quas legisse se apud Archelaum Pompeius Lenaeus, apud Philocomum Valerius Cato praedicant.

⁷⁰ Cf. Suet, op. cit., 15: Lenaeus, Magni Pompei libertus et pene omnium expeditionum comes, defuncto eo filiisque eius schola se sustentavit; docuitque in Carinis ad Telluris, in qua regione Pompeiorum domus fuerat, ac tanto amore erga patroni memoriam extitit, ut Sallustium historicum, quod eum oris probi, animo inverecundo scripsisset, acerbissima satyra laceraverit, lastaurum et lurconem et nebulonem popinonemque appellans, et vita scriptisque monstruosum, praeterea priscorum Catonisque verborum ineruditissimum furem. Traditur autem puer adhuc Athenis surreptus, refugisse in patriam, perceptisque liberalibus disciplinis, pretium suum retulisse, verum ob ingenium atque doctrinam gratis manumissus.

O único entre nós que antes tratara dessa ciência – que eu saiba, é claro – , foi Leneu Pompeano, liberto de Pompeu, o Grande, e em cujo tempo, creio, ela veio pela primeira vez até nós.⁷¹

Destarte, Leneu pode ter sido coetâneo de Cícero e Salústio, no fim da República, e um dos pioneiros na nova fase do ensino retórico, já diferente da época de Cícero e rumo às declamações fantasiosas da época de Sêneca; aliás, motivado pela malquerença que nutria por Salústio, contra o qual chegou a escrever sátiras, por que motivos, então, não se utilizaria dessa matéria para ministrar o ensino gramatical, promovendo o treinamento de gêneros epidícticos como do louvor e, no caso, vitupério? Trata-se de mais uma possibilidade, a que a pesquisa me permitiu chegar. Aliás, ainda que não seja ele o autor, as sátiras que escreveu podem ter sido conhecidas de outros rétores e utilizadas como fonte para tirar matéria vituperativa para invectivas, dentre as quais essa que restou.

e) Conclusões

De minha breve exposição, concluo o seguinte:

Em primeiro lugar, acredito que as epístolas e invectivas são exercícios retóricos: as primeiras, provavelmente nas escolas de retórica e já voltadas à declamação; a Ep. I como exercício de composição em forma epistolar e a Ep. II um desenvolvimento dela, basicamente por meio da amplificação, com vistas à declamação propriamente dita. Desse modo, com Syme, Last e Novokhatko, creio que a elocução das epístolas, que refletem a de Salústio, não confere com a prática epistolar esperada: isto é, de linguagem simples; nem com o discurso, a menos que se pense que Salústio quisesse afetar certa rusticidade ou antiguidade; a matéria, isto é, os próprios conselhos para Júlio César, general bem-sucedido e ex-cônsul, sobre administração da República, vindo de um senador que fora expulso, não convence, mas a recíproca seria até esperada; daí o caráter de exercício, *fictio* para desafiar e estimular os estudantes.

A *Invectiva contra Salústio*, desde a Antiguidade, foi considerada espúria: os trechos que possui em comum com as suasórias a César, bem como a elocução historiográfica, mais próxima de Salústio que de Cícero, parecem confirmá-lo; a *Invectiva contra Cícero* é a que instiga mais polêmica: libelo propagandístico, autêntica, exercício retórico? Mantenho que também seja exercício.

---

⁷¹ Suet. Op. cit: cf. XX: Antea condiderat solus apud nos, quod equidem inueniam, Pompeius Lenaeus Magni libertus, quo primum tempore hanc scientiam ad nostros pervenisse anim adverto.

Pois, alfin, ainda que uma e outra sejam autênticas, serviram de modelo para as demais e, por sua vez, também seguiram modelos e preceitos genéricos. Que foi após o fim da República que teve início a era das declamações a que os *progymnasmata* de Teão se relacionam esta pesquisa pretende demonstrá-lo. E, se forem exercícios retóricos, é mais que provável que pertençam à época que abrange desde a morte de Cícero até o tempo de Trajano, quando gramáticos e rétores se empenhavam em preparar os alunos para a declamação de hipóteses, ou seja, suasórias e controvérsias, que se utilizavam de fatos e boatos históricos e os manipulavam ao bel-prazer da ficção.

Além disso, viu-se, em Teão, como se esperava dos alunos a memorização de excertos de obras de muitos autores, bem como seus temas, que parafraseavam, amplificavam, com os quais, enfim, se exercitavam, de modo que, aos quinze anos, um aluno prestes a se iniciar na escola de declamação já possuía vasto repertório de autores, obras, dados históricos. E mais: talvez a dificuldade de acreditar no aprendizado que um mero estudante pudesse obter da tradição advenha da comparação com as condições, meios, modos e fins do estudante de hoje. São, claro, épocas muito diferentes para comparar, mas, pela exposição, torna-se evidente como, nas palavras de Kennedy, esses exercícios “eram certamente eficazes em proporcionar aos estudantes por séculos habilidades verbais que muitos alunos de nossa época parecem desenvolver cada vez menos”⁷².

Em suma, os textos importam por seu valor linguístico, por cujas palavras se pode referir a época aproximada de sua produção, por cuja matéria se podem apontar características do sistema de ensino, qual o cânone e como funcionava. Os textos importam por seu valor “literário” em sentido amplo, bem entendido, pelo valor que têm como texto, ou antes, como laboratório em que se produzem esses textos. Eles fornecem, enfim, mais uma parte desse quebra-cabeça de inúmeras peças – muitas, inclusive, perdidas – que é a tradição, ou, como hoje chamamos, as letras antigas.

---

⁷² In *Progymnasmata: Greek textbooks of prose composition and rhetoric*. p. x.

3. Da tradução

a) *Invectiva contra Cícero*

A primeira dúvida quanto à tradução da invectiva, o primeiro texto dentre esses trabalhados, foi logo quanto ao *maledicta tua*; “seus insultos” ou “teus insultos”. Segunda pessoa do singular ou terceira pessoa?

Sabe-se que, no país, em muitas regiões, se usa “tu”, porém seguido de verbo na terceira pessoa: “tu sabe”.

Em latim, “tu sabes”, entretanto.

Assim, se a tradução é a transposição de uma obra de determinado contexto para outro, isso implica verter o próprio contexto? Como culturas, ainda que haja proximidades, distantes no tempo e no espaço, há expressões e aspectos culturais que, não raro, dificultam a transposição; daí as notas de rodapé explicativas, úteis, mas ao mesmo reponsáveis por tornar morosa a leitura. Lá usava-se o “tu” com o verbo conjugado também na segunda pessoa, aqui, em nossa época, o “tu” ocorre acompanhado de terceira pessoa. De modo que, se eu optasse pelo “tu” com a segunda pessoa, ao leitor poderia soar como forma até mesmo de rebuscamento, ou então notaria ares de antiguidade; se usasse “tu” com verbos na terceira pessoa, distanciar-me-ia da norma culta, do registro formal, que, aliás, não parece condizer com a *elocutio* das *personae* Cícero e Salústio.

Ora, o texto pode ter dois mil anos, mas será que os leitores da época o julgariam antigo ou arcaizante? Com base no texto, creio que não. Logo, por que eu haveria de, com traduzir “*tu*” por “tu”, com os verbos na segunda pessoa, chamar a atenção do leitor para algo que, no original, era do uso comum?

Portanto, traduzi *tu* por *você*. E aqui incorri em outro problema.

Esse eu invectivo⁷³ representa Salústio, que foi senador romano, e a *dignitas*⁷⁴ oriunda do *cursus honorum*, que constituía a busca por excelência do romano da época, quer da plebe, quer da classe patricia, dos *boni* ou *optimates*, requeria do político um

---

⁷³ Por analogia com o “eu suasório” de Artur Costrino, In op. cit., 2010, p. 42: “Cunhamos essa nomenclatura [eu suasório] dada a necessidade óbvia de diferenciar o orador do discurso, e de manter um rigor terminológico, uma vez que “eu lírico” não poderia aplicar-se a esta situação, já que não se trata de uma peça lírica” (nota de rodapé).

⁷⁴ Interessante lembrar como Mendonça, na introdução da *Bellum Civile*, aponta a defesa da *dignitas* como subterfúgio de que César se utilizou para legitimizar sua dissensão; se a utilizou, é porque, evidentemente, sabia que seria forte motivo para que as legiões o seguissem.

conjunto de regras de conduta: como a urbanidade, por exemplo, que se observava pelo próprio discurso.

Desse modo, o vitupério, ainda que realizado por tal personagem, não deveria deixar de se adequar a tal condição: é um senador que xinga.

Por conseguinte, surgiu-me a dúvida de como um senador, ou outro político de nossa época se refere a um par, se por “tu” ou por “você”; e mais, como o atacaria?

Antes, um ou dois exemplos de nossos antigos.

Em discurso de 10 de maio de 1897, ocasião do lançamento da primeira pedra da estátua de José de Alencar, diz Machado aqui e ali: “Senhores, tenho ainda presente...”, “Hoje, senhores, assistimos ao início de outro monumento”, “Não é aqui o lugar adequado à narração da carreira do autor de *Iracema*. Todos vós sabeis que foi rápida, brilhante e cheia”, “O vosso desejo é conservar, no meio da federação política, a unidade literária”.⁷⁵

Em 10 de junho de 1880, quando da celebração do tricentenário de Camões, Joaquim Nabuco diz em alguns momentos: “Entretanto, senhores, por mais que a consciência transforme numa tragédia pessoal cada um dos nossos sofrimentos”, “Senhores, a obra d’arte vive por si só: admirada se o povo a sente; solitária, se ele a não compreende, mas sempre a mesma e sempre bela”, “Não vos vou repetir a história de Camões; não tenho talento bastante para contar o que todos sabem de cor, nem erudição para contrastá-lo; não posso, porém, render homenagem ao poema sem falar rapidamente do poeta.”, “Pois bem, acabo de medir o reino da poesia com a devoção de um peregrino, e agradeço-vos a atenção com que me ouvistes”.⁷⁶

Poderia citar outros ainda, como Rui Barbosa. Neles percebe-se o uso da segunda pessoa do plural, do “vós”, e da referência aos ouvintes como “senhores”.

Porém trata-se de ocasiões de celebração, e o discurso volta-se não só aos pares, como a todo o público.

Segue abaixo, então, um exemplo de discurso realizado no congresso nacional, quando da posse do presidente Fernando Henrique Cardoso, dia primeiro de janeiro de 1995. Assim ele dá início:

Excelentíssimo Senhor Presidente do Congresso Nacional;
Excelentíssimo Senhor Vice-Presidente da República; Excelentíssimos
Senhores Chefes de Estado e de Governo estrangeiros; Excelentíssimo

---

⁷⁵ Toda a obra de Machado de Assis está disponível em domínio público, e pode ser encontrada em arquivos digitais em <http://www.machadodeassis.org.br>. Acesso em 25 dez. 2013.

⁷⁶ Esses e outros discursos de Nabuco encontram-se em arquivo digital no seguinte endereço: <http://www.brasiliana.usp.br>. Acesso em 25 dez. 2013.

Senhor Presidente da Câmara dos Deputados; Excelentíssimo Senhor Presidente do Supremo Tribunal Federal; Excelentíssimos Senhores Chefes das Missões Especiais estrangeiras; Excelentíssimos Senhores integrantes da Mesa; Excelentíssimos Senhores Senadores; Excelentíssimos Senhores Deputados; Altas Autoridades da República; Senhoras e Senhores; Venho somar minha esperança à esperança de todos neste dia de conagração.

Vê-se aqui a relação com os pares, pelo uso de “Excelentíssimo senhor”, e de “Senhoras e Senhores” para o restante do público.

Ao cabo do discurso:

A todos os cidadãos e cidadãs deste nosso Brasil, aos quais peço, mais uma vez, muita fé, muita esperança, muita confiança, muito amor, muito trabalho.
Eu os convoco para mudar o Brasil.
Muito obrigado.⁷⁷

Fernando Henrique Cardoso utiliza a terceira pessoa.

Mas é possível dizer que se trata de um tempo já também afastado, dezessete anos atrás, em comparação, por exemplo, com o discurso de posse da Presidência de Luiz Inácio Lula da Silva em primeiro de janeiro de 2007, em que ele começa: “Meus queridos brasileiros e brasileiras, é com muita emoção que eu subo a este Parlatório para conversar um pouco com vocês”.

Além disso, ele se dirige aos pares como companheiros e companheiras, mesmas expressões de que se utiliza para se referir ao povo, e, como nos passos seguintes, a todos ali:

Por fim, meus companheiros e companheiras, se me permitem tratá-los assim, eu quero dizer para vocês que os quatro anos que temos pela frente são quatro anos mais compensadores mas, ao mesmo tempo, mais difíceis do que os primeiros quatro. [...] Por isso, meus companheiros e companheiras, eu vou parar por aqui, dizendo a vocês – porque depois eu vou descer aí para dar um abraço em vocês – que nós, este mês, já lançaremos o pacote de propostas para o desenvolvimento deste País. [...]
Muito obrigado. Feliz Ano Novo e amanhã é dia de nós dizermos, em alto e bom som: deixa o homem trabalhar, senão o País não cresce como precisa crescer. Um abraço.

---

⁷⁷ Os discursos presidenciais estão disponíveis no *site* <http://www.biblioteca.presidencia.gov.br>. Acesso em 25 dez. 2013.

Comparando-se os discursos, notam-se diferenças no estilo de cada um, o primeiro, mais formal e adornado, o segundo, em linguagem mais corriqueira, como, se vê pela ausência do “Excelentíssimo senhor...”, entre outros fatores.

Deve-se dizer, também, que foi crítica constante ao ex-presidente Lula que ele seria um tanto quanto descuidado quanto à correção sintática.

Mas o discurso de posse de Lula ainda assim é mais elaborado que o discurso que fez dia trinta de dezembro de 2012, no Palácio do Planalto, sobre a inauguração de obras. Para ilustrar:

A terceira coisa importante, que as pessoas não notam, é o seguinte: não sei se vocês, não sei vocês, normalmente, tem gente que tem o hábito de entrar no carro, a primeira coisa que faz é ligar o rádio do carro. Até uns dois anos atrás, quando você ligava o rádio entre as 7h da manhã e as 8h ou 9h da manhã, quase todos os rádios, quase todos os radialistas estavam falando das filas da Previdência, das pessoas que morriam na fila, do tempo que as pessoas ficavam na fila, de gente que estava ganhando dinheiro guardando lugar para outro na fila, ia em um dia, chegava em outro. Eu lembro que eu estava dando entrevista, estava dando uma entrevista para a Rádio Globo, se não me falha a memória, uns quatro anos atrás, quando eu disse que nós iríamos acabar com as filas.

Vê-se como o discurso é, em verdade, uma conversa.

Assim, veem-se aí alguns exemplos sobre as diferentes formas discursivas que se encontram em nosso cenário político. Cumpre referir aqui a observação que o professor João Batista fez a respeito dessa comparação, de que, por assim dizer, FHC estaria para o patricio romano assim como Lula estaria para o plebeu⁷⁸. É o cenário político tomado como contexto para a tradução das invectivas, porque simulam discursos feito no senado segundo decoro próprio do lugar, dos costumes, da relação entre os pares, enfim.

O decoro político, no entanto, muita vez é quebrado em casos de escândalo, quando um político ataca o outro com maior veemência, o que rapidamente se torna notícia.

Em abril de 2012, o caso Cachoeira deu exemplos de como um político se relaciona com outro seguindo o decoro parlamentar. O empresário Carlos Cachoeira foi investigado em comissão parlamentar de inquérito (CPI) por explorar jogos ilegais e ter influência sobre políticos de modo tal, que interferiria em nomeações e contratos do

---

⁷⁸ Trata-se de observação realizada quando da qualificação desta dissertação, na Faculdade de Filosofia Letras e Ciências Humanas, da Universidade de São Paulo, a 23 de novembro de 2012.

governo⁷⁹. O procurador da República Daniel Resende e o advogado Douglas Dalto Messoria, de um dos réus, durante discussão sobre o caso em audiência na Justiça Federal, em Goiânia, agiram, utilizando-se de respostas que, por não conter nada de argumentação, são apenas modos de responder utilizados, com frequência, para afrontar o oponente. O advogado, a certa altura, diz em tom elevado: “O senhor fala e eu fico quieto. Fica o senhor quieto e eu falo”, ao que respondeu o procurador “O senhor colocou palavras na boca da testemunha. Quem tem que se colocar no seu lugar é vossa excelência.”⁸⁰

Outro caso famoso foi o da discussão entre os senadores Fernando Collor de Mello e Pedro Simon, em agosto de 2009, quando, irritado por alegações feitas por Simon quanto a sua relação com Renan Calheiros, Collor disse no plenário:

São palavras que não aceito sobre mim e minhas relações políticas. São palavras que eu quero que o senhor as engula e as digira como achar conveniente. As minhas relações com o senador Renan Calheiros são relações conhecidas, são relações das quais em nenhum momento eu me arrependi.⁸¹

Sobre isso, disse Renan a Simon: “Respeite os meus valores pessoais. Eu já sofri tanto com isso. Já respondi a tudo, não há nada contra mim”.

Já do lado de Simon, o senador Jarbas Vasconcelos disse:

Vossa Excelência vai à tribuna falar em paz e é agredido. Não vi manifestação da presidência desta Casa para mandar retirar das notas taquigráficas um senador mandar o outro engolir e digerir da maneira que achar conveniente as suas palavras. Esse é o retrato do Senado que encontramos hoje.

Agora, quanto à invectiva romana aqui analisada, não há a *actio*, isto é, não se sabe se tal discurso foi realizado no senado, aliás, nem se sabe se, como exercício, como foi lido em aula de aula e interpretado pelo aluno do *gramaticus*. No entanto, as palavras

---

⁷⁹ Cf.: <http://www1.folha.uol.com.br/poder/1075181-entenda-o-caso-cachoeira-que-sera-alvo-de-cpi-no-congresso.shtml> e <http://g1.globo.com/platb/cpi-do-cachoeira/>. Acesso em 25 dez. 2013.

⁸⁰ A notícia completa sobre esta discussão pode ser acessada no *site* de notícias *G1*, em <http://g1.globo.com/goias/noticia/2012/07/procurador-bate-boca-com-advogado-em-audiencia-do-caso-cachoeira.html>. Acesso em 25 dez. 2013.

⁸¹ A notícia completa sobre esta discussão pode ser acessada no *site* de notícias da *Folha de S.Paulo*, em <http://www1.folha.uol.com.br/folha/brasil/ult96u604299.shtml>. Acesso em 25 dez. 2013.

guiam a interpretação. Na leitura de *ubi querar, patres conscripti*, é possível imaginar o sujeito que discursa erguendo os braços em sinal de desamparo, pela própria força da expressão. Mas como tal expressão ficaria em português? Devo usar palavras mais formais ou informais? *Transfuga*, da última linha, como “trânsfuga” ou, como escolhi, “vira-casaca”. O Prof. Sidney Calheiros, a fim de promover o debate sobre escolhas tradutológicas, perguntou-me qual seria a “casaca” que o romano poderia “virar”. Poder-se-ia cunhar, a partir disso, um “vira-togas”, que remete tanto à vestimenta romana como ao bem conhecido “vira-casacas”, mas esse neologismo não tem correspondência com o termo latino, que não era neologismo. Então, seria viável? A resposta só pode ser dada após um teste.

Volto ao início da discussão, em que importa decidir se traduzo à letra ou pelo sentido palavras como a supracitada. “Vira-casaca”, a meu ver, é mais corriqueira, isto é, de elocução mais baixa, que “trânsfuga”. Com a licença da comparação, “vira-casaca” estaria mais para o que Lula diria do que para Fernando Henrique. Porém Salústio foi um historiador cujo estilo é arcaizante, ou seja, possuía trato com as palavras, daí talvez a impropriedade da comparação e da própria escolha lexical.

O que tentei, por fim, foi uma tradução que soasse ao mesmo tempo moderna ao leitor e que ele a pudesse identificar com o contexto político atual, para, assim, fazer suas próprias interpretações do que seria na mente de um aluno ou de Salústio uma invectiva dirigida no senado romano, seguindo a elocução própria do gênero demonstrativo epidíctico vituperativo em texto de autoria senatorial.

O texto latino utilizado para a tradução de ambas as invectivas foi o de L. D. Reynolds, de 1991, utilizado por Shackleton Bailey em sua tradução de 2002, em edição da Loeb, volume XXVIII da coleção de obras de Cícero, intitulado *Cicero: lettters to Quintus and Brutus to Octavian. Invectives. Handbook of electioneering*.

b) *Invectiva contra Salústio*

Nesta, contudo, fiz exatamente o oposto da tradução da *Invectiva contra Cícero*. Por ser mais copiosa e apresentar mais elaboração no proêmio, na narração, na refutação e peroração, isto é, nas partes do discurso, optei por uma elocução pouco mais elevada do que a anterior. Aqui a intenção é mesmo causar no leitor a impressão de tratar-se de algo de outro tempo, com ares de antiguidade, ou seja, com o texto mostrar tratar-se não de

obras recentes, mas antigas, por isso o uso da segunda pessoa. Ademais, é a contraparte do *modus operandi* da tradução da invectiva anterior.

c) Epístolas I e II

Aqui optei por utilizar a segunda pessoa, buscando maior formalidade, uma vez que não se trata de interação entre pares, mas de alguém que se dirige a um superior para tratar de matéria mais elevada, que é diferente das invectivas, cujo tema era baixo e os personagens seriam pares, a saber, senadores.

O texto latino utilizado para esta tradução foi o da edição da Loeb, de 1920, de John C. Rolfe, que pode ser acessado (assim como outros, acompanhados por tradução em inglês e notas), no site <<http://penelope.uchicago.edu/Thayer/E/Roman/Texts/Sallust/home.html>>.

PARTE II

PRÁTICA

In Ciceronem

I. Graviter et iniquo animo maledicta tua paterer, M. Tulli, si te scirem iudicio magis quam morbo animi petulantia ista uti. sed cum in te neque modum neque modestiam ullam animadverto, respondebo tibi ut si quam male dicendo voluptatem cepisti, eam male audiendo amittas.

Ubi querar, quos implorem, patres conscripti, diripi rem publicam atque audacissimo cuique esse praedae? apud populum Romanum? qui ita largitionibus corruptus est, ut se ipse ac fortunas suas venales habeat. an apud vos, patres conscripti? quorum auctoritas turpissimo cuique et sceleratissimo ludibrio est. ubiubi¹ M. Tullius leges, iudicia, rem publicam defendit atque in hoc ordine ita moderatur, quasi unus reliquus e familia viri clarissimi, Scipionis Africani, ac non reperticius, accitus, ac paulo ante insitus huic urbi civis?

An vero, M. Tulli, facta tua ac dicta obscura sunt? an non ita a pueritia vixisti ut nihil flagitiosum corpori tuo putares quod alicui collibisset? At scilicet istam immoderatam eloquentiam apud M. Pisonem non pudicitiae iactura perdidicisti! itaque minime mirandum est quod eam flagitiose venditas quam turpissime parasti.

Invectiva contra Cícero

I. Suportaria com pesar e desassossego seus insultos, Marco Túlio, se soubesse que tal petulância procede antes da razão que de uma enfermidade mental. Mas, já que em vossa excelência nem limite não encontro nem modéstia, vou lhe responder de modo que o prazer granjeado com maldizer os outros se esvaneça quando ouvir outros a maldizê-lo.

Onde reclamar, excelentíssimos senadores a quem suplico, que a República é devastada e espoliada pelos mais insolentes? Entre o povo romano, de tal modo corrompido em liberalidades, que cada um põe à venda seus bens e a si próprio? Ou entre os senhores, excelentíssimos senadores, cuja autoridade serve de brinquedo aos mais torpes e celerados? Então Marco Túlio defende, onde quer que esteja, as leis, as sentenças, a República e encabeça este Senado como se fosse o último descendente da família do homem mais preclaro, Cipião Africano, e não recém-chegado, um penetra há pouco enxerido nesta cidade como cidadão?

Por acaso os feitos e ditos de vossa excelência são desconhecidos, Marco Túlio? O senhor não viveu desde a juventude acreditando nada haver de vergonhoso em seu corpo, só porque agradou a alguém? E vossa excelência certamente refinou essa desmedida eloquência com Marco Pisão em detrimento da decência!⁸ Assim, não me admira que tente divulgar repulsivamente essa eloquência adquirida turpidissimamente.

¹ Aqui sigo NOVOKHATKO, com *ubiubi*, em de *ubi*.

⁸ Ver no APÊNDICE os primeiros parágrafos de *In Pisonem*.

II. Verum, ut opinor, splendor domesticus tibi animos tollit, uxor sacrilega ac periuriis delibuta, filia matris paelex, tibi iucundior atque obsequentior quam parenti par est. domum ipsam tuam vi et rapinis funestam tibi ac tuis comparasti, videlicet ut nos commonefacias quam conversa res sit, cum in ea domo habites, homo flagitiosissime, quae P. Crassi, viri clarissimi, fuit. atque haec cum ita sint, tamen se Cicero dicit in concilio deorum immortalium fuisse, inde missum huic urbi civibusque custodem *** absque carnificis nomine, qui civitatis incommodum in gloriam suam ponit. quasi vero non illius coniurationis causa fuerit consulatus tuus et idcirco res publica disiecta eo tempore quo te custodem habebat.

Sed ut opinor, illa te magis extollunt quae post consulatum cum Terentia uxore de re publica consuluisti, cum legis Plautiae iudicia domo faciebatis, ex coniuratis aliquos² pecunia condemnabas, cum tibi alius Tusculanam, alius Pompeianam villam exaedicabat, alius domum emebat: qui vero nihil poterat, is erat calumniae³ proximus, is aut domum tuam oppugnatum venerat aut insidias senatui fecerat, denique de eo tibi compertum erat. quae si tibi falsa obicio, redde rationem, quantum patrimonii acceperis, quid tibi litibus accreverit, quae ex pecunia domum paraveris, Tusculanum et Pompeianum infinito sumptu aedificaveris; aut si retices, cui dubium

II. Na verdade, creio que o esplendor doméstico lhe enobrece a alma: a esposa, sacrílega e besuntada em perjúrios, a filha, da mãe rival, mais afável e complacente com vossa senhoria do que convém a um pai. Sua própria casa, funesta para o senhor e os seus, foi comprada por meio de violência e rapinagem, decerto para nos lembrar de como as coisas se inverteram, já que vossa excelência, ó pessoa tão mesquinha, habita a casa que foi de Públio Crasso, homem dos mais valorosos. Embora assim sejam as coisas, Cícero ainda diz ter participado do concílio dos deuses imortais, de lá enviado para Roma como guardião, sem o título de “carrasco”, ele, que inclui na sua glória a desgraça da cidade. Como se o consulado de vossa excelência não tivesse sido a causa daquela conjuração e a República não se encontrasse dilacerada justamente na época em que o tinha como guardião!

No entanto, na minha opinião, enaltecem-no mais as coisas que consultou com Terência, sua esposa, após o consulado, quando vocês faziam julgamentos segundo a lei Pláutia, e o senhor em casa condenava alguns conjurados a pagar multa: então, um lhe edificava uma vila tusculana, outro, pompeiana, um terceiro, uma casa. Quem não tinha nada a oferecer era o amigo da calúnia, ou viera a sua casa para assaltá-la, ou engendrara ardis contra o Senado, enfim, qualquer fato que vossa Excelência havia descoberto. Se for falso o que lhe apresento, preste conta: quanto apanhou do erário, o que recebeu com os processos, com que dinheiro comprou sua casa e edificou, com enorme luxo, a vila de Túsculo e a de Pompeia? Mas, se fica

² Aqui segue-se Novokhatko, em vez de *cum alios* <exilio, alios>.

³ De acordo com Novokhatko, em vez de *Catilinae*.

potest esse:⁴ opulentiam istam ex sanguine et miseriis civium parasti⁵?

III. Verum, ut opinor, homo novus Arpinas, ex L. Crassi⁶ familia, illius virtutem imitatur, contemnit simultatem hominum nobilium, rem publicam caram habet, neque terrore neque gratia removetur a vero, amicitia tantum ac virtus est animi. immo vero homo levissimus, supplex inimicis, amicis contumeliosus, modo harum, modo illarum partium, fidus nemini, levissimus senator, mercennarius patronus, cuius nulla pars corporis a turpitudine vacat, lingua vana, manus rapacissimae, gula immensa, pedes fugaces: quae honeste nominari non possunt inhonestissima. atque is cum eius modi sit, tamen audet dicere: o fortunatam natam me consule Romam! te consule fortunatam, Cicero? immo vero infelicem et miseram, quae crudelissimam proscriptionem eam perpressa est, cum tu perturbata re publica metu percussos omnes bonos parere crudelitati tuae cogebas, cum omnia iudicia, omnes leges in tua libidine erant, cum tu sublata lege Porcia⁷, erepta libertate omnium nostrum, vitae necisque potestatem ad te unum revocaveras. Atque parum quod impune fecisti, verum etiam commemorando exprobras neque licet oblivisci [iis] his servitutis suae. egeris, oro te, Cicero, profeceris quidlibet, satis est perpressos esse: etiamne aures nostras odio tuo onerabis, etiamne molestissimis verbis insectabere? “cedant arma togae, concedat laurea linguae.” quasi vero

quieto, quem pode ter dúvida de que vossa excelência adquiriu tal opulência a custo de sangue e desgraças dos cidadãos?

III. Ora, penso que um novo-rico de Arpino, da linhagem de Lúcio Crasso, imita a índole deste, despreza a antipatia dos nobres, tem estima pela República, não se afasta da verdade, nem por medo, nem por favores, mas tem apenas amizade e virtude no coração. Muito pelo contrário, trata-se do homem mais leviano, súplice aos inimigos, aos amigos deplorável, ora entre estes, ora entre aqueles, a ninguém confiável, o senador mais salafrário, patrono mercenário, em cujo corpo não há parte que careça de torpeza, cuja língua é vã, mãos, as mais rapaces, a gula, imensa, os pés, fugazes: os mais desonrosos atributos, que não se podem mencionar honrosamente. Apesar de tal compleição, ele ainda ousa dizer: “Ó Roma, bem-afortunada tornada comigo cônsul”. Feliz por tê-lo como cônsul, Cícero? Muito longe disso: infeliz e miserável, que sofreu a mais cruel proscrição quando vossa excelência, perturbada a República, obrigava todos os bons, tomados pelo medo, a obedecer à sua crueldade; quando todos os julgamentos, todas as leis serviam a seus caprichos, quando vossa senhoria, após derrubar a lei Pórcia e subtrair a liberdade, tomou nas mãos o poder de vida e morte de nós todos. E como se fosse pouco o que fez impunemente, ainda nos insulta ao ficar celebrando sem permitir que cada um esqueça a própria escravidão. Chega, Cícero, eu lhe imploro! Termine logo seus negócios, já estamos saturados

⁴ De acordo com Novokhatko, em vez de *quin*.

⁵ De acordo com Novokhatko, em vez de *pararis*.

⁶ De acordo com Novokhatko, em vez de *C. Marii*.

⁷ Juntamente com a Lei Valéria, datava do início da República e proibia punições vergonhosas e degradantes a cidadãos romanos, como crucificação, açoite etc. Cícero se serviu desta lei contra Verres, acusado de castigar e crucificar cidadãos romanos.

togatus et non armatus ea quae gloriaris confeceris, atque inter te Sullamque dictatorem praeter nomen imperii quicquam interfuerit.

IV. Sed quid ego plura de tua insolentia commemorem? quem Minerva omnis artis edocuit, Iuppiter Optimus Maximus in concilio deorum admisit, Italia exulem umeris suis reportavit. oro te, Romule Arpinas, qui egregia tua virtute omnis Paulos, Fabios, Scipiones superasti, quem tandem locum in hac civitate obtines? quae tibi partes rei publicae placent? quem amicum, quem inimicum habes? cui in civitate insidias fecisti, <ei> ancillaris. quo auctore de exilio tuo Dyrrhachio redisti, eum insequeris. quos tyrannos appellabas, eorum potentiae faves; qui tibi ante optimates videbantur, eosdem dementes ac furiosos vocas. Vatini causam agis, de Sestio male existimas. Bibulum petulantissimis verbis laedis, laudas Caesarem. quem maxime odisti, ei maxime obsequeris. aliud stans, aliud sedens sentis de re publica. his male dicis, illos odisti, levissime transfuga, neque in hac neque in illa parte fidem habens.

de vossa excelência. Ainda vai castigar nossos ouvidos com esse ódio, ainda vai nos perseguir com as palavras mais molestas? “Que as armas cedam à toga! concedam-se louros à língua!” Como se o senhor tivesse abiscoitado com a toga, e não com as armas, tudo de que se vangloria, como se houvesse alguma diferença entre vossa excelência e o ditador Sula além da denominação do cargo!

IV. Que mais poderia falar da sua arrogância? A quem Minerva instruiu em todas as artes, Júpiter, o maior e melhor, recebeu no concílio dos deuses, a Itália resgatou do exílio nos ombros. Eu lhe rogo, Rômulo Arpinate, que superou por sua notável virtude todos os Paulos, Fábios e Cipiões, que posição, enfim, o senhor ocupa nesta cidade? Que funções na República lhe agradam? Quem vossa senhoria tem por amigo, quem por inimigo? Vossa excelência age como empregadinha daquele mesmo a quem preparou armadilhas na cidade. Persegue aquele cujos esforços o resgataram do exílio em Dirráquio. Favorece o poder daqueles que o senhor chamava de tiranos. Considera loucos e dementes aqueles mesmos que outrora lhe pareciam os melhores. Advoga a causa de Vatínio, processa Séstio. Agride Bíbulo com as piores palavras, louva César: a quem Vossa Excelência tanto odiou, a ele tanto se sujeita. Da República o senhor tem uma opinião quando está de pé, outra quando está sentado. Fala mal desses, odeia aqueles, levianíssimo vira-casaca, que não tem credibilidade nem aqui, nem ali.

In C. Sallustium Crispum

1. Ea demum magna voluptas est⁹, C. Sallusti, aequalem ac parem verbis vitam agere neque quicquam tam obscaenum dicere cui non ab initio pueritiae omni genere facinoris aetas tua¹⁰ respondeat, ut omnis oratio moribus consonet. neque enim qui ita vivit, ut tu, aliter ac tu loqui potest, neque qui tam inloto¹¹ sermone utitur, vita honestior est.

Quo me praevertam, patres conscripti, unde initium sumam? maius enim mihi dicendi onus imponitur quo notior est uterque nostrum, quod aut, si de mea vita atque actibus huic conviciatori respondero, invidia gloriam consequetur, aut, si huius facta, mores, omnem aetatem nudavero, in idem vitium incidam procacitatis quod huic obicio. id vos si forte offendimini, iustius huic quam mihi suscensere debetis, qui initium introduxit. Ego dabo operam, ut et pro me minimo cum fastidio respondeam et in hunc minime mentitum esse videatur. scio me, patres conscripti, in respondendo non habere magnam expectationem, quod nullum vos sciatis novum crimen in Sallustium audituros, sed omnia vetera recognituros, quis et meae et vestrae iam et ipsius aures calent. verum eo magis odisse debetis hominem, qui ne incipiens quidem peccare <in> minimis rebus posuit rudimentum, sed ita ingressus est, ut neque ab alio vinci possit neque ipse se omnino¹² reliqua aetate praeterire.

Invectiva contra Salústio

1. É deveras prazeroso, Caio Salústio, ver levares vida tal e qual teus ditos e não dizeres algo tão obsceno, que tua existência, desde a meninice, não responda com todo tipo de crime, de modo que teu discurso inteiro ecoe teu caráter, pois quem viveu como tu não pode falar de outro modo senão como tu, nem quem emprega tão impuro linguajar ter vida mais honesta.

Para onde me voltar primeiro, pais conscritos, de onde começar? Mais impõe-se-me o pejo de discursar, quanto mais cada um de nós é conhecido, pois, se responder com minha vida e feitos a esse rábula, a inveja advirá da gloria ou, se dele eu desnudar os feitos, costumes e toda a existência, incorrerei no mesmo vício da impudência que nele reprovos. Se acaso vos ofendeis com isso, deveis com mais justiça inflamar-vos contra ele, que começou, do que comigo. Vou me empenhar para responder a meu favor causando-vos o menor tédio possível e não parecer que disse mentiras contra ele. Sei, pais conscritos, que de mim, ao responder, não se espera muito, pois sabeis que não ouvireis nenhuma nova acusação contra Salústio, mas reconhecereis todas as antigas, que queimam as minhas orelhas, as vossas e as dele próprio. Mas deveis ainda mais odiar o sujeito, que, nem mesmo ao dar início a suas faltas não começou com pequenos delitos, mas de tal modo, que não pôde ser vencido por outro nem conseguiu ele mesmo superar-se até o fim da vida.

⁹ Paralelo com “ea demum firma amicitia est”, Sall. Cat. 20, 4

¹⁰ De acordo com Novokhatko, em vez de *sua*.

¹¹ De acordo com Novokhatko, em vez de *illoto*.

¹² De acordo com Novokhatko, em vez de *omni*.

itaque nihil aliud studet nisi ut lutulentus sus cum quovis volutari. longe vero fallitur opinione. non enim procacitate linguae vitae sordes eluuntur, sed est quaedam calumnia, quam unusquisque nostrum testante animo suo fert de eo quod falsum crimen bonis obiectat. quod si vita istius memoriam vicerit, illam, patres conscripti, non ex oratione sed ex moribus suis spectare debebitis. iam dabo operam, quam maxime potuero, breve ut faciam. neque haec altercatio nostra vobis inutilis erit, patres conscripti; plerumque enim res publica privatis crescit inimicitiiis, ubi nemo civis qualis sit vir potest latere.

II. Primum igitur, quoniam omnium maiores C. Sallustius ad unum exemplum et regulam quaerit, velim mihi respondeat num quid his quos protulit Scipiones et Metellos ante fuerit aut opinionis aut gloriae quam eos res suae gestae et vita innocentissime acta commendavit. quod si hoc fuit illis initium nominis et dignitatis, cur non aequè <de> nobis existimetur, cuius et res gestae illustres et vita integerrime acta? quasi vero tu sis ab illis, Sallusti, ortus! quod si esses, nonnullos iam tuae turpitudinis pigeret. ego meis maioribus virtute mea praeluxi, ut, si prius noti non fuerunt, a me accipiant initium memoriae suae: tu tuis vitae quam turpiter egisti magnas offudisti tenebras, ut, etiamsi fuerint egregii cives, per te venerint in oblivionem. quare noli mihi antiquos viros obiectare; satius est enim me meis rebus gestis florere quam maiorum opinione niti et ita vivere ut ego sim posteris meis nobilitatis initium et virtutis exemplum. neque me cum iis conferri decet, patres conscripti, qui iam decesserunt omnique odio carent et

Assim, nada mais deseja senão feito um suíno chafurdar na lama como e quando quer. No entanto, muito se engana. Pois a sordidez da vida não se lava com o atrevimento da língua. Mas há certo engodo em que cada um de nós acredita – tomando a própria alma como testemunha –, de que um falso crime constrange os bons. Ademais, se a vida dele desafia a memória, senhores senadores, deveis cotejá-la não com o discurso, mas com seu próprio caráter. Agora, vou me dedicar, o quanto puder, a ser breve. E esta nossa altercação não vos será inútil, senhores senadores. É que geralmente os assuntos públicos derivam de inimizades privadas, e aqui nenhum cidadão pode esconder o tipo de homem que é.

II. Primeiro, então, visto que Caio Salústio sopesa os ancestrais de todos de acordo com um modelo e critério, gostaria que ele me respondesse o que antes havia de boa-fama ou glória nesses Cipíões e Metelos que mencionou antes que os feitos realizados e a vida deles, chegada ao fim a mais inocente possível, os recomendassem. Que, se assim teve início o nome e prestígio deles, por que quanto a mim não se usa o mesmo critério, cujos feitos são ilustres e a vida, a mais íntegra? Como se tu, Salústio, fosses dessa estirpe! Fosses, não poucos já repugnariam tua torpeza. Eu ofusquei meus antepassados com a minha virtude, de sorte que, se antes não foram conhecidos, têm em mim o início de sua história. Os teus, porque viveste tão sordidamente, afundaste nas sombras profundas, de modo que, embora eles fossem ilustres, caíram no esquecimento. Então não me venhas reprovar os avós. Prefiro florescer com meus feitos a me escorar no prestígio dos antigos e assim viver: como o primeiro nobre aos meus sucedâneos e modelo de

invidia, sed cum eis, qui mecum una in re publica versati sunt. sed [se] fuerim [aut] in honoribus petendis nimis ambitiosus – non hanc dico popularem ambitionem, cuius me principem confiteor, sed illam perniciosam contra leges, cuius primos ordines Sallustius duxit – <quis fuit> aut in gerundis magistratibus aut in vindicandis maleficiis tam severus aut in tuenda re publica tam vigilans, quam tu proscriptionem vocas, credo, quod non omnes tui similes incolumes in urbe vixissent: at quanto meliore loco res publica staret, si tu par ac similis scelestorum civium una cum illis adnumeratus esses! an ego tunc falso scripsi 'cedant arma togae', qui togatus armatos et pace bellum oppressi? an illud mentitus sum 'fortunatam me consule Romam', qui tantum intestinum bellum ac domesticum urbis incendium extinxi? neque te tui piget, homo levissime, cum ea culpas quae <in> historiis mihi gloriae ducis? an turpius est scribentem mentiri quam [illum palam] <in> hoc ordine dicentem? nam quod in aetatem increpuisti, tantum me abesse puto ab impudicitia quantum tu a pudicitia.

Sed quid ego de te plura querar? quid enim mentiri turpe ducis, qui mihi ausus sis eloquentiam ut vitium obicere, cuius semper nocens eguisti patrocínio? an ullum existimas posse fieri civem egregium, qui non his artibus et disciplinis sit eruditus? an ulla alia putas esse rudimenta et incunabula virtutis, quibus animi ad gloriae cupiditatem aluntur? sed minime mirum est, patres conscripti, si homo, qui desidiae ac luxuriae plenus sit, haec ut nova atque inusitata miratur. nam quod ista inusitata rabie petulanter in

virtute. Não convém, aliás, pais conscritos, comparar-me a eles, que já partiram e carecem de todo ódio e inveja, mas a estes que vivem comigo nesta mesma República. Vá lá que eu tenha sido demasiado cúvido ao buscar honrarias – não me refiro àquela ambição pública da qual me confesso o primeiro, mas àquela perniciosa e ilícita, cujas primeiras fileiras Salústio lidera –, ou tão severo ao administrar magistraturas e castigar delitos, ou tão zeloso ao vigiar a República (ao que chamas de “proscrição”, creio, porque nem todos os teus semelhantes saíram incólumes na cidade): quão mais feliz estaria a República se tu tivesses sido considerado igualmente semelhante àqueles bandidos! Ou errei quando escrevi “cedam as armas à toga”, eu, que togado reprimi as armas e a guerra pacificamente? Ou teria mentido ao dizer “Ó feliz Roma, comigo cônsul”, eu, que extingui a chama interna da cidade e a guerra civil? Não te envergonhas de ti mesmo, ó homem deveras leviano, quando lanças culpas nas ações por cuja tua obra histórica me conduzes à glória? Será mais torpe mentir por escrito ou em alto e bom som diante do senado? Quanto ao que censuraste em minha vida: tanto me afasto da indecência quanto tu da decência.

De que mais me queixarei quanto a ti? Por que consideras torpe mentir, tu, que ousaste lançar contra mim como se fosse um vício minha eloquência, cujo patrocínio tu, delinquente, sempre procuraste? Ou pensas que um cidadão que não seja versado em tais práticas e estudos pode se tornar ilustre? Talvez julgues que haja outros rudimentos e berço para a virtude, onde as almas alimentem seu desejo de glória? Todavia, não causa espanto algum, pais conscritos, que um homem pleno de indolência e luxúria se

uxorem et in filiam meam invasisti, quae facilius mulieres se a viris abstinuerunt quam tu vir [a viris], satis docte ac perite fecisti. non enim me sperasti mutuam tibi gratiam relaturum, ut vicissim tuos compellarem; unus enim satis es materiae [habens], neque quicquam domi tuae turpius est quam tu. multum vero te, opinor, fallit, qui mihi parare putasti invidiam ex mea re familiari, quae mihi multo minor est quam habere dignus sum. atque utinam ne tanta quidem esset quanta est, ut potius amici mei viverent quam ego testamentis eorum locupletior essem!

Ego fugax, C. Sallusti? furori tribuni plebis cessi: utilius duxi quamvis fortunam unus experiri quam universo populo Romano civilis essem dissensionis causa. qui postea quam suum annum in re publica perbacchatus est omniaque quae commoverat pace et otio resederunt, hoc ordine revocante atque ipsa re publica manu retrahente me reverti. qui mihi dies, si cum omni reliqua vita conferatur, animo quidem meo superet, cum universi vos populusque Romanus frequens adventu meo gratulatus est: tanti me, fugacem, mercennarium patronum, hi aestimaverunt! neque hercules mirum est, si ego semper iustas omnium amicitias aestimavi. non enim uni privatim ancillatus sum neque me addixi, sed quantum quisque rei publicae studuit, tantum mihi fuit aut amicus aut adversarius. ego nihil plus volui valere quam pacem: multi privatorum audacias nutriverunt. ego nihil timui nisi leges: multi arma sua timeri voluerunt. ego numquam volui quicquam posse nisi pro

admirare com este estudo como algo novo e inusitado. Quanto a atacares petulantemente, com raiva inusitada, minha esposa e filha, as quais, sendo mulheres, se afastaram mais facilmente dos varões que tu dos homens, agiste sábia e habilidosamente! Pois sabias que eu não retaliaria, de modo a investir contra os teus, pois tu sozinho és matéria suficiente: na tua casa nada é mais torpe que tu mesmo. Aliás, creio que muito te enganaste ao pensar que me atingirias mencionando minhas propriedades, que são muito menores do que julgo ser digno. Mas quem me dera não fossem tão grandes, quanto são, se ao menos pudesse ter vivos meus amigos em vez de enriquecer por causa dos testamentos deles!

Sou fujão, Caio Salústio? Cedi ao furor do tribuno da plebe: julguei melhor enfrentar sozinho a fortuna do que ser motivo de discórdia civil a todo o povo romano. Mas, depois que ele exerceu seu ano de ofício público na vadiagem e toda perturbação que causara retrocedeu pacífica e tranquilamente, pela convocação desta Casa e pelas próprias mãos da República, retornei. Este dia, se eu o comparar com todos os outros de minha vida, é o que mais se eleva em minha alma, quando vós todos e o povo romano festejavam minha chegada: tanto eles me estimavam, um fujão, patrono mercenário! Por isso não é de admirar – por Hércules! – que eu sempre tivesse em alta conta a justa amizade de todos. Pois nunca me sujeitei particularmente a ninguém nem dele fui serviçal, pois, quanto mais zeloso cada um se mostrou para com a República, tanto mais foi para mim amigo ou adversário. Nada mais desejei senão a paz, enquanto muitos cultivaram interesses privados. Nada

vobis: multi ex vobis potentia freti in vos suis viribus abusi sunt. itaque non est mirum, si nullius amicitia usus sum qui non perpetuo rei publicae amicus fuit. neque me paenitet, si aut petenti Vatinio reo patrociniū pollicitus sum aut Sesti insolentiam repressi aut Bibuli patientiam culpavi aut virtutibus Caesaris favi. hae enim laudes egregii civis et unicae sunt. quae si tu mihi ut vitia obicis, temeritas tua reprehendetur, non mea vitia culpabuntur. plura dicerem, si apud alios mihi esset disserendum, patres conscripti, non apud vos, quos ego habui omnium mearum actionum monitores. sed ubi rerum testimonia adsunt, quid opus est verbis?

Nunc ut ad te revertar, Sallusti, patrem tuum praeteream, qui si numquam in vita sua peccavit, tamen maiorem iniuriam rei publicae facere non potuit quam quod te talem filium genuit; neque tu si qua in pueritia peccasti, exsequar, ne parentem tuum videar accusare, qui eo tempore summam tui potestatem habuit, sed qualem adolescentiam egeris; hac enim demonstrata facile intellegitur quam petulanti pueritia tam impudicus et procax adoleveris. postea quam immensae gulae impudicissimi corporis quaestus sufficere non potuit et aetas tua iam ad ea patienda quae alteri facere collibisset exoleverat, cupiditatibus infinitis efferebaris, ut quae ipse corpori tuo turpia non duxisses, in aliis experireris. ita non est facile exputare, patres conscripti, utrum inhonestioribus corporis partibus rem quaesierit an amiserit. domum paternam vivo patre turpissime venalem habuit

temia exceto a lei, e muitos desejaram ser temidos por suas armas. Jamais quis o poder senão para vosso proveito, e muitos, confiantes no poder que tinham convosco, contra vós voltaram suas forças. Logo, não causa espanto que eu não tenha me servido da amizade de alguém que não fosse eterno amigo da República. Não me arrependo de ter prometido patrocínio a Vatinio, que mo pedia, ou reprimido o atrevimento de Séstio, ou criticado a paciência de Bíbulo, ou reverenciado as qualidades de César. Trata-se de louvores a cidadãos egrégios e ocorreram uma única vez. Se tu mos aponta como faltas, teu desvario é que será repreendido, e não as minhas faltas, reprovadas. Diria mais se estivesse discursando entre outros, pais conscritos, não entre vós, os quais tenho como espectadores de todas as minhas ações. E, quando testemunhas dos fatos estão presentes, de que valem as palavras?

Agora, voltarei a ti, Salústio, esquecerei teu pai, que, se nunca errou na vida, contudo não pôde fazer mais dolo à pátria do que ter gerado um filho como tu. Nem vou investigar se tu cometeste faltas na meninice para que não pareça recriminar teu pai, que naquele tempo exercia o mando sobre ti. Mas que juventude tiveste! Basta demonstrá-la e facilmente se compreenderá por que à insolência da juventude equivalia a sordidez e a canalhice da vida adulta. Quando o soldo por teu imundíssimo corpo não pôde mais saciar tua imensa gula e tua idade já não mais suportava agir conforme a vontade de outro, tu te deixaste levar por libidinagens sem fim, de modo a experimentar em outros o que tu mesmo não consideravas torpe para teu corpo. De sorte que não é fácil saber, senhores senadores, se pelas partes mais indecentes do corpo ele deu ou perdeu

[vendidit]; et cuiquam dubium potest esse quin mori coegerit eum, quo hic nondum mortuo pro herede gesserit omnia? neque pudet eum a me quaerere, quis in P. Crassi domo habitet, cum ipse respondere non queat quis in ipsius habitet paterna domo. 'at hercules lapsus aetatis tirocinio postea se correxit.' non ita est, sed abiit in sodalicium sacrilegi Nigidiani; bis iudicis ad subsellia attractus extrema fortuna stetit et ita discessit ut non hic innocens esse sed iudices peierasse existimarentur. primum honorem in quaestura adeptus hunc locum et hunc ordinem despectui <habuit>, cuius aditus sibi quoque sordidissimo homini patuisset. itaque timens ne facinora eius clam vos essent, cum omnibus matrum familiarum viris opprobrio esset, confessus est vobis audientibus adulterium neque erubuit ora vestra. vixeris ut libet, Sallusti, egeris, quae volueris: satis sit unum te tuorum scelerum esse conscium. noli nobis languorem et soporem nimium exprobrare: sumus diligentes in tuenda pudicitia uxorum nostrarum, sed ita expectati non sumus ut a te cavere possimus. audacia tua vincit studia nostra. ecquod hunc movere possit, patres conscripti, factum aut dictum turpe, quem non puduerit palam vobis audientibus adulterium confiteri? quod si tibi per me nihil respondere voluissim, sed illud censorium eloquium Appii Claudii et L. Pisonis, integerrimorum virorum, quo usus est quisque eorum pro lege, palam universis recitarem, nonne tibi viderer aeternas inurere maculas, quas reliqua vita tua eluere non posset?

dinheiro. A casa paterna, enquanto seu pai ainda era vivo, ele a pôs à venda – e vendeu. E quem duvida que ele não tenha causado a morte do pai, sendo que este nem havia morrido e ele já como herdeiro tudo geria? E não tem vergonha de me perguntar “Quem mora na casa de Públio Crasso?”, enquanto ele mesmo não é capaz de responder quem mora na casa do pai dele. “Mas, por deus, um defeito por conta da inexperiência da idade depois se emenda com uma ocupação¹³.” Não é bem assim, pois ele andou em companhia do sacrílego Nigidiano. Duas vezes veio parar no banco dos réus e, por vezes da fortuna, escapou, de modo que não ele deve ser considerado inocente, mas os juízes, perjuros. Após alcançar o primeiro cargo honorífico na questura, tratou com desprezo o ofício e esta Casa, que deu lugar a este tipo mais sórdido de homem. Tanto que, temendo seus crimes ficassem alheios a vós, porque era motivo de desonra aos maridos de todas as matronas de família, confessou adultério perante vós sem enrubescer. Viveste como bem te agrada, Salústio, fizeste tudo que quiseste: basta que tu apenas tenhas consciência de teus crimes. Não nos reproves demais a inércia e a letargia. Somos diligentes ao defender a honra de nossas esposas, mas ainda não acordamos para nos defender de ti. Tua insolência venceu nosso zelo. E que fato ou palavra vil pode contê-lo, pais conscritos, ele, que não se envergonhou de confessar adultério perante vós? E se eu nada quisesse te responder por mim mesmo, mas recitasse publicamente aquela declaração censorial de que se serviram Ápio Cláudio e Lúcio Pisão, varões da maior integridade, será que não

¹³ De *tirocinio*, isto é, ou no estágio no senado, de que fala Cícero no *De oratore*, quando o jovem seguia um orador famoso para com ele aprender mais sobre a arte do bem e falar e a prática da vida no fórum, ou na primeira campanha militar.

Neque post illum dilectum senatus umquam te vidimus; nisi forte in ea te castra coniecisti quo omnis sentina rei publicae confluxerat. at idem Sallustius, qui in pace ne senator quidem manserat, postea quam res publica armis oppressa est, [et] idem a victore, qui exsules reduxit in senatum per quaesturam est reductus. quem honorem ita gessit, ut nihil in eo non venale habuerit cuius aliquis emptor fuerit, ita egit, ut nihil non aequum ac verum duxerit quod ipsi facere collibisset, neque aliter vexavit ac debuit, si quis praedae loco magistratum accepisset. peracta quaestura, postea quam magna pignora eis dederat cum quibus similitudine vitae se coniunxerat, unus iam ex illo grege videbatur. eius enim partis erat Sallustius, quo tamquam in unam voraginem coetus omnium vitiorum excesserat: quidquid impudicorum, c<h>ilonum, parricidarum, sacrilegorum, debitorum fuit in urbe, municipiis, coloniis, Italia tota, sicut in fretis subsederant, homines perditum ac notissimi, nulla in parte castris apti nisi licentia vitiorum et cupiditate rerum novarum.

'At postea quam praetor est factus, modeste se gessit et abstinenter.' nonne ita provinciam vastavit ut nihil neque passi sint neque exspectaverint gravius in bello socii nostri quam experti sunt in pace hoc Africam inferiorem obtinente? unde tantum hic exhaustit, quantum potuit aut fide nominum traici aut in naves contrudi: tantum, inquam, exhaustit, patres conscripti, quantum voluit. ne causam

pareceria que eu estivesse a imprimir a ferro e fogo marcas eternas que toda a tua vida não poderia lavar?

Depois de escolhido o quórum do Senado, não te vimos mais, senão nos acampamentos em que te meteste, aonde acorria toda a escória da cidade. E o mesmo Salústio, que nem mesmo na paz se continuara senador, quando a República foi oprimida por armas, ele mesmo por meio de uma questura foi reconduzido ao Senado pelo vencedor, que reconvocou os banidos. Administrou de tal modo aquele cargo, que nada havia que não pusesse à venda se houvesse comprador; agiu de modo tal que nunca considerava injusto e ilegítimo o que lhe conviesse fazer, tampouco ele se envergonhava ou se acanhava se alguém tomasse lugar na magistratura de mãos beijadas. Após a gestão na questura – quantas promessas fizera àqueles com que se unira por ter vida semelhante! – Parecia fazer parte daquele bando. Salústio era daquela facção em que a soma de todos os vícios se uniu num só turbilhão: o que havia de indecentes, feladores, parricidas, sacrílegos e meliantes em Roma, nos municípios, nas colônias, na Itália toda, todos aportaram ali como numa baía, os ignóbeis e famigerados, incapazes de qualquer tarefa da caserna, exceto a licenciosidade dos vícios e o desejo de rebeliões.

“Mas, após tornar-se pretor, comportou-se com moderação e comedimento.” Então não devastou a província de modo tal que nossos concidadãos nada mais grave sofreram nem experimentaram em tempo de guerra do que o que passaram na paz quando Salústio governava a África inferior? De lá sugou tudo quanto pôde tomar por empréstimo ou amontoar em navios.

diceret, sestertio duodecies cum Caesare paciscitur. quod si quippiam eorum falsum est, his palam refelle: <dic> unde, qui modo ne paternam quidem domum reluere potueris, repente tamquam somno beatus hortos pretiosissimos, villam Tiburtem C. Caesaris, reliquas possessiones paraveris. neque piguit quaerere, cur ego P. Crassi domum emissem, cum tu eius villae dominus sis cuius paulo ante fuerat Caesar. modo, inquam, patrimonio non comesto sed devorato quibus rationibus repente factus es tam adfluens et tam beatus? nam quis te faceret heredem, quem ne amicum quidem suum satis honestum quisquam sibi ducit nisi similis ac par tui? at hercules egregia facta maiorum tuorum te extollunt, quorum sive tu similis es sive illi tui nihil ad omnium scelus ac nequitiam addi potest. verum, ut opinor, honores tui te faciunt insolentem. tu, C. Sallusti, idem putas esse bis senatorem et bis quaestorem fieri quod bis consularem et bis triumphalem? carere decet omni vitio, qui in alterum dicere parat. is demum male dicit, qui non potest verum ab altero <male> audire. sed tu, omnium mensarum assecula, omnium cubiculorum in aetate paelex et idem postea adulter, omnis ordinis turpitude es et civilis belli memoria. quid enim hoc gravius pati potuimus quam quod te incolumem in hoc ordine videmus? desine bonos petulantissime consecrari, desine morbo procacitatis isto uti, desine unumquemque moribus tuis aestimare. his moribus amicum tibi efficere non potes: videris velle inimicum habere.

Finem dicendi faciam, patres conscripti; saepe enim vidi gravius

Sugou, pais conscritos, tanto quanto quis. Por doze mil sestércios fez trato com César para não enfrentar a corte. Se algo disso é falso, refuta abertamente diante dos senadores. Se não podias resgatar nem mesmo a casa paterna, de onde tiraste dinheiro, repentinamente próspero como num sonho, para adquirir jardins tão valiosos, a quinta de Caio César em Tiburto e as demais propriedades? Nem te enrubesces de perguntar o motivo de eu ter comprado a casa de Públio Crasso, quando tu és o dono daquela quinta que há pouco fora de César. E digo mais: depois de, não digo consumir, mas devorar teu patrimônio, como, de repente, te fizeste tão rico e próspero? Pois quem te deixaria como herdeiro, tu, que ninguém considera digno de amizade, exceto quem contigo se pareça? Por deus! Os egrégios feitos de teus antepassados te elevam: se te pareces com eles ou eles contigo, aos crimes e vilania deles nada mais pode se acrescentar. De fato, como penso, tua dignidade te faz insolente. Tu, Caio Salústio, julgas que ser por duas vezes senador e questor é o mesmo que ser duas vezes cônsul e ter dois triunfos? É preciso estar isento de vícios aquele que se propõe falar contra outro. Fala mal quem não tolera ouvir de outro a verdade. Mas tu, assecula de todas as mesas, meretriz frequente e também adúltero de todos os cubículos, és a desgraça de toda ordem e lembrança da guerra civil. Que sofrimento nos foi maior do que te ver incólume nesta Casa? Para de acossar com tanta petulância os bons, para de usar desta mórbida impudência, para de julgar todo mundo de acordo com teu caráter. Com essa índole não podes fazer um amigo: pareces querer um inimigo.

Darei cabo de meu discurso, pais conscritos. Já vi muitas vezes ofender

offendere animos auditorum eos qui aliena flagitia aperte dixerunt quam eos qui commiserunt. mihi quidem ratio habenda est, non quae Sallustius merito debeat audire, sed ut ea dicam, si qua ego honeste effari possim.

mais gravemente os ânimos dos ouvintes aqueles que falaram publicamente dos erros alheios do que aqueles que os cometeram. Assim, devo ter em consideração não o que Salústio mereça ouvir, mas o que eu disser, que eu possa fazê-lo com honra.

Epistula prima ad Caesarem

I. Pro vero antea obtinebat, regna, atque imperia, fortunam dono dare, item alia, quae per mortalis auide cupiuntur: quia et apud indignos saepe erant, quasi per lubidinem data; neque cuiquam incorrupta permanserant. Sed res docuit, id verum esse, quod in carminibus Appius ait, “Fabrum esse suae quemque fortunae” atque in te maxime, qui tantum alios praetergressus es, uti prius defessi sint homines laudando facta tua, quam tu laude digna faciundo. Ceterum uti fabricata, sic virtute parta, quam magna industria haberi decet, ne incuria deformetur, aut corrumpant infirmata. Nemo enim alteri imperium volens concedit: et, quamvis bonus atque clemens sit, qui plus potest, tamen, quia malo esse licet, formidatur. Id evenit, quia plerique rerum potentes perverse consulunt: et eo se munitiores putant, quo illi, quibus imperitant, nequiores fuere. At contra id eniti decet, cum ipse bonus atque strenuus sis, uti quam optumis imperites. Nam pessumus quisque asperrime rectorem patitur.

Sed tibi hoc gravius est, quam ante te omnibus, armis parta componere, quod bellum aliorum pace mollius gessisti. Ad hoc victores praedam petunt, victi cives sunt. Inter has difficultates evadendum est tibi atque in posterum firmanda res publica non armis modo neque advorsum hostis, sed, quod multo multoque asperius est, pacis bonis artibus. Ergo omnes magna, mediocri sapientia res huc vocat, quae quisque optuma potest, uti dicant. Ac mihi sic videtur: qualecumque modo tu victoriam composueris, ita alia omnia futura.

Primeira epístola a César

I. Outrora acreditava-se que a Fortuna distribuía reinos e poder como dádivas – e também outros bens que são muito desejados pelos mortais – porque se encontravam muitas vezes na mão de indignos, como se dadas por capricho, e não se mantiveram incólumes com cada um deles. Mas a experiência ensinou ser verdadeiro o que Ápio diz em seus versos: “Cada um é o artesão de sua sorte”, e mais ainda a teu respeito, pois a tal ponto ultrapassaste os outros, que os homens se fatigaram louvando teus feitos antes de realizares o que fosse digno de louvor. Entretanto, tal como as peças artesanais, com que grandiosa diligência os frutos da virtude devem ser conservados para que não percam a forma ou também o viço! É que ninguém concede o poder a outro de boa vontade; e, por melhor e mais clemente que seja, quem tem mais poder é temido, já que também pode ser celerado. A razão é que muitos poderosos deliberam perversamente sobre os assuntos e julgam-se por isso mesmo mais fortes: porque aqueles, sobre os quais mandam e desmandam, mostraram-se mais fracos. Mas convém te opores contra isso, porque és bom e vigoroso, para que governes o melhor possível. Pois até o pior cidadão mal pode suportar um ditador.

Mas para ti é mais pesaroso do que a todos antes de ti colher os louros das armas, porque conduziste a guerra com mais piedade do que outros a paz. Ademais, vencedores buscam prêmios, derrotados são cidadãos. Deves te evadir do meio dessas dificuldades e, no futuro, estabelecer a República não só por armas e pela oposição ao inimigo, mas também por boas práticas de paz, o que é muito, muito difícil. Por isso, o assunto invoca todos, de grande ou média sabedoria, para que aconselhem, cada um, o melhor que puderem. Quanto a mim, parece-me que, pelo modo, seja qual for, que obtiveres a vitória, assim será tudo o mais.

II. Sed iam, quo melius faciliusque constituas, paucis, quae me animus monet, accipe.

Bellum tibi fuit, imperator, cum homine claro, magnis opibus, avido potentiae, maiore fortuna, quam sapientia: quem sequuti sunt pauci, per suam iniuriam tibi inimici; item quos adfinitas, aut alia necessitudo, traxit. Nam particeps dominationis neque fuit quisquam; neque, si pati potuisset, orbis terrarum bello concussus foret. Cetera multitudo volgi, more magis quam iudicio, post alius alium, quasi prudentiorem, sequuti.

Per idem tempus maledictis iniquorum occupandae reipublicae in spem adducti homines, quibus omnia probro ac luxuria polluta erant, concurrere in castra tua, et aperte quietis mortem, rapinas, postremo omnia, quae corruptus animus lubebat, minitari. Ex quis magna pars, ubi neque creditum condonare neque te civibus sicut hostibus uti vident, defluxere, pauci restitere, quibus maius otium in castris quam Romae futurum erat; tanta vis creditorum impendebat. Sed ob easdem causas immane dictust quanti et quam multi mortales postea ad Pompeium discesserint, eoque per omne tempus belli quasi sacro atque inspoliato fano debitores usi.

III. Igitur quoniam tibi victori de bello atque pace agitandum est, hoc uti civiliter deponas, illa ut quam iustissima et diuturna sit, de te ipso primum, qui ea compositurus es, quid optimum factu sit existima. Equidem ego cuncta imperia crudelia magis acerba quam diuturna arbitror, neque quemquam multis metuendum esse, quin ad eum ex multis formido receidat; eam vitam bellum aeternum et anceps gerere, quoniam neque adversus neque ab tergo aut lateribus tutus sis, semper in periculo aut metu agites. Contra qui benignitate et clementia imperium temperavere iis laeta et candida

II. Agora, para que o consigas melhor e mais facilmente, aceita em poucas palavras o que a mente me instrui.

Travaste, comandante, guerra com um homem célebre, de vastos recursos, ávido de poder, mais afortunado que inteligente, seguido por poucos – inimigos teus por causa da rixa dele contigo – que a afinidade ou outra necessidade reuniu. Pois nenhum teve parte no poder, o que, se ele tivesse permitido, não teria abalado, com a guerra, o mundo. E a multidão dos populares acompanhou mais por hábito do que com razão, um atrás do outro – como se o vizinho fosse mais prudente.

À mesma época, levados pelos insultos dos inimigos à esperança de tomar a República, alguns homens, completamente manchados por infâmias e luxúria, reúnem-se em teu acampamento e passam a ameaçar pacatos cidadãos com morte, rapinas, tudo, enfim, que deleita o espírito depravado. Grande parte destes bate em retirada quando percebe que tu não perdoas as dívidas nem trata os cidadãos como inimigos. Poucos ficaram, os que teriam mais folga no acampamento do que em Roma: tamanho era o fervor dos credores que os ameaçava. E dizem que depois uma monstruosa quantidade de homens foi ter com Pompeu por causa desses mesmos motivos, e dele se serviram esses devedores por todo o tempo de guerra como se fosse um templo sagrado e inexpugnável.

III. Logo, como tu deves tratar da paz e da guerra como um vencedor, considera o que é melhor a fazer a respeito de ti próprio primeiro, já que estás prestes a lidar com tais assuntos, para que saias desta guerra como convém a um bom cidadão e que a paz seja a mais justa e duradoura possível. De minha parte, penso que todo governo cruel é mais doloroso que duradouro e que ninguém deve ser temido por muitos sem que esse mesmo medo de muitos lhe recaia. A guerra eterna e incerta gerou esse tipo de vida, pois, visto que nem de frente, de costas ou de lado te encontras a salvo, vives no perigo

omnia visa, etiam hostes aequiores quam aliis cives.

Haud scio an qui me his dictis corruptorem victoriae tuae nimisque in victos bona voluntate praedicent. Scilicet quod ea, quae externis nationibus, natura nobis hostibus, nosque maioresque nostri saepe tribuere, ea civibus danda arbitror, neque barbaro ritu caede caedem et sanguinem sanguine expianda.

IV. An illa, quae paulo ante hoc bellum in Cn. Pompeium victoriamque Sullanam increpabantur, oblivio interfecit: Domitium, Carbonem, Brutum alios item, non armatos neque in proelio belli iure, sed postea supplices per summum scelus interfectos, plebem Romanam in villa publica pecoris modo conscissam? 2 Eheu quam illa occulta civium funera et repentinae caedes, in parentum aut liberorum sinum fuga mulierum et puerorum, vastatio domuum ante partem a te victoriam saeva atque crudelia erant! Ad quae te idem illi hortantur; scilicet id certatum esse, utrius vestrum arbitrio iniuriae fierent, neque receptam sed captam a te rem publicam et ea causa exercitus stipendiis confectis optimos et veterrimos omnium adversum fratres parentisque armis contendere; ut ex alienis malis deterrumi mortales ventri atque profundae lubrici sumptus quaerere atque essent opprobria victoriae, quorum flagitiis commacularentur bonorum laus.

Neque enim te praeterire puto, quali quisque eorum more aut modestia, etiam tum dubia victoria, sese gesserit quoque modo in belli administratione scorta aut convivia exercuerint non nulli, quorum

ou no medo. Pelo contrário, tudo pareceu agradável e feliz àqueles que regularam o poder com benignidade e clemência, até os inimigos pareceram mais justos que os cidadãos uns com os outros.

Talvez alguns digam que sou detrator de tua vitória e demasiadamente favorável aos vencidos decerto porque acho que se devem conceder aos cidadãos o mesmo que nós e nossos pais atribuímos às tribos estrangeiras, nossos inimigos por natureza, e que não se devem redimir morticínios com morte nem derramamento de sangue, como é próprio dos bárbaros, com mais sangue.

IV. Por acaso o esquecimento deu cabo daquelas coisas que se começaram a difundir contra Cneu Pompeu e a vitória de Sula pouco antes desta guerra: que Domício, Carbão, Bruto e outros de mesma sorte foram assassinados com a maior atrocidade nem em armas, nem em batalha, segundo a lei da guerra, mas depois, suplicando pela vida; que a plebe romana foi abatida feito gado no Campo de Marte? Ah! Como eram ferozes e cruéis aqueles funerais clandestinos e assassinios repentinos, a fuga de mulheres e meninos para o colo dos pais ou dos filhos, a devastação dos lares antes da vitória que conquistaste. Coisas a que aqueles mesmos homens te exortam. De fato, debateu-se com o aval de quem dentre vós se fariam ultrajes, que a República não foi retomada por ti, mas capturada e que, por isso, dizem, os melhores e mais veteranos de todos os soldados do exército, completo o tempo de serviço militar, lutaram em armas contra os irmãos e os pais, de modo que, por causa de vícios alheios, os piores seres procurassem satisfazer o ventre e desejos imoderados e ser motivo de desonra à vitória, por cujas desgraças manchariam o nome dos bons.

Também não julgo que tu desprezas o modo ou a conduta de cada um deles em meio à incerteza da vitória e como, no comando da guerra, alguns se aplicaram em festins e orgias, homens cuja idade não

aetas ne per otium quidem talis voluptatis sine dedecore attingerit.

V. De bello satis dictum. de pace firmanda quoniam tuque et omnes tui agitis, primum id quaeso, considera quale sit de quo consultas; ita bonis malisque dimotis patenti via ad verum perges. Ego sic existimo: quoniam orta omnia intereunt, qua tempestate urbi Romanae fatum excidii adventarit, civis cum civibus manus conserturos, ita defessos et exsanguis regi aut nationi praedae futuros. Aliter non orbis terrarum neque cunctae gentes conglobatae movere aut contundere queunt hoc imperium. Firmanda igitur sunt vel concordiae bona et discordiae mala expellenda. Id ita eveniet, si sumptuum et rapinarum licentiam dempseris, non ad vetera instituta revocans, quae iam pridie corruptis moribus ludibrio sunt, sed si suam quoque rem familiarem finem sumptuum statueris; quoniam is incessit mos, ut homines adulescentuli sua atque aliena consumere, nihil libidinei atque aliis rogantibus denegare pulcherrimum putent, eam virtutem et magnitudinem animi, pudorem atque modestiam pro socordia aestiment. Ergo animus ferox prava via ingressus, ubi consueta non suppetunt, fertur accensus in socios modo, modo in civis, movet composita et res novas veteribus aequo conquirat. Quare tollendus est fenerator in posterum, uti suas quisque res curemus. Ea vera atque simplex via est magistratum populo, non creditori gerere et magnitudinem animi in addendo non demendo rei publicae ostendere.

VI. Atque ego scio quam aspera haec res in principio futura sit, praesertim is, qui se in victoria licentius liberiusque quam artius futuros credebant. Quorum si

permitia tais volúpias nem mesmo no ócio sem desonra.

V. Da guerra muito se disse. Do estabelecimento da paz, visto que tu e os teus vos moveis a respeito, peço primeiro o seguinte: considera qual a natureza do que planejas. Assim, após apartar o bem do mal, vais te encaminhar à verdade por via certa. Eu penso assim: uma vez que tudo que nasceu deve morrer, quando o dia fatal trouxe ruína à cidade romana, os cidadãos vão se atracar corpo a corpo, de sorte que, cansados e enfraquecidos, serão presas fáceis a qualquer rei ou tribo. Pois de outro modo nem todas as terras e tribos reunidas poderiam remover ou combater este império. Portanto, ou os benefícios da concórdia devem ser confirmados, ou as mazelas da discórdia, refutadas, o que ocorrerá se deres cabo da licença à pilhagem e de despesas desmesuradas, não recorrendo às antigas instituições, que há muito são motivo de escárnio por conta da degradação dos costumes, mas determinando como limite para os gastos o valor dos bens familiares de cada um. É que faz parte do costume homens ainda na adolescência consumir seus bens e os alheios, que eles julguem ser a mais bela coisa nada recusar ao prazer e aos outros, que considerem isso uma virtude e grandiosidade de espírito, o pudor e a modéstia, como indolência. Assim, depois que um espírito selvagem ingressa no mau caminho e o modo de vida já não lhe satisfaz, incendeia-se ora contra os aliados, ora contra os cidadãos, perturba a ordem estabelecida e busca mudanças. Por isso, no futuro, o usurário deve ser rechaçado: para que todos nós cuidemos de nossos próprios assuntos. Este é o caminho simples e verdadeiro para administrar a magistratura para o povo, não para o credor, e demonstrar grandeza de espírito, enriquecendo, e não empobrecendo, a República.

VI. E, no entanto, eu sei como essas ações serão árduas de início, especialmente àqueles que esperavam ganhar com a vitória mais folga e

saluti potius quam lubidini consules, illosque nosque et socios in pace firma constitues; sin eadem studia artesque iuventuti erunt, ne ista egregia tua fama simul cum urbe Roma brevi concidet.

Postrema sapientes pacis causa bellum gerunt, laborem spe otii sustentant. Nisi illam firmam efficis, vinci an vicisse quid retulit? Quare capesse, per deos, rem publicam et omnia aspera, uti soles, pervade. Namque aut tu mederi potes aut omittenda est cura omnibus. Neque quisquam te ad crudelis poenas aut acerba iudicia invocat, quibus civitas vastatur magis quam corrigitur, sed ut pravas artis malasque libidines ab iuventute prohibeas. Ea vera clementia erit, consuluisse ne merito cives patria expellerentur, retinuisse ab stultitia et falssi^o voluptatibus, pacem et concordiam stabilivisse, non si flagitis opsecutus, delicta perpressus praesens gaudium cum mox futuro malo concesseris.

VII. Ac mihi animus, quibus rebus alii timent, maxume fretus est: negotii magnitudine et quia tibi terrae et maria simul omnia componenda sunt. Quippe res parvas tantum ingenium attingere nequiret, magnae curae magna merces est. Igitur provideas oportet, uti plebs, largitionibus et publico frumento corrupta, habeat negotia sua, quibus ab malo publico detineatur; iuventus probitati et industriae, non sumptibus neque divitiis studeat. Id ita eveniet, si pecuniae, quae maxuma omnium pernicies est, usum atque decus dempseris. Nam saepe ego cum animo meo reputans quibus quisque rebus clari viri magnitudinem invenissent quaeque res populos nationesve magnis auctibus auxissent, ac deinde quibus causis amplissima regna et imperia conruissent, eadem semper bona atque

liberdade do que limites. Deles, se te preocupas mais com sua salvação do que com o prazer, então vais estabelecê-los, e também a nós e os aliados, em sólida paz. Mas se houver aqueles mesmos desejos e práticas entre os jovens, esta tua ilustre reputação tombará rapidamente com a cidade de Roma.

Por fim, sábios fazem guerra pela paz, mantêm o trabalho com esperança de ócio. E se não afirmares a paz, o que importa ser vencido ou ter vencido? Por isso agarra, pelos deuses, a República, e atravessa as dificuldades, como costumás fazer. Pois ou tu podes curá-la ou todos devem abrir mão desse cuidado. Ninguém está te invocando para julgamentos rígidos ou cruéis punições, pelas quais mais se arruína do que se corrige o cidadão, mas para que contenhas os maus costumes e devassos desejos da juventude. Esta clemência será verdadeira quando se estabelecer que os cidadãos não sejam expulsos merecidamente da pátria, quando forem afastados da estupidez e dos desejos, quando paz e concórdia forem constituídas, e não se, brando com os crimes e tolerante com os delitos, concederes prazer passageiro à custa de um mal futuro.

VII. Quanto a mim, o que os outros temem me é motivo máximo de confiança em virtude da magnificência da labuta e porque deves unificar tudo, terras e mares, a um só tempo. É evidente que tamanho intelecto não quisesse lidar com ninharias: grandes cuidados trazem grandes recompensas. Então cuides que o povo, depravado por causa das dissipações e oferta pública de trigo, mantenha seus negócios, pelos quais se refreia do mal comum, que a juventude anseie por honestidade e labor, não por consumo e riquezas. Assim será se, do dinheiro, que é a maior das pestes, extinguires a graça e a carência. Pois, refletindo comigo muitas vezes em como cada um dos nobres homens alcançara a grandeza, como povos e tribos se tornaram magnânimos e, depois, por que motivo reinos e impérios

mala reperiebam, omnesque victores divitias contempsisse et victos cupivisse. Neque aliter quisquam extollere sese et divina mortalis attingere potest, nisi omissis pecuniae et corporis gaudiis, animo indulgens non adsentando neque concupita praebendo, pervorsam gratiam gratificans, sed in labore, patientia, bonisque praeceptis et factis fortibus exercitando.

VIII. Nam domum aut villam exstruere, eam signis, aulaeis, alieisque operibus exornare et omnia potius quam semet visendum efficere, id est non divitias decori habere, sed ipsum illis flagitio esse. Porro ei, quibus bis die ventrem onerare, nullam noctem sine scorto quiescere mos est, ubi animum quem dominari decebat, servitio oppressere, nequequam eo postea hebeti atque claudo pro exercito uti volunt. Nam imprudentia pleraque et se praecipitat. Verum haec et omnia mala pariter cum honore pecuniae desinent, si neque magistratus neque alia volgo cupienda venalia erunt.

Ad hoc providendum est tibi, quonam modo Italia atque provinciae tutiores sint; id quod factu haud obscurum est. Nam idem omnia vastant, suas deserendo domos et per iniuriam alienas occupando. Item ne, uti adhuc, militia iniusta aut inaequalis sit, cum alii triginta, pars nullum stipendium facient. Et frumentum id, quod antea praemium ignaviae fuit, per municipia et colonias illis dare conveniet, qui stipendiis emeritis domos reverterint.

Quae rei publicae necessaria tibi que gloriosa ratus sum, quam paucissimis apsolvi. Non peius videtur pauca nunc de facto meo disserere. Plerique mortales ad iudicandum satis ingenii habent aut simulant; verum enim ad reprehendenda

ruíram, comecei a encontrar os mesmos prós e contras: todos os vencedores desprezavam as riquezas, e os vencidos desejavam-nas. De outro modo nenhum mortal pode se elevar e alcançar a divindade, a menos que, se abandonar os prazeres monetários e carnavais, conforto o espírito, não com condescendência nem se permitindo caprichos, satisfazendo-se com graça maléfica, mas pelo exercício do trabalho, da resignação, de boas maneiras e feitos valorosos.

VIII. Pois levantar casas e vilas, enfeitá-las com estátuas, tapeçarias e congêneres e fazer tudo isso mais belo de ver do que si mesmo não é lidar decorosamente com as riquezas, mas torná-las motivo de desgraça. Aliás, uma vez que esses indivíduos, que têm por hábito atulhar o ventre duas vezes ao dia e não sossegar noite alguma senão com meretrizes, sujeitaram a alma, à qual cabia o mando, à escravidão, em vão tentam servir-se dela, já lesada e claudicante. Pois a ignorância derruba muitos, até a si própria. Na verdade, esses e todos os outros males cessarão igualmente com o respeito dado pelo dinheiro se nem magistraturas, nem as coisas que o vulgo cobiça tiverem preço.

Deves providenciar, inclusive, algum meio para que a Itália e as províncias sejam mais protegidas – o que não é difícil de fazer –, pois são os homens dali que devastam tudo, ao abandonar os lares e ocupar terras alheias ilegalmente. Do mesmo modo, cumpre que as campanhas militares não sejam injustas e desiguais, como até então, em que uns participam de trinta, outros, de nenhuma. E este trigo, anteriormente um soldo à preguiça, convirá que o distribuas pelos municípios e colônias entre aqueles que retornaram para casa após cumprir o serviço militar.

Discorri do modo mais sucinto possível sobre o que julguei essencial à República e glorioso para ti. Não me soa de todo mal falar agora um pouco sobre minha atitude. Muitos mortais têm, ou fingem ter, discernimento o bastante para julgar. Mas,

aliena facta aut dicta ardet omnibus animus, vix satis apertum os aut lingua prompta videtur, quae meditata pectore evolvat. Quibus me subiectum haud paenitet, magis reticuisse pigeret. Nam sive hac seu meliore alia via perges, a me quidem pro virili parte dictum et adiutum fuerit. Relicuum est optare uti quae tibi placuerint ea di immortales adprobent beneque evenire sinant.

para reprovar e repreender ações ou palavras alheias, o espírito de todos se incendeia mal a boca aparente abrir-se, aprontar-se a língua, para despejar tudo que jaz guardado no peito. Contra esses não me arrependo de falar, mais desagradável seria se me calasse. Afinal, se seguires por este ou melhor caminho, terei ao menos falado e ajudado do melhor modo possível, de acordo com minhas forças. Agora é rezar para que os deuses imortais aprovelem o que te agradar e permitam que tudo te seja favorável.

Epistula secunda ad Caesarem

I. Scio ego, quam difficile, atque asperum factu sit, consilium dare regi aut imperatori, postremo cuiquam mortali, cuius opes in excelso sunt: quippe quum et illis consultorum copiae adsint; neque de futuro quisquam satis callidus satisque prudens sit. Quinetiam saepe prava magis, quam bona consilia prospere eveniunt: quia plerasque res fortuna ex lubricine sua agitat.

Sed mihi studium fuit adolescentulo rempublicam capessere: atque in ea cognoscenda multam, magnamque curam habui: non ita, uti magistratum modo caperem, quem multi malis artibus adepti erant; sed etiam uti rempublicam domi, militiaeque, quantumque armis, viris, opulentia posset, cognitam haberem. Itaque mihi multa cum animo agitantis consilium fuit, famam, modestiamque meam post tuam dignitatem habere, et cuius rei lubet periculum facere, dum quid tibi ex eo gloria accederit. Idque non temere, aut fortuna tua decrevi, sed quia in te, praeter ceteras, artem unam egregie mirabilem comperi, semper tibi maiorem in adversis, quam in secundis rebus animum esse. Sed per deos immortales illa res clarior est, quod et prius defessi sint homines laudando atque admirando munificentiam tuam, quam tu faciendo quae gloria digna essent.

II. Equidem mihi decretum est nihil tam ex alto reperiri posse, quod non cogitanti tibi in promptu sit, neque eo, quae visa sunt, de republica tibi scripsi, quia mihi consilium et ingenium meum amplius aequo probaretur sed inter labores militiae, interque proelia, victorias, imperium, statui admonendum te de negotiis urbanis. Namque tibi si id modo

Segunda epístola a César

I. Sei quão difícil e árduo é o feito de aconselhar um rei ou soberano¹ e, depois, a qualquer mortal cujos recursos sejam excelsos²: porque lhes sobejam conselheiros, ninguém é experiente o bastante, ou assaz prudente, com relação ao futuro³. Ademais, os maus conselhos sobressaem prosperamente aos bons, pois pela volúpia é que Fortuna revolve a maioria dos eventos.

Mas eu tive, desde tenra idade, vontade de entrar na política, e, ao conhecê-la, tive enorme cuidado não apenas para alcançar a magistratura, que muitos alcançaram por más praticas, mas, ainda, para conhecer a República na paz, na guerra, e quanto poder houvesse em armas, homens e riquezas. E, assim, revolvendo muitas coisas na mente, decidi sujeitar a ti minha fama e humildade, ação pela qual apraz correr o risco, conquanto disto alguma glória te advenha. E isso decidi não por acaso, nem por causa de tua fortuna, mas porque encontrei em ti, dentre outras, uma arte por demais admirável: o teu espírito ser maior sempre nas adversidades do que em situações favoráveis. Mas, pelos deuses imortais, essa é mais ilustre: que os homens se cansam antes por admirar e louvar tua generosidade do que tu ao fazer o que seja digno de glória.

II. Com efeito, nada de muito elevado me foi destinado desvelar que não estivesse no horizonte de tua mente. E não escrevo a ti o que observei sobre a República para que meu engenho e conselho se comprovem igualmente amplos, mas, entre os labores militares, batalhas e vitórias, resolvi que deveria te aconselhar sobre os negócios da cidade. Pois, se tens no peito esta ideia – te

¹ De *imperator*, que tanto designa aquele que exerça o mando como cônsul ou qualquer outro tipo de governante, como o próprio imperador, como Augusto, por exemplo.

² *opes*, trata-se tanto da influência que alguém goza e que lhe permite se elevar em relação a outras pessoas, como do poder, seja econômico, militar, ou político. Daí preferi usar *recursos*, que pode englobar as acepções citadas, viabilizando maior abrangência de sentidos.

³ Cf. o início do segundo parágrafo do discurso de Isócrates *Contra os sofistas*: “οἶμαι γὰρ ἅπανσιν εἶναι φανερόν ὅτι τὰ μέλλοντα προγιγνώσκειν οὐ τῆς ἡμετέρας φύσεώς ἐστιν (Penso ser evidente a todos que prever o futuro não é da nossa natureza).

in pectore consilii est, uti te ab inimicorum impetu vindices, quoque modo contra adversum consulem beneficia populi retineas, indigna virtute tua cogites. Sin in te ille animus est, qui iam a principio nobilitatis factionem disturbavit, plebem romanam ex gravi servitute in libertatem restituit, in praetura inimicorum arma inermis disiecit, domi militiaeque tanta et tam praeclara facinora fecit, uti ne inimici quidem queri quidquam audeant, nisi de magnitudine tua; quin accipe tu ea, quae dicam de summa republica, quae profecto aut tu vera invenies, aut certe haud procul a vero.

III. Sed quoniam Cn. Pompeius, aut animi pravitate, aut quia nihil eo maluit, quam quod tibi obsesset, ita lapsus est, ut hostibus tela in manus iaceret; quibus ille rebus rempublicam conturbavit, eisdem tibi restituendum est. Primum omnium, summam potestatem moderandi, de vectigalibus, sumptibus, iudiciis, senatoribus paucis tradidit; plebem romanam, cuius antea summa potestas erat, ne aequis quidem legibus, in servitute reliquit. Iudicia tametsi, sicut antea, tribus ordinibus tradita sunt; tamen iidem illi factiosi regunt, dant, adimunt, quae lubet: innocentes circumveniunt; suos ad honorem extollunt; non facinus, non probum aut flagitium obstat, quo minus magistratus capiant: quod commodum est, trahunt, rapiunt: postremo, tanquam urbe capta, lubricine ac licentia sua, pro legibus utuntur.

Ac me quidem mediocris dolor angeret, si virtute partam victoriam, more suo, per servitium exerceret; sed homines inertissimi, quorum omnis vis, virtusque in lingua sita est, forte, atque alterius socordia dominationem oblatam insolentes agitant. Nam, quae seditio, ac dissensio civilis tot tamque illustres familias ab stirpe avertit? Aut quorum unquam victoria animus tam praeceps tamque immoderatus fuit?

vingares do ímpeto dos inimigos e contra o cônsul avesso reter a todo custo os benefícios do povo —, pensas coisas indignas de teu valor. Se em ti há aquele ânimo que já de início perturbou a facção da nobreza, restituiu de pesada escravidão à liberdade a plebe romana, no pretorado, inermes, desarmou os inimigos, fez, na paz e na guerra, tantos feitos ilustres, para que inimigo algum ousasse reclamar algo senão de tua magnitude, aceites então estas que direi sobre a República. Seguramente descobrirás verdadeiras estas palavras ou, por certo, não longe da verdade.

III. Visto que Cneu Pompeu, ou pela depravação do espírito ou porque nada desejasse senão o que te prejudicasse, de tal forma rebaixou-se a fim de lançar armas nas mãos inimigas, com cujas ações conturbou a República, à mesma maneira tu debes restabelecê-la. Primeiramente, Pompeu concedeu a poucos senadores o poder máximo de governar sobre todos os impostos, gastos e sentenças, abandonou a plebe romana, em que antigamente residia o máximo poder, na servidão, não por justas leis, evidentemente. Se bem que os tribunais, tal como outrora, tenham sido confiados a três ordens, aqueles facciosos, entretanto, reinam da mesma forma, dão e retiram o que lhes apraz, assediam inocentes, acumulam os seus de honrarias. Nenhum crime, nenhuma vergonha ou ignomínia impede que tomem menos magistraturas. Dominam, roubam o que lhes apetece, em tão cativa cidade fazem uso das leis de acordo com seus desejos e licenciosidades.

Quanto a mim, dor suportável angustiaria se pelo valor fosse conquistada a vitória que eles, em conformidade com seus costumes, exercem pela servidão. Mas homens os mais inertes, dos quais toda força e valor está na língua, porventura estão praticando tirania oferecida pela indolência de um outro. Pois que discórdia ou dissensão civil arrebatou pela raiz tantas e tão ilustres

IV. Lucius Sulla, cui omnia in victoria lege belli licuerunt, tametsi supplicio hostium partes suas muniri intellegebat; tamen, paucis interfectis, ceteros beneficio quam metu retinere maluit. At hercule nunc cum Catone, Lucio Domitio, ceterisque eiusdem factionis, quadraginta senatores, multi praeterea cum spe bona adolescentes, sicuti hostiae, mactati sunt: quum interea importunissima genera hominum tot miserorum civium sanguine satiari nequiverunt: non orbi liberi, non parentes exacta aetate, non gemitus virorum, luctus mulierum, immanem eorum animum inflexit, qui, acerbis in dies male faciundo ac dicundo, dignitate alios, alios civitate eversum irent.

Nam quid ego de te dicam, cuius contumeliam homines ignavissimi vita sua commutare volunt? Scilicet neque illis tantae voluptati est (tametsi insperantibus accidit) dominatio, quanto moerori tua dignitas: quin optatius habent, ex tua calamitate periculum libertatis facere, quam per te populi romani imperium maximum ex magno fieri. Quo magis tibi etiam atque etiam animo prospiciendum est, quonam modo rem stabilias communiasque. Mihi quidem quae mens subpetit, eloqui non dubitabo: ceterum tui erit ingenii probare, quae vera atque utilia factu putes.

V. In duas partes ego civitatem divisam arbitror, sicut a maioribus accepi, in Patres, et plebem. Antea in Patribus summa auctoritas erat, vis multo maxima in plebe. Itaque saepius in civitate secessio fuit; semperque nobilitatis opes diminutae sunt, et ius populi amplificatum. Sed plebes eo libere agitabat, quia nullius potentia super leges erat; neque divitiis, aut superbia, sed bona fama factisque fortibus nobilis ignobilem anteibat: humillimus quisque in armis, aut militia,

famílias? Ou de quem o espírito terá sido tão precipitado e imoderado na vitória?

IV. Lúcio Sila, a quem a vitória – lei da guerra – tudo permitiu, embora achasse que devia defender suas tropas com a morte dos inimigos, preferiu, após poucas mortes, reter os restantes mais pelas vantagens do que por medo. Ao passo que, por deus! Quarenta senadores foram imolados com Marco Catão, Lúcio Domício e outros da mesma facção, como oferta, muitos, aliás, jovens de futuro promissor, enquanto, neste ínterim, a mais importuna estirpe de homens não pôde se saciar com o sangue de tantos miseráveis cidadãos. Nem órfãos, pais idosos, lutos e gemidos de homens e mulheres curvaram o selvagem espírito deles, dia a dia mais violentos no maldizer e mal fazer, para que não privassem uns da honra, outros, da cidade. Que direi de ti? Cuja humilhação os homens mais covardes querem comprar, se possível, com suas próprias vidas! E a tirania não lhes é motivo de tamanho prazer (mesmo que lhes tenha advindo quando não esperavam) como tua dignidade lhes é causa de aflição, a eles, que preferem antes pôr em risco a liberdade em prol de tua calamidade a que o poder do povo romano de grande torne-máximo por tua causa. O que tu deves observar, com maior afínco no espírito, é de que modo assegurar e revigorar a República. Com efeito, não hesitarei em expressar o que se me apresenta à ideia. Ademais, caberá a teu engenho apreciar o que julgares verdadeiro ou útil fazer.

V. Em duas partes julgo a cidade separada, tal como aprendi com os antepassados, em patrícios e plebeus. Outrora, nos patrícios residia a suma autoridade, na plebe, pelo número, o maior vigor. E houve assim secessões na cidade, e cada vez mais os recursos da nobreza foram diminuídos, e o direito do povo amplificado. E a plebe atuava livremente por causa disto: o poder de ninguém estava acima das leis, e o nobre não se antepunha ao homem comum pelas riquezas ou pela soberba senão pela boa reputação e bravos

nullius honestae rei egens, satis sibi, satisque patriae erat.

Sed, ubi eos paullatim expulsos agris, inertia, atque inopia incertas domos habere subegit; coepere alienas opes petere, libertatem suam cum republica venalem habere. Ita paullatim populus, qui dominus erat, et cunctis gentibus imperitabat, dilapsus est: et, pro communi imperio, privatim sibi quisque servitutem peperit. Haec igitur multitudo primum malis moribus imbuta, deinde in artes, vitasque varias dispalata, nullo modo inter se congruens, parum mihi quidem idonea videtur ad capessendum rempublicam. Ceterum, additis novis civibus, magna me spes tenet, fore, ut omnes expergiscantur ad libertatem: quippe quum illis libertatis retinendae, tum his servitutis amittendae cura orietur. Hos ego censeo, permixtos cum veteribus novos in coloniis constituas: ita et res militaris opulentior erit, et plebes bonis negotiis impedita malum publicum facere desinet.

VI. Sed non inscius, neque imprudens sum, quum ea res agetur, quae saevitia, quaeve tempestates hominum nobilium futurae sint; quum indignabuntur omnia, funditus misceri, antiquis civibus hanc servitutem imponi, regnum denique ex libera civitate futurum, ubi unius munere multitudo ingens in civitatem pervenerit. Equidem ego sic apud animum meum statuo, malum facinus in se admittere, qui incommodo reipublicae gratiam sibi conciliet: ubi bonum publicum etiam privatim usui est, id vero dubitare adgredi, socordiae, atque ignaviae duco. Marco Livio Druso semper consilium fuit, in tribunatu summa ope niti pro nobilitate: neque ullam rem in principio agere intendit, nisi illi auctores fierent. Sed homines factiosi, quibus dolus atque malitia fide cariora erant, ubi

feitos. Alguém mais humilde não desprovido de nada que não fosse desonesto, nos campos ou na guerra, bastava a si próprio e à pátria.

Mas quando a inércia e a miséria paulatinamente os expulsaram dos campos, impondo-lhes lares incertos, começaram a desejar bens alheios, a considerar sua liberdade e a República como algo à venda. Assim o povo, que antes era senhor e imperava todas as tribos, desintegrou-se aos poucos, e cada um preparou para si, em vez do poder comum, servidão privada. Esta multidão, portanto, primeiro imbuída de maus costumes, depois errando em más práticas e vidas inconstantes, de nenhuma forma acordes entre si, parece-me, evidentemente, pouco capaz de administrar a República. Porém, nutro a esperança de que, uma vez chegados novos cidadãos, todos acordarão para a liberdade, e com eles se erguerá de fato a preocupação de recuperar a liberdade, e então de largar dessa servidão. Aconselho que estabeleças os novos cidadãos junto aos veteranos nas colônias; destarte, as ações militares serão mais opulentas e a plebe, incutida em bons negócios, deixará de fazer mal público.

VI. Mas não sou imprudente nem ignoro que, quando este plano for perpetrado, quais serão as sevícias e aflições dos homens nobres, quanto se indignarão quando tudo for abalado desde os fundamentos, e quando se impuser esta servidão aos cidadãos antigos, da livre cidade, enfim, se fizer um reino, quando a grande multidão se tiver reunido pelo desígnio de um só. Com efeito, assim pondero comigo: um crime comete aquele que em detrimento da República angaria favor popular quando faz uso privado do bem público; julgo indolência e covardia isto hesitar enfrentar.

Marco Lívio Druso sempre teve o intuito de servir-se do tribunato com vigor, em prol da nobreza, e, em princípio, nenhuma ação empreendeu a menos que os nobres fossem os autores. Então,

intellegerunt, per unum hominem maxumum beneficium multis mortalibus dare, videlicet et sibi quisque conscius, malo atque infido animo esse, de Marco Livio Druso iuxta, ac de se, existumaverunt. Itaque metu, ne per tantam gratiam solus rerum potiretur, contra eum nixi, sua ipsius consilia disturbaverunt. Quo tibi, imperator, maiore cura fideque, amici et multa praesidia paranda sunt.

VII. Hostem advorsum obprimere, strenuo homini haud difficile est: occulta pericula neque facere, neque vitare, bonis in promptu est. Igitur, ubi eos in civitatem adduxeris; quoniam quidem revocata plebes erit, in ea re maxime animum excercitato, uti colantur boni mores, concordia inter veteres et novos coalescat. Sed multo maxumum bonum patriae, civibus, tibi, liberis, postremo humanae genti, pepereris, si studium pecuniae aut sustuleris, aut, quoad res feret, minueris: aliter neque privata res, neque publica, neque domi, neque militiae, regi potest. Nam ubi cupido divitiarum invasit, neque disciplina, neque artes bonae, neque ingenium ullum satis pollet; quin animus magis, aut minus mature, postremo tamen subcumbit. Saepe iam audivi, qui reges, quae civitates, et nationes, per opulentiam magna imperia amiserint, quae per virtutem inopes ceperant. Id adeo haud mirandum est: nam ubi bonus deteriorem divitiis magis clarum, magisque acceptum videt, prime aestuat, multaque in pectore volvit: sed ubi gloria honorem magis in dies, virtutem opulentia vincit, animus ad voluptatem a vero deficit. Quippe gloria industria alitur: ubi eam demseris, ipsa per se virtus amara, atque aspera est. Postremo, ubi divitiae clarae habentur, ibi omnia bona vilia sunt, fides, probitas, pudor, pudicitia: nam ad virtutem una, et ardua via est; ad pecuniam, qua quique lubet, nititur; et malis, et bonis rebus ea creatur. Ergo in primis auctoritatem pecuniae demito: neque de capite, neque

homens facciosos, aos quais dolo e malícia eram mais caros que a confiança, quando perceberam que por apenas um homem o maior benefício era dado a muitos mortais – cada um bem consciente de sua maldade e falsidade de espírito – julgaram-se iguais a Marco Druso. E assim, tementes que ele sozinho, por causa de tamanho privilégio, alcançasse amplo domínio sobre tudo, em resposta atrapalharam os planos dele e os próprios. Por isso, general, tu debes te proteger com maior cuidado, com muitas defesas e amigos de confiança.

VII. Ao homem vigoroso não é difícil oprimir o inimigo diante de si, nem está no horizonte dos bons ocultar ou evitar perigos. Portanto, quando os tiveres reconduzido à cidade, a plebe será efetivamente renovada, aplicar-te-ás com afínco neste propósito, para que se cultivem os bons costumes, que a concórdia se desenvolva entre os antigos e os novos. Mas proporcionarás o maior bem aos cidadãos da pátria, a ti próprio, às crianças, à humana gente, enfim, se tolheres o desejo de dinheiro ou, conquanto as circunstâncias permitam, diminuíres. De outro modo não podem ser administrados, na paz e na guerra, nem os bens privados nem os públicos. Pois onde o desejo de riquezas se infundiu, nem disciplina, boas práticas, ou algum engenho, impedem que, cedo ou tarde, o espírito, enfim, também não sucumba. Já ouvi muitas vezes como reis, cidades e tribos perderam pela opulência grandes reinos que, quando pobres, haviam conquistado virtuosamente; o que não é de admirar. Ora, quando um homem bom vê pelas riquezas alguém pior tornar-se ilustre e bem aceito, primeiro se enraivece e no peito agita muitas coisas; então, quando dia a dia à honra a vanglória, a opulência à virtude prevalece, o espírito se afasta da verdade rumo à volúpia. Com efeito, o labor se alimenta da fama; onde a tiveres removido, a virtude por si própria será amarga e áspera. Por fim, onde as riquezas são celebradas, ali todo o bem, confiança, probidade, pudor e pudicícia,

de honore ex copiis quisquam magis, aut minus iudicaverit; sicut neque praetor, neque consul, ex opulentia, verum ex dignitate creetur. Sed de magistratu facile populi iudicium fit. Iudices a paucis probari, regnum est; ex pecunia legi, inhonestum. Quare omnes primae classis iudicare placet, sed numero plures, quam iudicant. Neque Rhodios, neque alias civitates unquam suorum iudiciorum poenituit: ubi promiscue dives, et pauper, ut cuique fors tulit, de maximis rebus iuxta, ac de minimis disceptat.

VIII. Sed de magistratibus creandis haud mihi quidem absurde placet lex, quam Caius Gracchus in tribunatu promulgaverat; ut ex confusis quinque classibus sorte centuriae vocarentur. Ita coaequati dignitate, pecunia, virtute anteire alius alium properabit.

Haec magna remedia contra divitias statuo. Nam perinde omnes res laudantur, atque adpetuntur, ut earum rerum usus est: malitia praemiis excercetur. Ubi ea demseris, nemo omnium gratuito malus est. Ceterum avaritia bellua fera, immanis, intoleranda est: quo intendit, oppida, agros fana, atque domos vastat: divina cum humanis permiscet: neque exercitus, neque moenia obstant, quominus vi sua penetret: fama, pudicitia, liberis, patria, atque parentibus cunctos mortales spoliatur. Verum, si pecuniae decus ademeris, magna illa vis avaritiae facile bonis moribus vincetur.

Atque haec ita sese habere, tametsi omnes aequi, atque iniqui memorent, tamen tibi cum factione nobilitatis haud

são vis. E da virtude o caminho é único e árduo, já no caminho da riqueza a qualquer um apraz se apoiar, e deste procedem tanto bens como males.

Em primeiro lugar, removerás a autoridade do dinheiro. Assim, ninguém mais haverá de julgar mais ou menos sobre a honra ou a vida de outrem por causa de suas riquezas, como também nem pretor ou cônsul deva eleger-se pela opulência, senão pela dignidade. Mas, quanto à magistratura, facilmente se estabelece o juízo do povo: juízes serem aprovados pela minoria é tirania, serem escolhidos por causa das riquezas, desonesto. Logo, convém que todos da primeira classe participem dos julgamentos, mas em número maior do que os que estão julgando. Nem Rodes nem outras cidades alguma vez padeceram por causa dos tribunais, nas quais se julgam indistintamente ricos e pobres, com a Sorte que a Fortuna dá a cada um, sobre as maiores e menores questões.

VIII. Quanto à escolha dos magistrados, com efeito, agrada-me a lei que Caio Graco promulgara no tribunato: que das classes em conjunto cinco pessoas fossem convocadas por sorteio para a centúria. Destarte, nivelam-se dinheiro e dignidade, e cada um se apressará em exceder o outro em virtude.

Elejo essas medidas como remédio contra a opulência. Pois da mesma forma louvam-se e buscam-se as coisas, para que delas se faça proveito. A vileza é impelida pelas propinas; quando lhes puseres fim, ninguém fará o mal gratuitamente. Além disso, aquela besta-fera, a avareza, é um monstro que não pode ser tolerado; para onde se dirige, devasta cidades, campos, confunde o humano e o divino, nem exército ou muralha impede que ela, com sua força, despoje filhos, pais, pátria, todos os mortais, de honra, de pudicícia. Portanto, se do dinheiro afastares a honra, aquela grande força da avareza será vencida pelos bons costumes. Mas embora todos, justos e injustos, digam assim serem as coisas, não te será medíocre o

mediocriter certandum est: cuius si dolum caveris, alia omnia in proclivi erunt. Nam hi, si virtute satis valerent, magis aemuli bonorum, quam invidi essent: quia desidia, et inertia, et stupor eos atque torpedo invasit; strepunt, obtrectant, alienam famam bonam suum dedecus existumant.

IX. Sed, quid ego plura, quasi de ignotis, memorem? Marci Bibuli fortitudo atque animi vis in consulatum erupit: hebes lingua, magis malus quam callidus ingenio. Quid ille audeat, cui consulatus maxumum imperium maxumo dedecori fuit? An Lucii Domitii magna vis est, cuius nullum membrum a flagitio aut facinore vacat: lingua vana, manus cruentae, pedes fugaces; quae honeste nominari nequeant, inhonestissima? Unius tamen Marci Catonis ingenium versutum, loquax, callidum haud contemno. Parantur haec disciplina Graecorum; sed virtus, vigilantia, labos, apud Graecos nulla sunt. Quippe, quum domi libertatem suam per inertiam amiserint, censesne eorum praeceptis imperium haberi posse? Reliqui de factione sunt inertissimi nobiles; in quibus, sicut in statua, praeter nomen, nihil est additamenti. Lucius Postumius, et Marcus Favonius, mihi videntur quasi magnae navis supervacua onera esse: ubi salvi pervenire, usui sunt; si quid advorsi coortum est, de illis potissimum iactura fit, quia pretii minumi sunt.

X. Nunc, quoniam, sicut mihi videor, de plebe renovanda, corrigendaque disserui, de senatu, quae tibi agenda videntur, dicam.

Postquam mihi aetas ingeniumque adolevit, haud ferme armis, atque equis, corpus exercui, sed animum in litteris agitavi; quod natura firmius erat, id in laboribus habui. Atque ego in ea vita,

certame contra a facção da nobreza, o qual se de cujo dolo te precaveres, em tudo o mais te será favorável. Pois se os nobres tivessem virtude o bastante, seriam antes êmulos dos bons do que invejosos. Porque os invadiram indolência e inércia, torpor e insanidade, clamam, molestam, consideram a boa reputação alheia suas desonras.

IX. E o que mais, como se de coisas ignoradas, direi? A coragem e o vigor de espírito de Marco Bíbulo manifestaram-se no consulado: lânguida língua, engenho mais vil que perspicaz. O que ousaria aquele a quem o consulado, poder máximo, foi motivo da maior desonra. Acaso há grande virtude em Lúcio Domicio, do qual membro algum carece de moléstia ou crime? Língua vã, mãos sanguinárias, pés fugazes: os atributos mais desonestos, que não podem ser nomeados honrosamente.

Há um, porém, Marco Catão, cujo engenho versátil, eloquente e esperto não desprezo. Qualidades estas que provêm da prática dos gregos. Mas entre os gregos virtude, vigilância e labor não existem. Com efeito, por acaso julgas que um governo pode se sustentar nos preceitos deles, que em casa puseram a perder a liberdade por causa da inércia? Do resto da facção, os nobres são os mais inertes, os quais, tal como no título, nada acrescentam exceto bom nome. Homens como Lúcio Postúmio e Marco Favônio parecem-me, por assim dizer, cargas supérfluas de um grande navio: quando chegam sãs e salvas, são de utilidade, mas se alguma adversidade acontece, delas é preferível se desfazer, porque de nada valerão.

X. Agora, como me parece que muito dissertei sobre a renovação e restauração da plebe, falarei sobre o que tu debes fazer quanto ao senado.

Depois que amadureci em anos e engenho, raramente exercitei o corpo em armas e cavalos, mas o espírito lancei nas letras, e aí enfrentei labores, porque minha natureza era mais firme. E neste viver

multa legendo atque audiendo ita comperi, omnia regna, item civitates, nationes, usque eo prosperum imperium habuisse, dum apud eos vera consilia valuerunt: ubicumque gratia, timor, voluptas, ea corrumpere, post paullo imminutae opes, deinde ademptum imperium, postremo servitus imposita est.

Equidem ego sic apud animum meum statuo: cuicumque in sua civitate amplior illustriorque locus, quam aliis est, ei magnam curam esse reipublicae. Nam ceteris, salva urbe, tantummodo libertas tuta est; qui per virtutem sibi divitias, decus, honorem pepererunt, ubi paullum inclinata respublica agitari coepit, multipliciter animus curis, atque laboribus fatigatur; aut gloriam, aut libertatem, aut rem familiarem defensat: omnibus locis adest, festinat; quanto in secundis rebus florentior fuit, tanto in advorsis asperius, magisque anxie agitat. Igitur ubi plebes senatui, sicuti corpus animo, obedit, eiusque consulta exsequitur, Patres consilio valere decet, populo supervacanea est calliditas. Itaque maiores nostri, quum bellis asperrimis premerentur, equis, viris, pecunia amissa, nunquam defessi sunt armati de imperio certare. Non inopia aerarii, non vis hostium, non advorsa res, ingentem eorum animum subegit, quin, quae virtute ceperant, simul cum anima retineret. Atque ea magis fortibus consiliis, quam bonis proeliis, patrata sunt. Quippe apud illos una respublica erat, ei omnes consulebant; factio contra hostes parabatur; corpus atque ingenium, patriae, non suae quisque potentiae, exercitabat.

Ac hoc tempore contra, homines nobiles, quorum animos socordia atque ignavia invasit, ignari laboris, hostium,

aprendi, lendo e escrevendo muitas coisas, que todos os reinos, também cidades e tribos, tiveram próspero poder enquanto entre eles os verdadeiros conselhos vigoravam; mas, quando em toda parte licença, temor, desejo a tudo corrompeu, em pouco tempo diminuíram-se as forças, então debilitou-se o poder e, por fim, impôs-se a servidão.

Quanto a mim, pensei comigo: qualquer um que possua em sua cidade posição mais considerável e ilustre que os outros tem maior interesse na política. Quanto aos demais, a salvação da cidade diz respeito só a sua própria. Mas aqueles que granjearam riquezas, glória, honra a si próprios, quando a República começa a se tornar instável, de várias formas fatigam a mente em cuidados e labores, para que defendam glória, liberdade ou bens familiares, acodem rapidamente a todos os lugares, e, quanto mais tenham prosperado quando a situação era favorável, tanto mais áspera e ansiosamente se inquietam nas adversidades. Portanto, quando a plebe obedecer ao senado, tal como o corpo ao espírito, e dele seguir as leis, os pais conscritos deverão decidir com firmeza, supérflua será a perspicácia do povo. Assim nossos maiores, quando açoitados pelas mais ásperas guerras, tendo perdido recursos, cavalos e varões, nunca se cansaram de pelas armas obter o poder. Nem a penúria do erário, a força dos inimigos, nem as adversidades subjugaram sua magnanimidade, impedindo-os de conservar, enquanto tivessem disposição, tudo que conquistaram pela virtude. Mas conquistaram essa posição mais com a firmeza das decisões do que com grandes batalhas. Com efeito, entre eles a República era uma, e todos se preocupavam, contra os inimigos é que se formavam facções, cada um exercitava seu corpo e engenho em prol da pátria, e não de seus próprios poderes.

Mas hoje, homens nobres, cujos espíritos negligência e ignomínia invadiram, ignaros quanto aos trabalhos,

militiae, domi factione instructi, per superbiam cunctis gentibus moderantur.

XI. Itaque Patres, quorum consilio antea dubia respublica stabiliebatur, obpressi, ex aliena lubidine huc atque illuc fluctuantes agitantur; interdum alia, deinde alia decernunt: ut eorum, qui dominantur, simultas ac arrogantia fert, ita bonum, malumque publicum existumant.

Quod si aut libertas, aequa omnium, aut sententia obscurior esset, maioribus opibus respublica, et minus potens nobilitas esset. Sed quoniam coaequari gratiam omnium difficile est (quippe quum illis maiorum virtus partem reliquerit gloriam, dignitatem, clientelas; cetera multitudo, pleraque insititia sit); sententia eorum a metu libera. Ita occulte sibi quisque alterius potentia carior erit. Libertas iuxta bonis et malis, strenuis et ignavis, optabilis est. Verum eam plerique metu deserunt, stultissimi mortales. Quod in certamine dubium est, quorsum accidat, id per inertiam in se, quasi victi, recipiunt.

Igitur duabus rebus confirmari posse senatum puto: si numero auctus per tabellam sententiam feret. Tabella obtentui erit, quo magis animo libero facere audeat: in multitudine, et praesidii plus, et usus amplior est. Nam fere his tempestatibus, alii iudiciis publicis, alii privatis suis atque amicorum negotiis implicati, haud sane reipublicae consiliis adfuerunt: neque eos magis occupatio, quam superba imperia distinguere. Homines nobiles cum paucis senatoris quos additamenta factionis habent, quaecumque libuit probare, reprehendere, decernere, ea, uti lubido tulit, facere. Verum ubi, numero senatorum aucto, per tabellam sententiae dicentur; hae illi superbiam suam dimittent, ubi iis

aos inimigos e às práticas militares, no lar instruídos pela soberba, imperam todas as gentes.

XI. Assim, nossos pais conscritos, cujos conselhos antes firmaram a dúbia República, foram oprimidos pela devassidão alheia, e erram hesitantes aqui e acolá. Daí, ora umas, ora outras coisas decretam, a fim de que angariem, para aqueles que os chefiam, favor ou animosidade, e para tanto avaliam o bem e o mal público.

E se todos tivessem a mesma liberdade e seus julgamentos fossem menos obscuros, a República seria rica em recursos e a nobreza, menos poderosa. Mas visto que é difícil agradar a todos, evidentemente porque o valor dos nossos antepassados deixou aos nobres cultivada glória, dignidade, clientelas, enquanto a maior parte da turba esteja alheia a bens, liberta os senadores do medo. Assim cada um, livre de espreitas, valorizar-se-á mais do que a autoridade de outro. A liberdade é desejável tanto ao bom quanto ao mau, ao corajoso e ao covarde. E de fato a maioria a abandona pelo medo. Os mais tolos dos mortais, porque na batalha há dúvida sobre que lado tombará, isto encaram, por causa da indolência, como, por assim dizer, vencidos.

Portanto, penso que o senado pode ser restituído em dois passos: se, aumentado em número, julgar por votação. O voto será o motivo pelo qual mais se fará ousar com liberdade; com o aumento, segurança e utilidade serão muito mais amplas. Pois, por esses tempos, uns, aplicados em juízos públicos, outros, nos seus próprios negócios ou nos de amigos, de forma alguma estiveram presentes nos conselhos da República, e não foram ocupações, senão o soberbo poder, que os afastaram. Homens da nobreza e poucos senadores, que apoiam sua facção, o que quer que lhes conviessem aprovar, desaprovar e determinar, como lhes incitasse a libido, fizeram-no. Não obstante, quando, aumentado o número de senadores, as sentenças se fizerem pelos votos, eles

obediundum erit, quibus antea crudelissime imperitabant.

XII. Forsitan, imperator, perfectis litteris desideres, quem numerum senatorum fieri placeat; quoque modo in multa et varia officia distribuantur; et quoniam iudicia primae classis mittenda putem, quae descriptio, qui numerus in quoque genere futurus sit. Eam hi omnia generatim describere, haud difficile factu fuit; sed prius laborandum visum est de summa consilii, idque tibi probandum verum esse: si hoc itinere uti decreveris, cetera in promptu erunt. Volo ego consilium meum prudens, maxumeque usui esse; nam ubicumque tibi res prospere cedit, ibi mihi bona fama eveniet. Se me illa magis cupido exercet, uti quocumque modo, et quam primum respublica adiuvetur. Libertatem gloria cariorum habeo, atque ego te oro, hortorque, ne clarissimus imperator, gallica gente subacta, populi romani summum atque invictum imperium tabescere vetustate, ac per summam discordiam dilabi, patiaris.

Profecto, si id accidat, neque tibi nox, neque dies, curam animi sedaverit, quin insomniis exercitus, furibundus, atque amens alienata mente feraris. Namque mihi pro vero constat, omnium mortalium vitam divino numine invisi; neque bonum, neque malum facinus cuiusquam pro nihilo haberi: sed ex natura, diversa praemia bonos, malosque sequi. Interea forte ea tardius procedunt: suos cuique animus ex conscientia spem praebebat.

XIII. Quod si tecum patria, atque parentes possent loqui, scilicet haec tibi dicerent: "O Caesar, nos te genuimos fortissimi viri, in optima urbe decus, praesidiumque nobis, hostibus terrorem: quae multis laboribus et periculis ceperamus, ea tibi nascenti cum anima

dispensarão sua soberba ao obedecer àqueles que anteriormente imperavam do modo mais cruel.

XII. Talvez, general, após ler a epístola desejes saber a quantidade de senadores que se convenha adotar, como e em quais dos muitos e variados officios distribuí-los – porque penso que as deliberações devem ser levadas a todos da primeira classe –, qual a organização, qual o número e como serão divididos. Não me foi difícil descrever todas estas coisas em detalhes; mas antes deve-se trabalhar o todo a partir da sùmula dos conselhos, dos quais tu deves comprovar a veracidade. Se decidires seguir este caminho, o restante saltará à vista. Quero que meu conselho seja prudente e da maior utilidade. Pois, onde quer que os feitos te sejam favoráveis, dali me virá boa fama. Mas este desejo mais me incita: que de qualquer modo a República seja amparada o quanto antes. Considero a liberdade mais preciosa que a glória; por isto te peço e exorto, ilustríssimo imperador, que, após subjugar a tribo da Gália, não deixes o sacro e invencível império do povo romano esmorecer na senilidade, nem tolere que pela maior indolência seja derrotado.

De fato, se isto ocorrer, nem noite ou dia irá te apaziguar a dor no espírito, nem evitar que, nos sonhos atormentado, com mente alienada, fiques louco, fora de si. Quanto a mim, consta, todavia, que a vida dos mortais é protegida por nume divino, que nem o bem nem o mal são ignorados, mas, segundo a natureza diversa de cada um, prêmios diversos acompanham bons e maus. Enquanto isso, se por acaso estes prêmios caminham com mais vagar, o espírito de cada um mantém expectativa de acordo com sua consciência.

XIII. E, se a pátria e os pais pudessem falar contigo, com certeza te diriam o seguinte: "Ó César, nós te geramos o mais corajoso dos homens na melhor cidade, és nossa honra e segurança, o terror dos inimigos. O que por muitos labores e perigos alcançamos, a ti confiamos com

simul tradidimus, patriam maxuma in terris; domum familiamque in patria clarissumam; praeterea bonas artes, honestas divitias; postremo omnia honestamenta pacis et praemia belli. Pro his amplissimis beneficiis non flagitium a te, neque malum facinus, petimus; sed uti libertatem eversam restituas: qua re patrata, profecto per gentes omnes fama virtutis tuae volitabit. Namque hac tempestate, tametsi domi militiaeque praeclara facinora egisti, tamen gloria tua cum multis viris fortibus aequalis est: si vero urbem amplissimo nomine, ex maximo imperio, prope iam ab occasu restitueris, quis te clarior, quis maior, in terris fuerit? Quippe si morbo iam, aut fato huic imperio secus accidat; cui dubium est, quin per orbem terrarum vastitas, bella, caedes, oriantur? Quod si tibi bona lubido fuerit, patriae, parentibus gratificandi; postero tempore, republica restituta, super omnis mortales gloria agnita, tuaque unius mors vita clarior erit. Nam vivos interdum fortuna, saepe invidia fatigat: ubi anima naturae cessit, dentis obtrectationibus, ipsa se virtus magis magisque extollit."

Quae mihi utilia factu visa sunt, quaeque tibi usui fore credidi, quam paucissimis potui, perscripsi. Ceterum deos immortalis obtestor, uti, quocumque modo ages, ea res tibi reiue publicae prospere eveniat.

nossa alma quando nasceste: a maior pátria nas terras e um lar e família na pátria mais ilustres, além de boas práticas e honestas riquezas, enfim, todos os ornamentos da paz e prêmios da guerra. Não te pedimos flagelo nem vil crime em prol dos mais amplos benefícios, mas que restituas a esvanecida liberdade. Perpetrada tal ação, a fama de teu valor pairará certamente sobre todos os povos. E nesta época, embora tenhas feito na paz ou na guerra ilustres feitos, tua glória, todavia, iguala-se com a de muitos e valorosos varões. Se, no entanto, restituíres à cidade, já próxima ao crepúsculo, o notório nome e o maior poder, quem na Terra terá sido mais ilustre que ti, quem maior? Com efeito, se, por moléstia ou pelo fado, ao império suceder de outro modo, quem duvidará que pelas terras do orbe surgirão desertos, guerras, carnificinas? Mas se tiveres boa vontade de gratificar a pátria e os pais, em tempo póstumo, já restabelecida a República, somente tua glória se elevará sobre todos os mortais e tua morte será mais ilustre que a vida. Pois Fortuna vez por outra fustiga os vivos, frequentemente por inveja: quando a alma sucede à natureza, removidas as calúnias, a própria virtude mais e mais se eleva!"

O que me pareceu mais útil de fazer e que a ti fosse o mais proveitoso, escrevi em quantas poucas palavras pude. Por fim, tomo os deuses imortais por testemunhas para que, de qualquer forma que agires, todas as ações procedam afortunadamente a ti e à República.

ANEXOS

Os textos latinos utilizados para a tradução nos itens **a.** e **c.** foram extraídos do *site* do projeto *Perseus*. Os dois artigos originais, em latim, de Alphonsus Kurfess, cujas traduções constam em **b.**, podem ser encontrados no *site Jstor* pelos títulos *Ad Ciceronis in Sallustium quae fertur invectivam* (originalmente publicado em *Mnemosyne*, New Series, v. 41, 1913, p. 23-25) e *De invectivis quae tamquam Sallustii et Ciceronis traditae sunt* (originalmente publicado em *Mnemosyne*, New Series, v. 40, 1912, p. 364-380).

a) Petrônio e Tácito sobre a declamação

Petrônio, *Satyricon* 1-4.

‘Num alio genere furiarum declamatores inquietantur, qui clamant: “haec uulnera pro libertate publica excepi, hunc oculum pro uobis inpendi; date mihi qui me ducat ad liberos meos, nam succisi poplites membra non sustinent”? haec ipsa tolerabilia essent si ad eloquentiam ituris uiam facerent. nunc et rerum tumore et sententiarum uanissimo strepitu hoc tantum proficiunt, ut cum in forum uenerint putent se in alium orbem terrarum delatos. et ideo ego adulescentulos existimo in scholis stultissimos fieri, quia nihil ex his quae in usu habemus aut audiunt aut uident, sed piratas cum catenis in litore stantes, sed tyrannos edicta scribes quibus imperent filiis ut patrum suorum capita praecidant, sed responsa in pestilentiam data ut uirgines tres aut plures immolentur, sed mellitos uerborum globulos et omnia dicta factaque quasi papauere et sesamo sparsa. qui inter haec nutriuntur non magis sapere possunt quam bene olere qui in culina habitant. pace uestra liceat dixisse, primi omnium eloquentiam perdidistis. leuibus enim atque inanibus sonis ludibria quaedam excitando offecistis ut corpus orationis eneruaretur et caderet. nondum iuuenes declamationibus continebantur cum Sophocles aut Euripides inuenerunt uerba quibus deberent loqui. nondum umbraticus doctor ingenia deleuerat

“Acaso os declamadores são tomados por outro tipo de furor, os que clamam “recebi esta ferida em prol da liberdade, perdi um olho em vosso favor; dai-me meios de chegar aos meus filhos, pois as pernas amputadas não me sustentam o corpo? Essas coisas seriam toleráveis se abrissem caminho aos que buscam a eloquência. Mas, com a pompa das ações e o estrépito mais que vão das frases, eles conseguem apenas isso: tão logo pisem no fórum, julgar-se-ão levados a outro mundo. E por isso acho que os juvenzinhos se tornam cada vez mais idiotas nas escolas, porque não veem nem ouvem nada de nossa realidade, e sim piratas acorrentados no litoral, tiranos que escrevem decretos pelos quais mandam aos filhos cortar a cabeça dos pais, augúrios contra uma peste em que três ou mais virgens devem ser sacrificadas, palavras de bolinhas de mel e todas as frases e feitos borrifados com papoula e sésamo. E os [alunos] que se alimentam com isso não podem ser mais inteligentes do que os que vivem na cozinha podem ser mais bem cheirosos. Com vossa licença, digo que vós, por primeiro, arruinaste a eloquência de todos. Pois, alimentando [tais] ludíbrios em devaneios levianos e ociosos, fizestes que o corpo do discurso se enfraquecesse até a morte. Os jovens ainda não eram aprisionados às declamações quando Sófocles e Eurípedes encontraram as palavras que haviam de proferir. O sorumbático mestre ainda não havia aniquilado gênios quando Píndaro e nove líricos temiam cantar em versos

cum Pindarus nouemque lyrici Homericis uersibus canere timuerunt. et ne poetas ad testimonium citem, certe neque Platona neque Demosthenen ad hoc genus exercitationis accessisse uideo. grandis et ut ita dicam pudica oratio non est maculosa nec turgida, sed naturali pulchritudine exsurgit. nuper ventosa istaec et enormis loquacitas Athenas ex Asia commigrauit animosque iuuenum ad magna surgentes ueluti pestilenti quodam sidere adflauit, semelque corrupta regula eloquentia stetit et obmutuit. quis postea ad summam Thucydidis, quis Hyperidis ad famam processit? ac ne carmen quidem sani coloris enituit, sed omnia quasi eodem cibo pasta non potuerunt usque ad senectutem canescere. pictura quoque non alium exitum fecit, postquam Aegyptiorum audacia tam magnae artis compendiariam inuenit. 'non est passus Agamemnon me diutius declamare in porticu quam ipse in schola sudauerat, sed 'adulescens', inquit, 'quoniam sermonem habes non publici saporis et, quod rarissimum est, amas bonam mentem, non fraudabo te arte secreta. nil mirum si in his exercitationibus doctores peccant, qui necesse habent cum insanientibus furere. nam nisi dixerint quae adulescentuli probent, ut ait Cicero, 'soli in scholis relinquentur'. Sicut adulatores cum cenas diuitum captant nihil prius meditantur quam id quod putant gratissimum auditoribus fore (nec enim aliter impetrabunt quod petunt nisi quasdam insidias auribus fecerint), sic eloquentiae magister, nisi tamquam piscator eam imposuerit hamis escam quam scierit adpetituros esse pisciculos, sine praedae spe moratur in scopulo. quid ergo est? parentes obiurgatione digni sunt, qui nolunt liberos suos seuera lege proficere. primum enim sic ut omnia, spes quoque suas ambitioni donant. deinde cum ad uota properant, cruda adhuc studia in forum pellunt, et eloquentiam, qua nihil esse maius confitentur, pueris induunt adhuc nascentibus. quod si paterentur laborum gradus fieri, ut studiosi iuuenes lectione seuera inrigarentur, ut sapientiae praeceptis animos componerent, [ut uerba atroci stilo effoderent] ut quod uellent imitari diu

homéricos. E não preciso citar os poetas como testemunho, pois com certeza não imagino que Platão nem Demóstenes tenham se servido desse tipo de exercício. O discurso elevado e, como também digo, simples não é poluído nem inchado, mas advém da beleza natural. Foi há pouco que essa vultosa e volúvel logorreia migrou da Ásia para Atenas e, como uma peste, entorpeceu os ânimos dos jovens que se voltavam para coisas mais importantes, de modo que, uma vez rompida a tradição, a eloquência emudeceu. Posteriormente, quem ultrapassou a grande fama de Tucídides, quem a de Hipérides? E nem mesmo um poema brilhou com força, pois tudo que, por assim dizer, se alimentou desse mesmo pasto não pôde chegar à terceira idade. Também a pintura não teve outra sorte, depois que a ousadia dos egípcios encontrou um atalho para o caminho da grande obra de arte." Agamenon não suportou me ouvir declamar no pórtico por mais tempo do que ele próprio transpirara na escola, mas disse "jovem, visto que tens uma conversa que não é própria do paladar público, o que é raríssimo, e amas o bom senso, não te enganarei com arte secreta. Não causa espanto se os mestres tropeçam nesses exercícios, porque é inevitável agir feito doido na presença de loucos. Pois, a menos que digam o que agrada aos juvenzinhos, como diz Cícero: "serão abandonados sozinhos nas escolas". Assim, os adulatores, quando em banquetes de ricos, em nada pensam antes senão no que possa ser mais agradável aos ouvintes (de outro modo não conseguirão o que querem, ao menos que logrem com alguns ardis). Logo, o mestre da eloquência é como um pescador que pôs iscas no anzol porque sabia que seriam apetitosas para os peixinhos, se não morreria sentado sem esperança de prenda. Que fazer? São dignos de reprovação os pais que não querem que seus filhos se beneficiem da disciplina rígida. Em primeiro lugar, como tudo o mais, eles também entregam suas esperanças à ambição. Então, porque os pais apressam os votos, os meninos expelem no fórum ensinamentos crus, e a eloquência, que nada confessam ser maior, impõem-na aos meninos recém-nascidos. Se permitissem que o trabalho fosse realizado passo a passo, que os estudiosos gotejassem as lições nos jovens, que constituíssem as mentes com preceitos sábios, que o lápis não se cansasse de arranhar palavras, que ouvissem

audirent, si persuaderent sibi nihil esse magnificum quod pueris placeret, iam illa grandis oratio haberet maiestatis suae pondus. nunc pueri in scholis ludunt, iuvenes ridentur in foro, et, quod utroque turpius est, quod quisque perperam didicit, in senectute confutari non uult.”

por muito tempo o que quisessem imitar, se convencessem a si mesmos que não há nada magnífico que possa agradar aos meninos, já aquele discurso elevado chegaria ao peso de seu poder. Agora, no entanto, os meninos brincam nas escolas, os jovens riem no fórum, e, o que é mais torpe que isso, ninguém quer assumir na velhice aquilo que aprendeu erroneamente.

Tácito. *Dialogus de oratoribus*, 35.

At nunc adolescentuli nostri deducuntur in scholas istorum, qui rhetores vocantur, quos paulo ante Ciceronis tempora extitisse nec placuisse maioribus nostris ex eo manifestum est, quod a Crasso et Domitio censoribus claudere, ut ait Cicero, "ludum impudentiae" iussi sunt. Sed ut dicere institueram, deducuntur in scholas, [in] quibus non facile dixerim utrumne locus ipse an condiscipuli an genus studiorum plus mali ingeniis adferant. Nam in loco nihil reverentiae est, in quem nemo nisi aequae imperitus intret; in condiscipulis nihil profectus, cum pueri inter pueros et adolescentuli inter adolescentulos pari securitate et dicant et audiantur; ipsae vero exercitationes magna ex parte contrariae. Nempe enim duo genera materiarum apud rhetoras tractantur, suasoriae et controversiae. Ex his suasoriae quidem etsi tamquam plane leviores et minus prudentiae exigentes pueris delegantur, controversiae robustioribus adsignantur, — quales, per fidem, et quam incredibiliter compositae! sequitur autem, ut materiae abhorrenti a veritate declamatio quoque adhibeatur. Sic fit ut tyrannicidarum praemia aut vitiatarum electiones aut pestilentiae remedia aut incesta matrum aut quidquid in schola cotidie agitur, in foro vel raro vel numquam, ingentibus verbis persequantur: cum ad veros iudices ventum...

Agora, contudo, nossos juvenzinhos são apanhados nas escolas desses aí, que se dizem rétores, surgidos pouco antes do tempo de Cícero, por cujo depoimento ficou patente que não agradavam a nossos ancestrais, porque o “parque de diversões da impudência”, como diz Cícero, teve as portas fechadas pelos censores Crasso e Domício. Mas, como comecei a dizer, são apanhados nas escolas, e não poderia dizer com facilidade o que é mais nocivo ao raciocínio: se o próprio local, ou os colegas, ou o tipo dos estudos. Pois não há respeito algum no recinto, no qual ninguém entra senão igualmente ignorante. Quanto aos colegas, nenhum proveito, já que meninos com meninos e juvenzinhos com juvenzinhos tanto falam como são ouvidos com a mesma segurança. Os próprios exercícios, em grande parte, são perniciosos. Com efeito, duas subespécies genéricas são tratadas pelos rétores: suasórias e controvérsias. Dessas, as suasórias, de um lado, são delegadas aos meninos tanto por serem mais fáceis como por exigirem menos prudência; as controvérsias, de outro, são endereçadas aos mais treinados e, pela Boa-Fé! Como são incrivelmente compostas! Ocorre que também a declamação tolera assuntos afastados da verdade. Assim sucede que se trate dia a dia, nas escolas, das recompensas aos tiranicidas, ou das listagens dos vícios ou dos remédios às pestes, ou dos incestos das mães, ou do que quer que seja, mas

rara vez ou jamais no fórum, empregando grandiosas palavras. Quando se chegar diante de juízes verdadeiros...

b) Kurfess e a autoria Salustiana

Trata-se apenas de tradução parcial, pois as notas não foram traduzidas, bem como algumas citações, como exercício de tradução e para demonstrar informações que foram utilizadas nesta pesquisa.

Pela leitura do primeiro artigo, percebe-se que esse Públio Nigídio parece ter sido amigo mesmo de Cícero, ainda que estivesse ligado a cultos secretos. Quanto a ser amigo de Cícero, não há dúvida, pois o Arpinate o diz. Quanto a estar ligado a cultos secretos, pode tratar-se de fama, má-fama, que correu pelos pósteros, daí a inépcia do autor da invectiva. Ainda, entretanto, que Nigídio fosse sacrílego, mesmo assim era amigo de Cícero, e este, como é de uso, não perdoaria a outros o que perdoa ao amigo, daí o passo do discurso contra Vatínio. De qualquer forma, apenas o ser amigo Nigídio de Cícero invalida, ou ao menos induz a tal invalidação, da legitimidade da epístola. Essa, que, inclusive, como diz Quintiliano, nunca passou como original. Porventura, esse equívoco na construção do *ethos* da persona de Cícero que invectiva parece ter sido definitivo para encerrar a discussão sobre autenticidade.

Sobre a invectiva contra Salústio atribuída a Cícero

Por Alphonsus Kurfess

Cícero diz, *In Sall.* V,14, “*sed abiit [Salústio] in sodalicium sacrilegi Nigidiani*” (pois ele andou em companhia do sacrílego Nigidiano). Passagem que até o momento ninguém explicou. Glareano¹ assim comenta:

Ninguém elucidou por certo o sentido dessas palavras. Em outro códex lê-se: ‘*sed abiit in sodalium² sacrilegi Nigidiani*’. Destarte, Cícero acusa Salústio de sacrilégio, evidentemente porque tivesse uma ligação com sacrílegos. Quanto a Nigidiano, porém, investigo agora de quem se trate.

---

¹ Cf. *Doctorum hominum commentaria in C. Sallustium Crispum post Sigertum Havercampum denuo edidit Carolus Henricus Frotscher* (Lipsiae, 1830), v. III, p. 269.

² Lê-se, pois, “*sacrilegii*”.

De modo semelhante anota Cortius³: “Passagem obscura, não posso senão tentar emendar uma conjectura. Talvez ‘sacrilegii Clodiani’ fosse mais adequado à *persona* do narrador.”

Contudo, o mais recente tradutor dessa invectiva, G. Peiser⁴, assim aponta:

Há dúvida se, em primeiro caso, se trata de ‘*sacrilegus Nigidianus*’ ou, então, ‘*sacrilegium Nigidianum*’. Quem foi esse sacrilego Nígídio ou Nigidiano ninguém ainda esclareceu. Jordano resolve a questão ao dizer que um professor de retórica inventou como exercício um sacrilégio de Públio Nígídio Figulo, homem dos mais íntegros e amicíssimo de Cícero. Mas acho difícil encontrar alguém que aprove tal suposição. Convenci-me a inserir *manibus* à palavra que segue *attractus*, desse modo: no lugar de “andou em companhia do sacrilego Nigidiano e por duas vezes veio parar no banco dos réus”, “andou em companhia de sacrilegos. Pelas mãos de Nígídio veio parar no banco dos réus etc.” Assim *sacrilegi* seria o mesmo que *sacrilegii*. E Nígídio não seria réu, mas o promotor da acusação.

Em contrapartida, creio que nada deve ser alterado. Deve-se atentar ao seguinte: *Nigidianus* não é nome, mas adjetivo derivado do nome *Nigidii*, o mesmo quanto a *sacrilegi* e *sacrilegii*. No entanto, quem é esse Nígídio? Públio Nígídio Figulo seguramente, coevo de Varrão e Cícero, indivíduo da mais alta instrução⁵, autor⁶ de livros vários sobre assuntos humanos e divinos. Dele⁷ constam ainda estudos nas artes pitagóricas e magísticas. Veja-se o passo de Apuleio, *Mag.* 42:

Lembro-me de ter lido no filósofo Varrão... que Fábio, porque perdera quinhentos denários, foi consultar Nígídio. [...].

Encontramos em Suetônio que Nígídio previu o império de Otaviano no dia em que este nasceu, *Aug.* 94,5:

No dia em que Augusto nasceu, quando se julgava o caso da conjuração de Catilina na cúria e Otávio chegou mais tarde por causa do parto da esposa, correu a história que Públio Nígídio descobrira e afirmara a causa do atraso: que à mesma hora do parto nascia o senhor do mundo.

³ Lipsiae, 1724.

⁴ De invectivis, quae Sallustii et Ciceronis nominibus feruntur. Progr. Posen, 1903.

⁵ Cf. Cic. Tim. 1,1 e Gellius 4, 9,1.

⁶ Cf. M. Hertz, De P. Nigidii Figuli studiis atque operibus. Berol. 1845.

⁷ Mommsem descreveu bem quem e que tipo de homem foi Nígídio (Rom. Gesch. III, p. 578).

E em Cássio Dio, XLV, 13:

ἄρτι τε ὁ παῖς ἐγγέννητο, καὶ Νιγίδιος Φίγουλος ¹βουλευτὴς παραχρῆμα αὐτῷ τὴν αὐταρχίαν ἐμαντεύσατο: ἄριστα γὰρ τῶν ¹ καθ' ἑαυτὸν τήν τε τοῦ πόλου διακόσμησιν καὶ τὰς τῶν ἀστέρων διαφοράς, ὅσα τε καθ' ἑαυτοὺς γιγνόμενοι καὶ ὅσα συμμιγνύντες ἀλλήλοις ἔν τε ταῖς ὁμιλίαις καὶ ἐν ταῖς διαστάσεσιν ἀποτελοῦσι, διέγνων, καὶ κατὰ τοῦτο καὶ αἰτίαν ὥς τινας ἀπορρήτους διατριβὰς ποιούμενος ἔσχεν.

A isso se acrescenta que Nigídio realizava reuniões secretas e instituiu um culto órfico do qual ele próprio era o líder e Vatínio, que Cícero processou, um seguidor, como se vê em *In Vat*, 6, 14:

Quero que tu me respondas, tu, que andas a dizer que é pitagórico e a usar o nome dos homens mais doutos como fachada para cobrir teus costumes selvagens e bárbaros: que tamanha perversão mental se apossou de ti? Que furor desmedido é esse, que te faz tratar coisas estranhas e execráveis como sacras, que te faz invocar almas dos infernos, que te faz adorar os deuses manes com entranhas de meninos, que te faz desprezar os augúrios sobre cuja tradição esta cidade foi fundada e que mantêm a República e seu império, tu, que anunciaste ao senado no início de teu tribunado que as respostas dos augures e a arrogância daquela ordem não seriam motivo de impedimento às tuas ações?

Acrescenta o escólio Bob., Cícero *In Vat*. (p. 317,12 Orelli):

Houve naqueles tempos certo Nigídio, homem deveras avançado em estudo e erudição, a quem muitas pessoas se uniam. Tal, por assim dizer, facção⁸, porém, era anunciada publicamente pelos detratores como menos louvável, por mais que os seguidores quisessem ser chamados de pitagóricos.

Mas o que é tomar coisas execráveis como sagradas, invocar almas dos infernos e desprezar os augúrios públicos senão violar a religião da República, ou seja, um sacrilégio.

Que motivo há para admirar, portanto, que esse Nigídio seja considerado entre os pósteros apenas como um mago, tal como Apuleio? Assim Hierônimo a *Euseb. chron. a. Abr.* 1972 (=709 a.u.c = 45 a. Chr.): Nigídio Figulo, pitagórico e mago, morreu no exílio.

⁸ Sic cum Buechelero (Mus. Rhen. 34, 352), veluti actio liber. Cf. Iulii Severiani praecepta artis rhetoricae 19 (rhet. min. ed. Halm p. 366, 6 ex oratione Calvi in Vatinium): hominem nostrae civitatis audacissimum, de factione divitem sordidum maledicum accuso.

Logo, deve-se assentir que o autor da invectiva foi inepto para atribuir tal acusação a Cícero, visto que Nigídio foi muito amigo de Cícero e o ajudou⁹ bravamente a expor a conjuração de Catilina.

Parece-me, enfim, que esta passagem foi suficientemente analisada.

Sobre as invectivas que foram atribuídas a Salústio e Cícero Por Alphonsus Kurfess.

Sebastianus Corradus¹⁰ foi o primeiro a considerar espúrias as invectivas que de Salústio e Cícero trazem os nomes.

É que em ambos os discursos, as ineptas semelhanças de construções frasais não são, afirma Corradus, dignas de Salústio nem Cícero, donde elucida-se o terem sido compostas por um e mesmo rétor. Quanto a isso, então, seguiram-no todos que publicaram posteriormente tais invectivas até Henrique¹¹ Jordan¹².

Recentemente, contudo, três estudiosos realizaram nova abordagem dessa questão. Reitzenstenius¹³ indicou que a invectiva contra Marco Túlio foi escrita no ano 54 a.C pela *persona* salustiana, visto que o autor teria abarcado a vida de Cícero somente até essa data. Depois, Eduardo Schwartz¹⁴ avançou muito o assunto e atribuiu a autoria da invectiva a Lúcio Calpúrnio Pisão, sogro de César. Esse Pisão havia causado o exílio de Cícero em 58 e, após seu consulado, fora encarregado da Macedônia. Porém, Cícero, de volta a Roma, não cessou sua fúria contra Pisão e, em 55, fê-lo voltar da Macedônia. Por sua vez, Pisão fez um discurso lancinante contra Cícero no senado, ao qual este respondeu com oração que se difundiu como discurso pisaniano. Em contrapartida, Pisão

⁹ Cf. Cic. Sull. 14, 41: at quos uiros! non solum summa uirtute et fide, cuius generis erat in senatu facultas máxima, sed atiam quos sciebam memoria, scientia, celeritate scribendi facillime quae dicerentur persequi posse, C. Cosconium, qui tum erat praetor, M. Messalam, qui tum praeturae petebat, P. Nigidium; Ad Quint. fr., 1,2,16: praetores habemus amicissimos et acerrimos ciuis, Domitium, Nigidium, Memmium. Ad fam. 4,13,3: nunc P. Nigidio, uni omnium doctissimo et sanctissimo et máxima quondam gratia et mihi certe amicissimo. Plut. Cic.

20,2: ὁμοίως δὲ καὶ Κόιντος ὁ ἀδελφὸς καὶ τῶν ἀπὸ φιλοσοφίας ἐταίρων Πόπλιος Νιγίδιος, ὃ τὰ πλεῖστα καὶ μέγιστα παρὰ τὰς πολιτικὰς ἐχρῆτο πράξεις.

¹⁰ In Quaestura sive Egnatius. Venetiis, 1537.

¹¹ Conferatur etiam H. Jordan, Die Invectiven des Sallust und Cicero, Hermes XI (1876) p. 305, – et Fr. Vogel, Acta seminarli philologici Erlangensis (ed. I. Mueller et Ed. Woelfflin), vol. I (1878) p. 325 'De Pseudosallustii in Tullium et invicem invectivis'.

¹² C. Sallusti Crispi Catilina, Iugurtha, historiarum reliquiae codicibus servatae. accedunt rhetorum opuscula Sallustiana. Henricus Jordan tertium recognovit. Berolini 1887.

¹³ Hermes 33 (1898) p. 87 'Pseudosallusts Invettive gegen Cicero'.

¹⁴ ibid. p. 101 et seq.

compôs a invectiva à qual teria subscrito o nome de Salústio, segundo pensa Eduardus Schwartz¹⁵.

Por fim, para Wirzius¹⁶ a invectiva foi escrita com César, Cícero e Salústio já mortos e publicadas¹⁷ sob o nome de Salústio, jamais oriunda¹⁸ da escola, e sim da vida pública¹⁹.

Dentre os estudiosos, alguns consentiram com essa ideia deveras perspicaz de Schwartz, como B. Maurenbrecher²⁰ e Eduardus Norden²¹, outros se opuseram veementemente, como Fridericus Schoell²² e Thadaeus Zielinski²³.

O caminho que Reitzenstein²⁴ e Eduardus Schwartz²⁵ seguem parece-me, antes, impedir que se alcance a explicação correta.

Que a invectiva foi escrita por Pisão e publicada com o nome dele, então recolhida a ponto de ser preservada apenas como ψόγος, embora ἀπολογία perecesse, até ser descoberta nas bibliotecas dos antiquários e atribuída a Salústio, isso após a morte de

¹⁵ Pisonem in Ciceronem invectivam scripsisse apparet ex Cic. ep. ad Quint. III, 1,11: alterum est de Calventii Marii (i.e. Pisonis) oratione: quod scribis, miror tibi placere me ad eam rescribere, praesertim cum illam nemo lecturus sit, si ego nihil rescripsero, meam in illum pueri omnes tamquam dictata perdiscant.

¹⁶ 'Sallustius in Ciceronem', ein klassisches Stück Anticicero (Festgaben zu Ehren M. Büdingers, Innsbruck 1898, p. 91).

¹⁷ Tale quid Augusti aetate factum esse nos docet Asconius Pedianus (p. 93,24 Clark): huic orationi Ciceronis (i.e. in toga candida) et Catilina et Antonius contumeliose responderunt, quod solum poterant invecti in novitatem eius. feruntur quoque orationes nomine illorum editae non ab ipsis scriptae, sed ab obtrectatoribus: quos nescio an satius sit ignorare.

¹⁸ Post hos tres viros doctos G. Peiser dissertatiunculis illis mirum in modum plane neglectis in programme Poseniano anni 1903 'de invectivis, quae Sallustii et Ciceronis nominibus feruntur', scripsit. etiam hic miratus est Pseudosallustium finxisse non multo post causam Vatinii hanc orationem esse habitam, cum in posteriore invectiva multa inveniantur, quae post annum a. Chr. n. quinquagesimum quartum acciderint. scribit enim p. 10 et q. s. : 'Quae discrepantiae adhuc vix adnotatae(?) mihi primum suspicionem moverant a diversis grammaticis diversis temporibus invectivas esse compositas. sed hanc opinionem reiiciendam esse ex uno eodemque invectarum genere dicendi supra collegimus, neque ob ea, quae attuli, inter se repugnantia ut recipiatur necesse est. id unum affirmare ausim, falli, qui censeant ab rhetore ipsa collecta esse convicia, quae profert. cur enim omnia, quae post a. 700 Ciceroni acciderunt, omisisset, Sallustii autem totam vitam amplexus esset? discrepantiam in ipsa fontium, ex quibus hausit, indole positam esse credo, quales fuerint, iam cognosci potest. usus est noster ad priorem invectivam componendam sive epistula sive oratione non multo post a. 700 ad infamiam Ciceronis edita, qua potissimum inconstantia eius notabatur, ad posteriorem vita Sallustii post mortem eius conscripta.' cf. etiam May, Bursians Jahresberichte CXXXIV (1907) p. 184.

¹⁹ Wirz p. 110: Dass ein politisches Pamphlet vorliegt, schliesse ich aus dem warmen, von wahrer Leidenschaft durchdrungenen Ton, der aus dem Ganzen spricht und im Verlaufe immer erregter wird, der weit entfernt ist von gemachter und erkannter Entrüstung.

²⁰ Beri, philol. Wochenschrift 1899, col. 298.

²¹ Gercke-Norden, E inleitung in die Altertumswissenschaft I, 548.

²² Zu Pseudo-Sallusts Invectiva. Mus. Ehen. 57 (1902) p. 159 e. q.s.

²³ Die Cicerokarikatur im Altertum. Cicero im Wandel der Jahrhunderte² (1908) p. 347 e. q. s.

²⁴ l. c. p. 93.

²⁵ l. c. p. 103.

César, Cícero, Pisão, Salústio, mas antes de Quintiliano, evidentemente porque este cita²⁶ tal invectiva como obra de Salústio, quem nisso poderia acreditar?

Mas Fridericus Schoell²⁷ comenta essa invectiva com acerto: “Nur um persönliche Bemerkungen²⁸, nicht um eine wirkliche Debatte handelt es sich in diesem angeblichen Auszug aus einer höchst unparlamentarischen parlamentarischen Verhandlung des Senats aus der Zeit Ciceros und Sallusts.”²⁹

A respeito disso, Zielinski³⁰ comenta as frases “Onde me queixar? A quem implorar” (inv. I,I): Diz que o autor empreendeu perversamente essa campanha ou tradição anticiceroniana, porque a transferiu do gênero discursivo judiciário para um discurso que se teria dado no senado.

Disso segue que o maior óbice à análise de Reitzensteinus e Eduardus Schwartz é o fato de a *persona* salustiana ignorar, a isso Zielinski foi o primeiro a se opor, que a casa de Cícero já havia sido destruída quando Cícero, sobre isso, atacou Pisão acirradamente naquele discurso, em *in Pis.* 26:

Então não eras tu cônsul quando minha casa ardia em brasas no monte palatino por causa, não de qualquer outro acidente, mas por chamas lançadas pela tua iniciativa? ... E naquele mesmo instante, na casa de teu sogro, quase encostada à minha, tu permanecias não como alguém disposto a apagar, mas a incitar o incêndio e quase como um cônsul a alimentar as labaredas das fúrias Clodianas.

Logo, se Pisão tivesse escrito a invectiva, ou teria passado em silêncio quanto à casa de Cícero, ou teria se defendido dessa acusação.

Quanto a Schwartz, creio que posso lhe responder do seguinte modo: o verso mais célebre da obra de Cícero sobre o consulado *cedant arma togae, concedat laurea laudi*, sobre o qual Cícero muito falara em seu discurso contra Pisão ao se defender, repete-se na invectiva. Dificilmente alguém acreditaria que Pisão teria repetido esse versinho no conhecido discurso

Dificilmente alguém acreditaria que Pisão repetiria esse versinho ao responder ao conhecido discurso de Cícero. Deve-se, então, considerar que o autor da invectiva não

---

²⁶ Inst. IV 1, 68 et IX 3, 89.

²⁷ I. c. p. 163.

²⁸ Cf. inv. in Cic. I, 1: respondebo tibi, ut si quam male dicendo voluptatem cepisti, eam male audiendo amittas.

²⁹ Algo como “Fazer apenas comentários pessoais não constitui um debate, de modo que esse trecho apresenta uma audiência senatorial mais grosseira desde a época de Cícero e Salústio.”

³⁰ I. c. p. 349.

reescreveu as mesmas palavras de Cícero, mas modificou um pouquinho o verso: ‘concedat laurea linguae’³¹. Quem não recordaria a passagem do segundo livro do *de Oratore* (247) em que Cícero faz Caio Júlio César Estrabão dizer o seguinte ao tratar sobre o ridículo: “Muitas vezes, também, insere-se um verso graciosamente, seja como ele é, seja levemente alterado, ou uma parte do verso”.³² Não hesito em dizer que isso pertence à arte dos retores, que tratavam, sem sombra de dúvidas, os livros sobre o orador de Cícero em suas escolas.

Concordo com Schwartz em que há muitas passagens na invectiva semelhantes ao discurso pisaniano. Posso apontar uma, *inv. I,2: istam immoderatam eloquentiam apud M. Pisonem non pudicitiae iactura*³³ *perdidicisti*. Ciceronem a. M. Pisone eruditum esse auctor cognoscere poterat ex Cic. Brut., 310: ‘eu comentava declamando ... muitas vezes com Marco Pisão’. Veja-se também Ascônio, (Clark, p. 15, 14):

Púpio Pisão, na mesma época, sendo Cícero mais velho, que conduzisse o juvenzinho Cícero até ele. De onde então vem aquela infâmia? Zielinski³⁴ diz que há nessas palavras certa malícia grega. Diferentemente, creio que isso retoma o próprio discurso pisaniano, quando lemos sobre um filósofo grego Epicurista que outrora vivera com Calpúrnio Pisão (68):

Ele [Pisão] andava em sua companhia [de algum grego] de modo tal a que pareciam ter uma e mesma vida e quase nunca saía de sua presença... certamente ouviste dizer que os filósofos epicuristas estimam com prazer tudo que os homens procuram... mas, contudo, o tipo lúbrico de discurso nem sempre é uma ameaça perigosa ao jovem inteligente... (70 exeunte) Foi incitado, desafiado, coagido a escrever muitas coisas quanto a isso sobre si também, que todos os prazeres, [todas as desgraças], todos os tipos de banquetes e festins, os adultérios dele, por fim, ele escrevera nos versos mais delicados.

A respeito disso mencionarei duas passagens para exemplificar: (*inv. III,5*) “que sofreu a mais cruel proscrição quando você, perturbada a República, obrigava todos os

³¹ 'linguae' non solum codicibus traditur, sed etiam apud Quintilianum (*inst. X 1, 24*) extat, qui Sallustii quidem nomen non affert, sed verba ipsa ex invectiva, non ex Ciceronis carmine, ut manifestum est, depromit: 'in carminibus utinam (sc. Cicero) pepercisset, quae non desierunt carpere maligni: 'cedant arma togae, concedat laurea linguae' et 'fortunatam natam me consule Romam' et 'Iovem illum, a quo in concilium deorum advocatur' et 'Minervam, quae artes eum edocuit' ? quae sibi ille secutus quaedam Graecorum exempla permiserat.'

³² Tradução de Adriano Scatolin, extraída da referida tese.

³³ 'iacturam' errore librarli in Iordani editione tertia (p. 155, 17) in textum ir-repsisse videtur; nam in editione altera recte legimus 'iactura'.

³⁴ 1. c. p. 353.

bons, atordoados pelo medo, a obedecerem à sua crueldade” e (III,6) “não permite que cada um esqueça sua servidão”. Com tais passagens compare-se *in Pis.* 14: “Interrogado sobre o que sentes a respeito de meu consulado... respondes... que a crueldade não te agrada”; *Ibid.* 17: “tu és aqueles a quem a crueldade desagrada”; *ibid.* 15: “eles desejavam o morticínio de cidadãos, vós, sua servidão. E aqui fostes mais cruéis, pois a liberdade tanto havia impregnado naquele povo, antes de vosso consulado, que eles prefeririam morrer a servir de escravos.” Por tais excertos fica patente que o autor da invectiva dependa do discurso pisaniano, assim, por causa da semelhança com a realidade, é improvável que Pisão a tenha composto. Pois seria de um parco engenho alguém acusar outro pelo mesmo crime a que esteja respondendo. Mas quem se admira pelo fato de o autor da invectiva ter lido o mais célebre discurso invectivo da antiguidade?

Com tais argumentos digo que Pisão não é o autor da invectiva, e acrescente-se que ela foi ornamentada com muitos floreios ciceronianos, como demonstrarei abaixo.

Ora, Martinius Schanz³⁵ concluiu³⁶ que Salústio é mesmo o autor da invectiva por conta de lugares-comuns salustianos. Tais lugares que o autor imitou de Salústio são esses:

Pseudo-Salústio contra Cícero	Salústio
I,1. grauiter et iniquo animo maledicta tua paterer.	lug. 31, 21. aequo animo paterer ³⁷ .
ibid. neque modum neque modestiam ullam animaduerto.	Cat. 11,4 neque modum neque modestiam victores habere. ibid. 38, 4 neque illis modestia neque modus contentionis erat ³⁸ .
ibid. se ipse ac fortunas suas uenales habeat.	Cat. 10, 4 omnia venalia habere ³⁹ .

³⁵ Geschichte der römischen Litteratur. Munchen 1909. I, 2. p. 181 et 184. contra vide E. Hauler, Wiener *Zeitschrift*, Wien 1909, p. 223 adn.

³⁶ Sermonem a Sallustii libris alienum nihil habere offensionis docuit Wirz (l.c. p. 111).

³⁷ Cf. etiam Cic. Phil. XII, 9 omnes aequo animo belli patitur iniurias. ep. ad fam. XV 17, 2 hoc tu pro tua sapientia feres aequo animo.

³⁸ Cic. Phil. II, 10 si mecum cum in omni vita turn in dicendo moderationera modestiamque cognostis.

³⁹ Cic. Verr. III, 144 quae ipse semper habuit venalia. Phil. II, 6 cura domi tuae turpissimo mercatu essent venalia.

ibid. insitus huic urbi ciuis.	Cat. 31, 7 inquilinus civis urbis Romae ⁴⁰ .
I,2. quod alicui collibuisset.	Cat. 51, 9 quae victoribus collibuissent ⁴¹ .
II, 3. ciuitatis incommodum in gloriam suam ponit.	Or. Lep. 19 facta in gloria numerat ⁴² .
II,4. de eo tibi compertum erat.	Cat. 14, 7 quod cuiquam id compertum foret. ib. 22, 3 nobis ea res .. . parum comperta est ⁴³ .
III, 5 omnia indicia, omnes leges in tua libidine erant.	lug. 31, 20 leges iuraiudicia penes paucos erant. or. Lep. 13 leges iudicia .... penes unum.
III, 5 omnium nostrum vitae necisque potestatem ad te unum revocaveras.	lug. 14, 23 cuius vitae necis-que potestas ex opibus pendet ⁴⁴ .
III, 6 atque parum quod impune fecisti.	lug. 31, 22 parum est impune male fecisse. ibid. 31,9 talia facinora impune suscepisse parum habuere ⁴⁵ .

⁴⁰ Cic. Sest. 72 alter ... in Celatinos Atilios insitus ... nomen suum de tabula sustulit.

⁴¹ Hoc verbum Cicero translate (de re Veneria) non adhibet; praeterea in perfecto utitur forma 'collibitum est' (de nat. deor. I, 108; ep. ad fam. 15,16,2).

⁴² Cic. Mur. 21 quam (se. dignitatem) ego ... pari atque eadem in laude ponam

⁴³ Cic. Sull. 86 nihil de hoc consul comperi. Cat. I, 10 haec ego omnia ... comperi, ep. ad Att. I 14, 5 me tantum coraperisse omnia criminabatur.

⁴⁴ Cic. dom. 77 ut vitae necisque potestatem haberet.

⁴⁵ Cic. Ligar. 35 sed parum est me hoc meminisse. Sest. 32 parumne est, Piso, ut omittam Gabinium? div. in Caec. 36 si id parum est, ego maius id commemorando facere non possum.

IV, 7 ancillaris.

Or. Lep. 22 an quibus praelatus in
magistratibus capiundis Fufidius, ancilla
turpis?⁴⁶

No entanto, é muito maior o número de passagens em que o autor salustiano parece imitar Cícero. Alguns, aliás, são tão idênticos, que é possível que o autor tenha se baseado em Cícero. A invectiva começa essas palavras: “grauiter et iniquo animo maledicta tua paterer, M. Tulli, si te scirem iudicio magis quam morbo animi petulantia⁴⁷ ista uti⁴⁸.”

Lendo-as, quem não recordaria aquela passagem de Cícero: *quousque tandem abutere, Catilina, patientia nostra?* e, ainda, Quintiliano, no *inst. orat.* I, 68, quando investiga se a figura apóstrofe deve ser utilizada no proêmio ou não, traz: “E então? Salústio não começou seu discurso contra Cícero, sobre o qual falava, diretamente: *grauiter et iniquo animo maledicta tua paterer, M. Tulli?*”, tal como Cícero havia feito contra Catilina: *quousque tandem abutere?*

Além das passagens supracitadas reuni os exemplos seguintes:

I, 1: ubi querar? quos implorem,	Flacc. 4: quem appellem? quem
patres conscripti? . . . apud populum	obtester? quem implorem? senatumne?... Romanum?
Romanum? . . . an apud vos, patres	an equites Romanos ... populum conscripti?
	Romanum?

Verr. V, 126: quo confugient
socii?... ad populum ...?

Mur. 88: quo se miser vertet ...?
domumne ...? an ad matrem?⁴⁹

⁴⁶ Cic. de or. I 55, 236 istam iuris scientiam tamquam ancillulam pedisequamque adiunxisti cf. etiam Titin. com. 73 dotibos deleniti ultro etiam uxoribus ancillantur. Ace. trag. 442 quam invita ancillans, dicto oboediens viri. Ambr. exam. 6, 9, 57 ministerium suum exhibent, parent ut principi, ancillantur ut domino, cf. A. Funck, Arch, f lat. Lex. und Gram. IV (1887) p. 75 sq. – quod verbum 'ancillare et apud scenicos antiquos et apud Arabrosium legimus, non apud optimos scriptores, inde fortasse concludere poteris auctorem invectivae hoc verbum ex sermone vulgari sumpsisse. similiter res se habere mihi videtur de praepositione 'absque' (inv. II, 3 = sine), quae et apud Plautum et apud ecclesiasticos invenitur.

⁴⁷ Hoc vocabulo Cicero in invectivis saepe utitur: Pis. 31 abiecti hominis ac semivivi furem petulantiamque fregistis; Catil. II 25 ex hac enim parte pudor pugnat, illinc petulantia; Phil. III, 2S quid est in Antonio praeter petulantiam?

⁴⁸ Cf. etiam Cic in Pis. 44 non ferrem omnino moleste, si ita accidisset.

⁴⁹ Cf. Reitzenstein l. c. p. 95; Zielinski l. c. p. 349. – de origine huius loci, qui ad praenobilem illam C. Gracchi orationem (Cic. de or. III 56, 214) 'quo me miser conferam? quo vertam? redit, vide E. Norden, Die antike Kunstprosa II (1909), add. ad p. 171. ? cf. etiam inv. in Sail. I, 1 quo me praevertam, p. c? unde initium sumam ? Ps. Quint, deci. III, 5 (p. 54,3 Lehnert): ad quem confugiam? cui querar?

ibid: diripi rem publicam atque
audacissimo cuique esee praedae⁵⁰.

De or. III 1,3: deploravit enim (sc.
Crassus) casum atque orbitatem senatus,
cuius ordinis a consule, qui quasi parens
bonue aut tutor fidelis esse deberet,
tamquam ab aliquo nefario praedone
diriperetur patrimonium dignitatis.

Verr. III, 85: etiamne haec tam
parva civitas ... praedae tibi et quaestui
fuit?

ibid: quorum auctoritae tur-
piesimo cuique et eceleratissimo ludibrio
est.

Verr.V, 100: ludibrio esse urbis
gloriam, populi Romani nomen ... piratico
myoparoni.

Phil. II, 9: quam (se. audaciam)
neque auctoritas huius ordinis... neque
leges ullae possent coercere.

ibid: ubiubi⁵¹ M. Tullius, leges
iudicia⁵² rem publicam defendit⁵³.

Phil. VIII, 8: nos deorum
immortalium templa, nos muros, nos
domicilia sedesque populi Romani, aras,
focos, sepulcra maiorum, nos leges,
iudicia libertatem, coniuges, liberos,
patriam, defendimus.

Sest. 98: haec membra, quae
tuenda principibus et vel capitis periculo

50 Perfidiae codd. cf. Eussner, Jen. Lit.-Zeitg. (1876) 48 p. 641 et Wirz, Zeitschrift für das Gymnasialwesen XXXI (1877) p. 270

⁵¹ Reitzenstein (l. c. "p. 95) scribit: 'ludibrio est, ubi M. Tullius leges ... defendit' et putat relativum 'ubi' voce 'in hoc ordine' demonstrative continuari, sed hoc fieri nequit propter concinnitatem. nam enuntiatio 'an apud populum Romanum? qui ... venales habeat' optime respondet 'an apud vos, p. c? quorum auctoribus ... lu-dibrio est', eo accedit, quod in invectiva Caleni in Ciceronem apud Cassium Dionem (XLVI, 20, 2)

locum consimilem legimus : *καίτοι πολλὰ μὲν περὶ τῶν νόμων, πολλὰ δὲ καὶ περὶ τῶν δικαστηρίων ἀεὶ καὶ πανταχοῦ (ubiubi!) θρυλῶν.*

⁵² Sic legendum esse, non 'audacia' (= audacter), quod Iordanus probat, praeter locos supra allatos inde apparet, quod ablativus neque cum praepositione 'cum' neque cum adiectivo coniunctus a linguae Latinae usu abhorret.

⁵³ Cf. Sen. suas. VI 26,14 (ex carmine Cornell Severi): ille (se. Cicero) senatus vindex, ille fori, legum vitaeque togaeque.

defendenda sunt: religiones, auspicia, potestates magistratuum, senatus auctoritas, leges, mos maiorum, iudicia, iurisdictio, fides, provinciae, socii, imperii laus, res militaris, aerarium.

I, 2: nihil flagitiosum corpori tuo putares.

Catil. I, 13: quod facinus a manibus umquam tuis, quod flagitium a toto corpore afuit?

Pis. 11: qui nihil sibi umquam facere nec pati turpe esse duxit.

II, 2: uxor sacrilega ac periuriis delibuta.

Phil. XII26: hic ... numquam profecto a me sacrilegas manus atque impias abstinebit. Flacc. 26: omnia corrupta in periurio reperientur.

ibid. filia, matris paelex, tibi iucundior atque obsequentior quam parenti par est.

ibid. domum ipsam tuam vi et rapinis funestam tibi ac tuis comparasti.

II, 3 in concilio deorum immortalium fuisse, inde missum huic urbi civibusque custodem.

ibid. absque carnificis nomine.

II, 4 opulentiam istam ex sanguine et miseriis civium parasti.

Cluent. 199 atque etiam nomina necessitudinum, non solum naturae nomen et iura mutavit: uxor generi, noverca fili, filiae paelex. — orator 30, 108 ab hac indole iam illa matura: uxor generi, noverca fili, filiae paelex ¹⁾. — Verr. I, 122 mihi ... mea filia maxime cordi est ...; quid enim natura nobis incundius, quid carius esse voluit? ²⁾

Pis. 38 nondum commemoro rapinas. ibid. 57 quae te nisi praedae ac rapinarum cupiditas tam caeca rapiebat. Catil. I, 24 aquilam illam argenteam, quam tibi ac tuis omnibus confido perniciosam ac funestam futuram.

Dom. 141 di immortales suorum templorum custodem ac praesidem sceleratissime pulsum cum viderent. — Phil. III, 34 di immortales nobis haec praesidia dederunt.

Rab. perd. 10 me in consulatu meo carnificem de foro sustulisse. — Pis. 11 haec sunt, o carnifex, in gremio sepulta consulatus tui. — Dom. 21 quem carnificem civium ... quem crudelitatis auctorem fuisse dixerat.

Leg. agr. II, 102 illis honores, potestates, divitiae ex tumultu atque ex dissensionibus civium comparari solent. — Verr. V, 118

1) Reitzenstein l. c. p. 96.

2) Zielinski l. c. e. 349.

III, 4 homo novus Arpinas ¹⁾.

ibid. rem publicam caram habet.

III, 5 fidus nemini ... mercennarius patronus ²⁾, cuius nulla pars corporis a turpitudine vana, manus rapacissimae, gula im-mensa, pedes fugaces; quae honeste nominari non possunt, in-honestissima ³⁾.

cui ex omni gemitu doloreque certa merces comparabatur. — Sull. 90 cuius ex miseriis ... fructum caperes.

Leg. agr. II, 3 neque me tantum modo consulem, quod est ipsum per se amplissimum, sed ita fecistis, quo modo pauci nobiles in hac civitate consules facti sunt, novus ante me nemo. — Planc. 20 at in quemcumque Arpinatem incideris, etiam si nolis, erit tamen tibi fortuna etiam de nobis aliquid, sed certe de C. Mario audiendum.

Phil. XIII, 7 quod hoc animo in rem publicam est, quae mihi vita mea semper fuit carior. — Phil. II, 2 me nec reipublicae nec amicis umquam defuisse.

Cael. 78 (Sex. Clodium) hominem sine re, sine fide, sine spe, sine sede, sine fortunis, ore, lingua, manu, vita omni inquinatum. — Pis. 66 nam quod vobis iste tantum modo improbus, crudelis, olim furunculus, nunc vero

1) Cf. Iuv. VIII, 237 hic novus Arpinas, ignobilis et modo Romae municipalis eques.

2) Cf. Cic in Pis. 49 praebuit se mercennarium comitem regi Alexandrino. Phil. II, 84 quae potest esse turpitudinis tantae defensio? cupis audire, ut videam, ubi rhetoris sit tanta merces Pis. 30 quorum mens fuerit oppressa praemio, lingua adstricta mercede.

3) Eadem fere legimus in Sallustii personati epistola ad Caesarem senem (9.2), ubi de L. Domitio, viro nobilissimo, dicitur: 'quoius nullum membrum a flagitio aut facinore vacat, lingua vana, manus cruentae, pedes fugaces: quae honeste nominari nequeunt, inhonestissima'. vix dici posse puto alterum auctorem ab altero pendere. veri simillimum mihi videtur esse utrumque ad locum communem redire. cf R. Pöhlmann, *Zur Geschichte der antiken Publicistik*. Sitzgsb. d. k. B. Ak. d. Wiss. (philos.-philol.-hist. Klasse). München 1904. p. 27.

IV, 7 sed quid ego plura de tua insolentia commemorem?

ibid. Italia exulem humeris suis reportavit.

ibid. quem tandem locum in hac civitate obtines?

ibid. quos tyrannos appellabas, eorum potentiae faves.

ibid. qui tibi ante optimates videbantur, eosdem dementes ac furiosos vocas.

Div. Caec. 17 de quo quid ego plura commemorem? imp. Pomp. 32 sed quid ego longinqua commemoro? Mil. 18 sed quid ego illa commemoro?

p. red. in sen. 39 me ... Italia cuncta paene suis umeris reportavit.

Phil. II, 71 quem locum apud ipsum Caesarem ... obtinuisti?

Pis. 23 vos consules ... qui tyranni nominabuntur. Vat. 23 tu, qui nos, qui de communi salute consentimus, tyrannos vocas. — Leg. agr. II, 32 formam adhuc habetis ... et speciem ipsam tyrannorum.

Ep. ad fam. I 9, 17 idque ... declarant ii, qui tum nostro illo statu optimates nominabantur.

Quae cum ita sint, quis invectivam ut genuinam defensurus est? sed optime convenit ad rhetorum scholas, ubi Ciceronis orationes accurate tractabantur et Ciceronis persona haud raro in declamationibus adhibebatur ¹⁾. cf. Sen. suas. VI et VII, contr. VII, 2. praeterea Fortunatianus ²⁾ titulum controversiae memoriae prodidit: 'reus est M. Tullius, quod in consulatu suo supplicium de indemnatis civibus sumpserit' ³⁾.

Nunc omnia congruunt. rhetor ille haud ita inepte annum 54 sibi proposuit. nam Sallustius anno 86 natus anno 54 Romae vel anno 55 extra Romam quaesturam ⁴⁾ gerere potuit,

1) Cf. Zielinski 'Cicero in der Rhetorenschule', l. c. I. 344.

2) Ed. Halm p. 84.

3) Cf. Martianus Capella V 483: a nota vel etymologia, ut Graeci dicunt, summus argumentum sic 'si consul est, qui consulit rei publicae, quid aliud Tullius fecit, cum adfecit supplicio coniuratos?'

4) De Sallustii quaestura nihil certi constat, sed anno 52 tribunus plebis erat, quo munere Romani post quaesturam fungi solebant.

IV, 7 sed quid ego plura de tua insolentia commemorem?

ibid. Italia exulem humeris suis reportavit.

ibid. quem tandem locum in hac civitate obtines?

ibid. quos tyrannos appellabas, eorum potentiae faves.

ibid. qui tibi ante optimates videbantur, eosdem dementes ac furiosos vocas.

Div. Caec. 17 de quo quid ego plura commemorem? imp. Pomp. 32 sed quid ego longinqua commemoro? Mil. 18 sed quid ego illa commemoro?

p. red. in sen. 39 me ... Italia cuncta paene suis umeris reportavit.

Phil. II, 71 quem locum apud ipsum Caesarem ... obtinuisti?

Pis. 23 vos consules ... qui tyranni nominabuntur. Vat. 23 tu, qui nos, qui de communi salute consentimus, tyrannos vocas. — Leg. agr. II, 32 formam adhuc habetis ... et speciem ipsam tyrannorum.

Ep. ad fam. I 9, 17 idque ... declarant ii, qui tum nostro illo statu optimates nominabantur.

Texto extraído como imagem do artigo consultado.

Portanto, quem há de defender que a invectiva seja genuína? Muito convém, todavia, às escolas dos retores, onde os discursos de Cícero eram diligentemente estudados e *persona* de Cícero, de não raro, era emprestada às declamações⁵⁴. Veja-se Sem. Suas. VI e VII, controv. VII,2. Ademais, Fortunatianus⁵⁵ deu à invectiva o título de controvérsia: ‘o réu é Marco Túlio, que mandou⁵⁶ cidadãos à morte sem julgamento em seu consulado’.

Agora tudo concorda. Aquele rétor não foi tão inepto a ponto de propor, no ano de 54, a si. Pois Salústio, nascido em 86, no ano 54, em Roma, ou 55, fora de Roma pôde exercer a questura⁵⁷, por meio da qual passou ao senado. Quanto a isso, que Salústio no ano de 52, quando era tribuno da plebe, Ascônio atesta, porque contra Cícero havia falado (Clark p.37,18): “entre os primeiros, Quinto Pompeu, Caio Salústio e Túlio Munácio

⁵⁴ Cf. Zielinski 'Cicero in der Rhetorenschule', 1. c. 1. 344..

⁵⁵ Ed. Halm p. 84.

⁵⁶ Cf. Martianus Capella V 483: a nota vel etymologia, ut Graeci dicunt, sumimus argumentum sic 'si consul est, qui consulit rei publicae, quid aliud Tullius fecit, cum adfecit supplicio coniuratos?'

⁵⁷ De Sallustii quaestura nihil certi constat, sed anno 52 tribunus plebis erat, quo munere Romani post quaesturam fungi solebant.

Planco, tribunos da plebe, tinha as mais hostis discussões sobre Milão, e as mais invejosas⁵⁸ ainda sobre Cícero, porque ele havia defendido Milão com tanto afincio”. Daí o rétor ter proposto como exercício a invectiva de Cícero contra Salústio em 54 no senado, à qual Salústio respondeu. Mas como nenhum dos crimes a Cícero atribuídos pôde ser comprovado, o rétor pôde fazer Salústio passar apenas como maledicente, e não como defensor. De qualquer forma, ele se serviu de boas fontes.

Talvez possamos avançar um pouco mais. Consta que os retores “tinham Cícero em boa conta” (*Sem. suas.* VI,12), “exceto Asínio Polião”, que se mostrou o mais hostil à reputação de Cícero (*ibid.* VI, 14)⁵⁹. Assim, ousa suspeitar que a invectiva de autoria salustiana provem da escola de Asínio Polião⁶⁰. Mas nada é certo quanto a isso.

A outra invectiva é obra chã e pusilânime de um rétor de época mais tardia, talvez um homem saído de uma província para Roma e ignorante da conversa urbana, como quer Jordano. Ele se excede nas inépcias das construções frasais, de estilo impuro⁶¹, de uma pequenez ridícula, com alguns erros pueris. Esse rétor imitou feito um macaco o autor da invectiva anterior. As mesmas injúrias que foram feitas a Cícero na primeira invectiva se repetem na outra, contra Salústio. Ocorre ainda uma notável semelhança entre palavras, locuções e construções frasais. Os exemplos⁶² são esses:

---

⁵⁸ Sic Manutius, 'invidiam' liber.

⁵⁹ *Sen. suas.* 6,27: Sextilius Ena ... recitaturus in domo Messalae Corvini Pollionem Asinium advocaverat et in principio hunc versum non sine assensu recitavit: 'deflendus Cicero est Latiaeque silentia linguae'. Pollio Asinius non aequo animo tulit et ait: 'Messala, tu, quid tibi liberum sit in domo tua, videris; ego istum auditurus non sum, cui mutus videor', atque ita consurrexit.

⁶⁰ *Sen. suas.* 6,14 : et is (se. Asinius Pollio) etiam occasionem scholasticis alterius suasoriae dedit; solent enim scholastici declamitare: 'deliberat Cicero, an salutem promittente Antonio orationes suas comburat.'

⁶¹ Cf. I, 2 in hunc minime mentitum esse videatur. I, 3 ex moribus suis spectare debetis. II, 6 credo quod. V, 15 timens, ne facinora eius clam vos essent ... confessus est. III, 9 re familiari quae mihi multo minor est quam habere dignus sum.

⁶² Jordan, *Herm.* XI, 322; Vogel l. c. p. 327; Peiser l. c. p. 7.

Inv. in Cic.

I, 1 petulantia. IV, 7 petulantissimis verbis.

I, 1 morbo animi petulantia ista uti.

I, 1 ubi querar? quos implorem, patres conscripti?

I, 1 se ipse ac fortunas suas venales habeat.

I, 2 quod alicui collibuisse.

I, 2 itaque minime mirandum est, quod.

II, 2 et III, 4 verum ut opinor. II, 3 sed ut opinor.

II, 2 splendor domesticus tibi animos tollit. II, 3 illa te magis extollunt.

II, 2 filia matris paelex.

II, 3 quasi vero non fuerit. III, 6 quasi vero non confeceris.

II, 4 quae si tibi falsa obicio, redde orationem ... qua ex pecunia domum paraveris.

II, 4 cui dubium potest esse.

III 5, homo levissimus. *ibid.* levissime senator. IV, 7 levissime transfuga.

III, 5 gula immensa.

Inv. in Sall.

III, 9 petulanter. V, 13 petulans. VIII, 12 petulantissime.

VIII, 22 morbo procacitatis isto uti.

I, 1 quo me praevertam, patres conscripti, unde initium sumam?

V, 14 domum paternam venalem habuit. VI, 17 nihil in eo non venale habuerit.

V, 13 quae alteri facere collibuisse. VI, 17 quod ipsi facere collibuisse.

III, 8 sed minime mirum est, si. IV, 11 neque hercules mirum est, si. *ibid.* itaque non est mirum, si.

VIII, 21 verum, ut opinor.

VIII, 20 at hercules egregia facta maiorum tuorum te extollunt.

VIII, 21 sed tu omnium cubiculorum paelex.

II, 4 quasi vero tu sis.

VII, 14 quod si quippiam eorum falsum est, his palam refelle, unde ... possessiones paraveris.

V, 14 cuiquam dubium potest esse.

III, 7 homo levissime.

V, 13 immensae gulae.

III, 5 quae honeste nominari non possunt.	VIII, 22 si qua ego honeste effari possum.
III, 6 atque parum, quod impune fecisti, verum etiam commemorando exprobras.	VI, 15 noli nobis languorem et soporem nimium exprobrare.
III, 6 egeris, oro te, Cicero, perfeceris quidlibet, satis est	VI, 15 vixeris, ut libet, Salusti, egeris, quae volueris, satis sit ....
IV, 7 sed quid ego plura de tua insolentia commemorem?	III, 8 sed quid ego de te plura querar?
IV, 7 ancillaris.	VI, 11 ancillatus sum.

Texto extraído como imagem do artigo consultado.

Que pobreza de vocábulos e construções frasais tinha o autor dessa invectiva, não só por ter transcrito palavras da invectiva anterior, mas também dela se utilizar, de modo que na mesma invectiva as palavras se repetem: *procacitas* (I,1; I,3; VIII,12; *procax* V, 13), *dabo operam* (I,2; I,3), *rudimentum* (I,2; III,8), *culpare* (III,7; IV,12 bis), *ut uitium obicere* (III,8; IV,12); *Hercules* (IV,11; V,14; VIII,20). Compare-se ainda V,14: *neque pudet eum a me quarere, quis in P. Crassi domo habitet* cum VII,20: *neque pinguit quaerere, cur ego P. Crassi domum emissem* e V,15: *confessus est uobis audientibus a adulterium* cum VI, 16: *quem non puduerit palam uobis audientibus adulterium confiteri*.

Importa ainda ao assunto que o autor dessa invectiva, passado o ano 54 a.C., abordou toda a vida de Salústio: relata (V, 15 – VII, 20) que foi questor por duas vezes, expulso do senado, feito pretor, administrou província na numídia, após voltar de lá foi acusado de *repentudarum*, mas o que chama a atenção é que o tribunado dele, exercido no ano 52 a.C., passa em silêncio.

Tais argumentos bastam para indicar que ambas as invectivas não foram feitas por um e mesmo autor. Ademais, lemos em *in. Cic. I, maledicta tua... respondebo tibi* e *in Sall I,1, huic conuiciatori respondero... qui initium introduxit*. Quem há de crer, como é do agrado de Peiser, que uma única e mesma pessoa as escreveu?

Agora, que motivo há para admirar que Quintiliano nunca faz menção dessa invectiva? Não sobrou nem mesmo um testemunho que provasse que os antigos conheciam bem todo esse discurso, muito menos de alguém que o considerasse original.

Diomedes costuma apresentar como testemunho (p. 387, 6 Keil): “ de que palavras de consumo causa ambiguidade entre os antigos, *comestus* ou *comesus*, ou *comesurus*. Mas Dídio diz de Salústio “comesto patrimônio”, Valgius sobre a tradução “comesa patina”, e da mesma forma também Varrão (de r. r. I,2,11), e ainda melhor, como se consumida e devorada, como Vergílio (Aen. III,257) ‘ambesas... mensas’. As palavras “comesto patrimonio” são esperadas na invectiva em VII,20 “patrimonio non comeso sed deuorato”, o que me parece muito duvidoso. Pois a forma “comestus” é atestada por Prisciano em Cícero, pro Cluent. 173, “celerius potuit comestum quam epotum in uenas atque in omnes partes corporis permanere”. Por que então vamos acreditar que Diomedes tomou o testemunho, não do próprio Cícero, mas do autor ciceroniano? De modo algum penso que aquele Dídio – seja quem for, todavia não julgo que o nome deve ser modificado – escreveu essa invectiva e a atribuiu a Cícero.

Jordano ensina com mais acerto que o nome do falsário não consta entre as menções de gramáticos antigos nos livros espúrios, pois, se o conhecessem, apresentariam-no. Assim, as palavras de Diomedes não provêm dessa invectiva e, penso, nos códices deve-se ler “comeso”.

c) Parágrafos I e II do discurso *contra Pisão*

I. Iamne vides, belua, iamne sentis quae sit hominum querela frontis tuae? Nemo queritur Syrum nescio quem de grege noviciorum factum esse consulem. Non enim nos color iste servilis, non pilosae genae, non dentes putridi deceperunt; oculi, supercilia, frons, voltus denique totus, qui sermo quidam tacitus mentis est, hic in fraudem homines impulit, hic eos quibus erat ignotus decepit, fefellit, induxit. Pauci ista tua lutulenta vitia noramus, pauci tarditatem ingeni, stuporem debilitatemque linguae. Numquam erat audita vox in foro, numquam periculum factum consili, nullum non modo inlustre sed ne notum quidem factum aut militiae aut domi. Obrepsisti ad honores errore hominum, commendatione fumosarum imaginum, quarum simile habes nihil praeter colorem. Is mihi etiam gloriabatur se omnis magistratus sine repulsa adsecutum? Mihi ista licet de me vera cum gloria praedicare; omnis enim honores populus Romanus mihi ipsi homini

I. Já não vês, besta-fera, já não percebes qual a queixa dos homens quanto a teu descaramento? Ninguém protesta que um sírio, sei lá quem, de nova grei se torna cônsul. Mas não, não, esse aspecto vassalo, não, essas bochechas pilosas, não, esses dentes pútridos, não me enganam. Os olhos, as sobrancelhas, a fronte, o semblante, tudo isso, enfim, que é como uma expressão calada da alma, levou homens ao erro, tudo isso enganou, ludibriou, iludiu os que não o conheciam. Conhecemos, poucos, essa tua conspurcada vida, poucos, esse teu tardo raciocínio, essa tua língua débil e frouxa. Nunca se ouviu a voz dele no fórum, ele nunca participou de conselhos, não realizou, nos assuntos domésticos ou militares, não um feito ique se conheça feito notável. Rastejaste até os cargos mais honrosos pela via dos erros dos homens, por recomendação de sombras ancestrais, das quais nada tem igual senão o aspecto. Este aí ainda me vangloriava por ter alcançado a

detulit. Nam tu cum quaestor es factus, etiam qui te numquam viderant, tamen illum honorem nomini mandabant tuo. Aedilis es factus; Piso est a populo Romano factus, non iste Piso. Praetura item maioribus delata est tuis. Noti erant illi mortui, te vivum nondum noverat quisquam. Me cum quaestorem in primis, aedilem priorem, praetorem primum cunctis suffragiis populus Romanus faciebat, homini ille honorem non generi, moribus non maioribus meis, virtuti perspectae non auditae nobilitati deferebat. Nam quid ego de consulatu loquar, parto vis ane gesto? Miserum me! cum hac me nunc peste atque labe confero! Sed nihil comparandi causa loquar ac tamen ea quae sunt longissime disiuncta comprehendam. Tu consul es renunciatus—nihil dicam gravius, quam quod omnes fatentur—impeditis rei publicae temporibus, dissidentibus consulibus, cum hoc non recusares eis a quibus dicebare consul, quin te luce dignum non putarent, nisi nequior quam Gabinius exstitisses. Me cuncta Italia, me omnes ordines, me universa civitas non prius tabella quam voce priorem consulem declaravit.

[II] Sed omitto ut sit factus uterque nostrum; sit sane Fors domina campi. Magnificentius est dicere quem ad modum gesserimus consulatum quam quem ad modum ceperimus. Ego kalendis Ianuariis senatum et bonos omnis legis agrariae maximarumque largitionum metu liberavi. Ego agrum Campanum, si dividi non oportuit, conservavi, si oportuit, melioribus auctoribus reservavi. Ego in C. Rabirio perduellionis reo XL annis ante me consulem interpositam senatus auctoritatem sustinui contra invidiam atque defendi. Ego adulescentis bonos et fortis, sed usos ea condicione fortunae ut, si essent magistratus adepti, rei publicae statum convulsuri viderentur, meis inimiciis, nulla senatus mala gratia comitiorum ratione privavi. Ego Antonium conlegam cupidum provinciae, multa in re publica molientem patientia atque obsequio meo mitigavi. Ego

magistratura sem encontrar rejeição? Eu posso dizer isso sobre mim com legitimidade, pois todo meu prestígio me foi concedido pelo povo romano por quem sou. E quanto a ti, quando eras questor: aqueles que nunca te viram confiavam-te o ofício em razão de teu nome. Foste edil. Um Pisão foi escolhido pelo povo, não este Pisão. A pretura te foi conferida, por causa de teus avós, novamente. Eles, mesmo mortos, são notáveis, tu, vivo, até agora não és reconhecido por ninguém. Quando o povo romano me elegeu questor em primeiro lugar, edil em primeiro lugar e pretor em primeiro lugar com todos os votos, ele me concedeu tal honraria não pela minha estirpe, não pelo caráter de meus ancestrais, e sim pela virtude que enxergaram em mim, não pela nobreza de que ouviram falar. Que direi então de meu consulado? Queres saber como o alcancei ou como administrei? Que desgraçado que sou! Comparando-me agora com esta peste, esta desgraça! Não vou discorrer tecendo comparações, mas preciso abarcar tudo sobre ele que está espalhado por aí. Tu te tornaste cônsul – nada direi mais grave que isso e que todos confessam – dados os problemas que à época assolavam a república, pela dissensão entre os cônsules, visto que não protestava naqueles que te chamavam cônsul o julgarem-te sequer digno da luz da vida, se não tivesses sido mais desprezível que Gabínio. Quanto a mim, toda a Itália, todas as classes, a cidade em peso me consagrou cônsul antes mesmo do resultado das tabelas.

[II] Mas deixo de lado o que cada um de nós realizou. Seja a Fortuna senhora do Campo. É mais magnífico dizer como administramos o consulado do que como o alcançamos. Eu, em primeiro de janeiro, libertei o senado e todos os bons do medo da reforma agrária e da desmedida dissipação. Eu, o campo Campano, quando não convinha dividi-lo, conservei, quando convinha, reservei aos melhores. Eu, no caso de Caio Rabírio, acusado de traição, sustentei e defendi a autoridade do senado contra a inveja, isso quarenta anos antes de meu consulado. Eu, a meu próprio risco, mas nenhum ao senado, privei dos comícios jovens bons e corajosos, mas dados àquela condição da fortuna que, se lograssem a magistratura, pareciam querer abalar a República. Eu, com paciência e complacência, acalmei meu colega Antônio, que desejava uma província e

provinciam Galliam senatus auctoritate exercitu et pecunia instructam et ornatam, quam cum Antonio commutavi, quod ita existimabam tempora rei publicae ferre, in contione deposui reclamante populo Romano. Ego L. Catilinam caedem senatus, interitum urbis non obscure sed palam molientem egredi ex urbe iussi ut, a quo legibus non poteramus, moenibus tuti esse possemus. Ego tela extremo mense consulatus mei intenta iugulis civitatis de coniuratorum nefariis manibus extorsi. Ego facies iam accensas ad huius urbis incendium comprehendi, protuli, extinxi.

planejava muitas coisas contra a República. Eu renunciei à província da Gália, bem provida de recursos e tropas pela autoridade do senado, quando troquei o cargo com Antônio, porque julgava favorável à República, em assembleia, contra a vontade do povo romano. Eu, quando Lúcio Catilina planejava matança no senado e a morte de Roma, o que não fazia escondido, mas publicamente, mandei-o sair da cidade, por cujas leis não pudéramos, mas por cujas muralhas pudemos ser salvos. Eu, no último mês de meu consulado, tirei das mãos nefastas dos conjurados as armas que miravam o pescoço dos cidadãos. Acesas as tochas e prestes a incendiar esta cidade, eu as segurei, denunciei e extingui.

SÍNTESE BIBLIOGRÁFICA

- ARISTÓTELES. *Retórica*. Tradução Manuel Alexandre Júnior, Paulo Farmhouse Alberto e Abel do Nascimento Pena. Casa da Moeda, 1998, p. 56-7. (Série universitária – Clássicos de filosofia)
- _____. *Problems II: Books 22-38*. Cambridge: Harbard University Press, 1942, p. 275.
- BONNER, Stanley F. *Education in Ancient Rome: from the elder Cato to the younger Pliny*. Berkeley and Los Angeles: University of California Press, 1977.
- _____. *Roman declamation in the late republic and early empire*. University Press of Liverpool, 1949.
- BAILEY, D.R. Schakleton. Pseudo-Sallust: *Cicero: letters to Quintus and Brutus*. Letter fragments. Letter to Octavian. Invectives. Handbook of Electioneering. Harvard University Press, 2002, p. 360-89.
- [CÍCERO]. *Ad. C. Herennium de ratione dicendi*. Trad. Harry Caplan. London: Loeb classical Library, 1942
- C. IULLI VICTORIS ARS RHETORICA: XXVII DE EPISTOLIS In *Rhetores Latini Minores*. Emendabat Carolus Halm. Lipsiae: Teubner, 1863.
- COSTRINO, Artur. *A lição dos declamadores: Sêneca, o Rétor, e as suasórias*. 2010. Dissertação (Mestrado em Letras Clássicas) - Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2011. Disponível em: <<http://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/8/8143/tde-08092011-112806/>>. Acesso em: 2014-01-06
- CHARLES DOS SANTOS, Gilson. Para uma descrição das Epistulae ad Caesarem de (Pseudo-) Salústio, *Codex*, vol. 2, n. 1, 2010, p. 145-161.
- FINCKH, C. E (Ed.). *Theonis Sophistae Progymnasmata*. Adnotationes selectas: JOACHIMI CAMERARII, JOHANNIS SCHEFFERI, CHRISTIANI WALZII. Stuttgart, 1834.
- HARTOG, François. *A História de Homero a Santo Agostinho*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2001.
- KENNEDY, G. *The Art of Persuasion in Greece*. Princeton (NJ), Princeton Univ. Press, 1963.
- KENNEDY, George A. *Progymnasmata: Greek Textbooks of Prose Composition and Rhetoric*, Writings by or attributed to: Theon, Hermogenes, Aphthonius, Nicolaus, together with: An Anonymous Prolegomenon to Aphthonius, Selections from the Commentary attributed to John of Sardis, and Fragments of the Progymnasmata of Sopatros. Atlanta: Scholars Press, 2003.
- Kurfess, Alphonsus. *Appendix Sallustiana: epistulae ad caesarem*. Bibliotheca Scriptorum Graecorum et Romanorum Teubneriana. Editio tertia.
- _____. De invectivis quae tamquam Salustii et Ciceronis traditae sunt, in *Mnemosyne*, v. 40, 1912, 364-380
- Last, Hugh. On the Sallustian Suasoriae. *The Classical Quarterly*, v. 17, n. 2, abr., 1923, p. 87-100.

- Last, Hugh. On the Sallustian Suasoriae II. *The Classical Quarterly*, v. 17, n. 3/4, jul. – out., 1923, p. 151-62.
- LAUSBERG, H. *Handbook of literary Rhetoric*, Brill, 1998, primeira parte.
- LEXICOGRAPHI GRAECI. VOL. I, *SUIDAE LEXICON*. Pars III, K–O, W. Edidit Ada Adler. Editio stereotypa editionis primae (MCMXXXIII), Stuttgart, Teubner, 1967. Pars IV, P–Y. Edidit Ada Adler. Editio stereotypa editionis primae (MCMXXXV). Stuttgart, Teubner, 1989.
- LIBÂNIO. *Libanius's Progymnasmata: Model Exercises In Greek Prose Composition And Rhetoric*. Translated with an introduction and notes by Craig A. Gibson. Society of Biblical Literature, Atlanta, 2008.
- MALHERBE, Abraham J. *Demetrius: On Style*. In *Ancient Epistolary Theorists*. Scholars Press. Atlanta, Georgia. pp. 16-9.
- MARTÍNEZ, Maria Dolores Reche. *Teón, Hermógenes, Antonio: Ejercicios de Retórica*. Madrid: Editorial Gredos, 1991.
- Novokhatko, Anna a. *The Invectives of Sallust and Cicero*. Critical Edition with Introduction, Translation, and Commentary. Berlin: Walter de Gruyter, 2009. (Sozomena. Studies in the recovery of ancient texts, vol 6.)
- PATILLON, Michel; BOLOGNESI, Giancarlo. *Aelius Theon: Progymnasmata*, Paris: Les Belles Lettres, 1997.
- PRADO, J. B. T. O texto documento: sugestões de trabalho, p. 35. In: LIMA, A. D. et al. *Latim: da fala à língua*. Araraquara: FCL/Departamento de Linguística/Unesp, 1992.
- QUINTILIAN. *The Institutio Oratoriae*. With an English translation by H. E. Butler. Cambridge/ London, Harvard University Press. Vol I, 1989; vol. II, 1989; vol. III, 1996; vol. IV, 1993
- ROLFE, J. C. *Sallust*. London: W. Heinemann (Loeb Classical Library), 1920.
- _____. C. Sallusti Crispi Bellum Iugurthinum; Historiarum reliquiae; Ad Caesarem senem de re publica epistulae. Introducció, traducció y notas de Agustín Millares Carlo. México: UNAM, c1998.
- _____. *Obras*, antiga tradução portuguesa de Barreto Feio. São Paulo: Edições Cultura, 1943.
- SCATOLIN, Adriano. *A invenção no Do Orador de Cícero: um estudo à luz de Ad Familiares, I, 9, 23*. 2009. 154 f. Tese (Doutorado em Letras Clássicas) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo. 2009.
- SYME, Sir Ronald. *Sallust*. With a new foreword by Ronald Mellor. University of California Press, v. 33, 2002.
- XX.Excerpta rhetorica e códice parisino 7530 edita: De Epistolis. In *Rhetores Latini Minores*. Emendabat Carolus Halm. Lipsiae: Teubner, 1863.
- WALZ, Christian. *Rhetores Graeci*. Stuttgart: Cottae, v.1, pp. 137-261, 1832-1836.